

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**ANA CARUSA PIRES ARAUJO**

**IDENTIDADES AFRODESCENDENTES EM *VENCIDOS E DEGENERADOS*, DE  
NASCIMENTO MORAES**

TERESINA  
2017

**ANA CARUSA PIRES ARAUJO**

**IDENTIDADES AFRODESCENDENTES EM *VENCIDOS E DEGENERADOS*, DE  
NASCIMENTO MORAES**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura, Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Elio Ferreira de Souza

TERESINA  
2017

A658i Araújo, Ana Carusa Pires.

Identidades afrodescendentes em *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes / Ana Carusa Pires Araújo. - 2017.  
119 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2017.

Área de concentração: Literatura, Memória e Cultura.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero  
“Orientador: Profº. Drº. Elio Ferreira de Souza.”

1. Identidade. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Negritude.  
4. Memória. 5. *Vencidos e degenerados*. I. Título.

CDD: 469



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

**IDENTIDADES AFRODESCENDENTES EM VENCIDOS E DEGENERADOS, DE  
NASCIMENTO MORAES  
ANA CARUSA PIRES ARAUJO**

Esta dissertação foi defendida às 16h, do dia 14 de junho de 2017, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ..... APROVADO ..... (Aprovado, não aprovado).

Elio Ferreira de Souza  
Professor Dr. Elio Ferreira de Souza – (UESPI)  
Orientador

Alcebiades Costa Filho  
Professor Dr. Alcebiades Costa Filho  
1º examinador – (UESPI)

Silvana Maria Pantoja dos Santos  
Professora Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos  
2ª examinadora – UESPI

Visto da Coordenação:

Algemira de Macedo Mendes  
Profª. Dra. Algemira de Macedo Mendes  
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em  
Letras da UESPI

Algemira de Macedo Mendes  
Coordenadora do Mestrado  
Acadêmico em Letras - UESPI  
Metrícula: 085952-3

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI  
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

*À minha mãe, Georgina Pires, por todo apoio  
e carinho*

## AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos a todas as pessoas que influenciaram para que esta pesquisa se realizasse, dando-me luz, direcionamento e encorajamento para driblar as dificuldades que encontrei ao longo desta trajetória.

Agradeço a Deus que iluminou os meus caminhos e meu deu forças e esperanças para acreditar que seria possível a construção desta dissertação. Aos meus familiares que, mesmo distantes geograficamente, estavam presentes no meu cotidiano. À minha mãe, Georgina Pires, minha maior incentivadora, exemplo de simplicidade e dedicação, que sempre me direcionou a trilhar os caminhos do estudo. A meu pai, Aluízio Araujo, por me apoiar nas decisões e sempre me direcionar para o lado do bem. As minhas irmãs, Ana Caroline e Rosa, que sempre torceram por mim. Aos outros membros da família que me incitaram direta ou indiretamente com esta pesquisa.

Agradeço a Nascimento Moraes (*in memoriam*), que através do seu único romance, *Vencidos e degenerados*, pude destrinchar os aspectos da identidade afrodescendente. Meu muito obrigada pela valiosíssima obra que nos deixou sobre a questão da escravidão no Brasil. Estendo meu agradecimento à bisneta de Nascimento, Natércia Garrido, que me presenteou com a obra e o empréstimo de outros materiais relacionados a Nascimento.

Ao meu orientador, Elio Ferreira, que me aceitou desde o início para percorrermos pelas trilhas da afrodescendência, aspecto este, tão marcante na identidade deste poeta afro-brasileiro. Agradeço a orientação recebida, as lições aprendidas e as experiências compartilhadas.

Aos professores do mestrado com quem pude aprender significativamente. Aos professores que contribuíram para minha qualificação, à querida professora Silvana Pantoja, que a partir de suas aulas, minha paixão pelos estudos da memória só aumentou. Obrigada pela contribuição na construção deste trabalho. Ao professor Alcebíades, por seu olhar histórico, que me ofereceu orientações valiosas e pelas sugestões de leitura.

Aos meus amigos da turma 5, por todos os momentos vividos, especialmente a minha amiga Risoleta, que se tornou uma irmã, que além de dividirmos o mesmo apartamento, dividimos muitas alegrias, angústias, confidências, choros, sorrisos e

sobretudo, cumplicidade. A Lilia Maria, que me alegra sempre com suas brincadeiras e verdades. A Viviana, primeira pessoa que fiz amizade no mestrado e que me acolheu de braços abertos em sua cidade. A Abílio, um ser humano sem igual, amigo de todas as horas.

A Bryan Viana, que muito me incentivou e ajudou nesses dois anos de mestrado. Aos queridos amigos do meu estado, Elaine, Thaís, Núbia, Alexsandra, Ana Cláudia, Iveline, Nayanna, Paloma, Dalva, Wallace, Rosa, Khiara, Priscila, Leandro, Eliane, Delza, Tadeu, Elianizinha, Elijames, Maxsuel e Valdério por acreditarem que seria possível a realização desse sonho.

Aos amigos que conquistei em Teresina e que estarão para sempre em meu coração: Daise, Herbert, Socorro, Juliana e Samuel. Aos alunos do curso de Letras da UESPI, a quem ministrei a disciplina Literatura e cultura afro-brasileira e indígena, de fundamental importância para minha formação.

À FAPEPI, pela concessão de bolsa para a pesquisa.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo do romance-crônica *Vencidos e degenerados*, do autor afro-maranhense Nascimento Moraes, publicado em 1915 e considerado um texto de fundamental importância, sobretudo por se tratar, em parte, de um registro testemunhal de episódios relacionados ao dia em que ocorreu a Abolição da escravatura no Brasil. O trabalho tem por objetivo principal o estudo da construção de identidades afrodescendentes a partir da memória e das experiências vivenciadas pelas personagens negras do romance. Aqui, são apresentadas discussões sobre os conceitos de identidade cultural, percorrendo vários caminhos que giram em torno dos conceitos de identidade. Focaliza-se o pertencimento e o autorreconhecimento da literatura afro-brasileira, tendo em vista as vozes, autores, obras e peculiaridades dessa literatura, cuja escrita afirma a identidade do negro. A pesquisa bibliográfica surge com as reflexões vindas dos estudos culturais, da sociologia, da antropologia, da literatura afro-brasileira e da história. Os ecos da Negritude em Nascimento Moraes são marcados pela militância do autor em defesa do negro, através dos escritos jornalísticos, dos episódios no romance, no conto “A preta Benedita” e na crônica “São Luís pitoresca”, sendo essas duas narrativas inseridas no texto por apresentarem aspectos peculiares da Negritude. A investigação permite rememorar o dia da Abolição da escravatura, através da memória e da relação que esta mantém com a identidade, propiciando mapear lugares e entre-lugares da afrodescendência na obra, como também, a denúncia contra o preconceito racial e a reafirmação do papel do negro na sociedade.

**Palavras-chave:** Identidade. Literatura afro-brasileira. Negritude. Memória. *Vencidos e degenerados*.

## ABSTRACT

This dissertation presents a study of the novel-chronicle *Vencidos e degenerados*, by the Afro-Maranhão author Nascimento Moraes, it was published in 1915 and was considered a text of fundamental importance, mainly because, in part, it is a testimonial record of episodes related to the day when occurred the Abolition of slavery in Brazil. The main objective of this paper is the study of the construction of Afro-descendant identities based on the memory and the experiences of the black characters of the novel. Here, some discussions are presented on the concepts of cultural identity, traversing several paths that revolve around the concepts of identity. It focuses on the belonging and self-recognition of Afro-Brazilian Literature, in view of the voices, authors, works and peculiarities of this Literature, whose the writing affirms the identity of the Afrodescendant. The bibliographical research emerges with the reflections coming from Cultural Studies, Sociology, Anthropology, Afro-Brazilian Literature and History. The echoes of Blackness in Nascimento Moraes are marked by the militancy of the author in defense of the black people, through the journalistic writings, the episodes in the novel, in the story "A preta Benedita" and in the chronicle "São Luís pitoresca", these two narratives have been inserted in the text because they present peculiar aspects of Blackness. The investigation allows us to recall the day of the Abolition of slavery, through memory and the relation that it maintains with the identity, propitiating to map places, between-places and non-places of Afrodescendence in the work, as well as the denunciation against racial prejudice and the reaffirmation of the black people's role in society.

**Keywords:** Identity. Afro-Brazilian Literature. Blackness. Memory. *Vencidos e degenerados*.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>  | <b>10</b>  |
| <b>1 IDENTIDADE E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA .....</b>  | <b>15</b>  |
| 1.1 Discutindo o conceito de identidade cultural afro-brasileira .....  | 15         |
| 1.2 Literatura afro-brasileira: pertencimento e autorreconhecimento nas<br>Vozes frodescendentes .....        | 26         |
| <b>2 ECOS DA NEGRITUDE EM NASCIMENTO MORAES .....</b>   | <b>40</b>  |
| 2.1 A militância do intelectual negro e as polêmicas de sua época .....                                       | 42         |
| 2.2 Nascimento jornalista: o texto como metáfora em defesa do negro .....                                     | 52         |
| 2.3 Negritude e engajamento no romance, no conto e na crônica de<br>Nascimento Moraes .....                   | 58         |
| <b>3 O PERCURSO DAS IDENTIDADES AFRODESCENDENTES EM<br/>VENCIDOS E DEGENERADOS, DE NASCIMENTO MORAES.....</b> | <b>77</b>  |
| 3.1 O dia da abolição da escravatura: a memória de um passado<br>escravo.....                                 | 82         |
| 3.2 A construção de identidades afrodescendentes: lugares, entre-lugares<br>e preconceito racial.....         | 94         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>110</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>113</b> |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre a identidade têm se tornado cada vez mais recorrentes na atualidade, por se tratar de um tema amplamente estudado e importante no meio acadêmico. Falar de identidade nos tempos atuais significa respeitar os valores e a diferença cultural, sob a ética da pluralidade de diferentes grupos ou nações. Há autores que falam de identidade pessoal, que são representados sob o ponto de vista pessoal e social. Há outros que concebem a identidade como coletiva, que está relacionada aos estudos culturais. Nesse prisma, a identidade cultural pode ser caracterizada pelo envolvimento do sujeito ou do grupo com determinadas culturas. Essa perspectiva está entrelaçada a outros temas, como gênero, modernidade, globalização, colonialismo, etnia. E é a partir dos estudos culturais que buscamos compreender como é construída a identidade do sujeito moderno, caracterizada como fragmentária e fluida e sabendo que a identidade cultural é o ponto que desencadeia a compreensão do estudo da literatura afro-brasileira. (HALL, 2011).

A literatura afro-brasileira vem se fazendo presente nas discussões de pesquisadores e estudiosos que se preocupam com as questões relacionadas à população negra. Com isso, a produção acadêmica tem fortalecido o debate em torno da identidade negra, devido à forma evidente como crescem os trabalhos acadêmicos sobre o assunto. O contato com a Literatura Maranhense, especificamente com a literatura produzida por autores negros, tem despertado o interesse de estudiosos sobre a escrita literária de José do Nascimento Moraes, como *Vencidos e degenerados*, publicado em 1915, que contribui para a construção de identidades e representações dos personagens afrodescendentes.

Este trabalho se justifica pela importância que a obra de Nascimento Moraes tem para os estudos afrodescendentes, uma vez que coloca o negro como protagonista da narrativa, dando-lhe voz e legitimando seu discurso. Isso percebemos na própria obra em estudo, no conto “A preta Benedita” e na crônica “São Luís pitoresca”, estes últimos utilizados como fontes de reconhecimento da negritude.

Encontramos, também, um caráter instigante, onde a todo o momento, descobrem-se novas nuances de suas múltiplas facetas, como a construção da narrativa dos episódios sob o ponto de vista do sujeito negro e a desconstrução do preconceito racial. Tal postura é assumida pelo narrador, que é retratado no

romance a partir do 13 de maio de 1888 e os primeiros anos da República na cidade de São Luís do Maranhão.

O estudo da obra de Nascimento Moraes justifica-se, particularmente, pelo seu valor literário e pela afirmação da tradição da literatura afrodescendente. Escritura esta que se reporta às experiências sociais e aos fatos históricos vivenciados pelos africanos escravizados e seus descendentes em diásporas nas Américas. No romance *Vencidos e degenerados*, dir-se-ia que essa narrativa romanesca se articula e bebe num dos ramos temáticos e estéticos da literatura negra, cuja gênese remonta à narrativa ou relato de testemunho individual e coletivo de autores negros que viveram a experiência da escravidão no Brasil. Daí porque se justifica o próprio subtítulo da obra em estudo, intitulada “Crônica maranhense”. Esse véis da narrativa põe-nos em frente às cenas narradas a partir da crônica histórica, relacionada ao dia da Abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, cujo espaço geográfico onde transcorre a ação romanesca é São Luís do Maranhão. O autobiográfico pode se atribuir ao próprio autor-narrador e sujeito negro, que narra a euforia dos homens e mulheres negras no dia 13, logo que tomam conhecimento da assinatura da Lei Áurea.

Uma vez passado o momento da euforia, Nascimento Moraes sempre com o seu olhar crítico ao preconceito racial e às injustiças sociais, faz um balanço trágico do que restou aos ex-escravos e seus descendentes, que continuaram muito pobres por não terem recebido qualquer recompensa ou indenização depois de ter enriquecido com o trabalho escravo a elite econômica do Maranhão.

Nascimento Moraes, um homem singular e de grande caráter, capaz de inquietar a elite da época com a utilização da pena, posicionava-se sempre a favor dos menos favorecidos e sobre as questões causadas pelo preconceito racial. Contra o negro, ele constrói textos voltados para a temática da negritude, como é o caso da obra em estudo. Nesse sentido, os personagens negros do romance são pessoas que têm uma história de participação e luta contra o preconceito arraigado na sociedade maranhense.

O trabalho de pesquisa é de cunho analítico-qualitativo. Propomos estudo da construção de identidades afrodescendentes e a representação do negro no *corpus* em análise. Tal abordagem, procura discorrer sobre os fatos históricos, que significam a memória e as experiências da população negra, sobretudo, os escravos ante os acontecimentos que culminaram com o 13 de maio, episódio que teria dado

um novo norte ao negro, no que diz respeito à afirmação de identidades afrodescendentes.

Esta dissertação possui três capítulos e está estruturada da seguinte maneira: O capítulo I intitula-se Identidade e literatura afro-brasileira. Divide-se em dois subcapítulos: o primeiro Discutindo o conceito de identidade cultural afro-brasileira, que se detém para explanação sobre a identidade do sujeito pós-moderno, que é o sujeito que não tem uma identidade fixa, conforme Hall (2011), a que Glissant (2005) chama de identidade compósita. Tecemos a discussão sobre a identidade cultural negra, que segundo Munanga (2015) caracteriza-se por ser plural. Para continuar falando sobre identidade, trilhamos os caminhos apontados por Bhabha (1998), Woodward (2014), Sodré (2015), Glissant (2005), Fanon (2008) e Gilroy (2012).

No segundo subcapítulo, Literatura afro-brasileira: pertencimento e autorreconhecimento nas vozes afrodescendentes, focalizamos os estudos críticos da literatura afro-brasileira, enfatizando, principalmente, os aspectos do negro como sujeito e não como objeto no discurso literário. Para o desenvolvimento deste item, utilizamos textos literários de diversos autores afrodescendentes que fortificam a compreensão da identidade negra: Ianni (2011), Duarte (2013), Lobo (2007), Evaristo (2009), Proença Filho (2004) e Fonseca (2011), dentre outros.

O capítulo II Ecos da negritude em Nascimento Moraes, divide-se em três subcapítulos. O primeiro é A militância do intelectual negro e as polêmicas de sua época, no qual descrevemos a contribui o de Nascimento Moraes para a sociedade maranhense. Aqui, enfocamos a trajetória social e literária do autor, como um sujeito combativo. Nascimento Moraes, desde cedo, foi muito envolvido com as questões literárias de sua cidade. Um dos resultados da sua participa o em diversas atividades literárias foi a funda o do grupo *Oficina dos Novos*, em 1900. Ao observar que as suas convic es estavam sendo ignoradas pelos membros do grupo, Nascimento Moraes, decide sair da *Oficina* e fundar a *Renascença Literária*. Logo após a cria o dessa agremia o, começam as acirradas discussões entre ele e Antônio Lobo, que polemizavam suas ideias através das páginas dos periódicos locais.

No subcapítulo seguinte, Nascimento jornalista: o texto como metáfora em defesa do negro, falamos sobre a relevância da escrita jornalística deste autor, pois

foi no jornalismo que ele teve grande notabilidade, colaborando com diversos periódicos da capital maranhense. Como grande polemista que fora, suas crônicas jornalísticas eram carregadas de metáforas em defesa do negro, que utilizava no combate ao preconceito racial e social sofrido por ele, discriminado diversas vezes por seus opositores.

Através dos seus escritos nas colunas jornalísticas da época, Nascimento não se deixou vencer pelos insultos recebidos de seus inimigos, rebatia-os, constantemente, por meio de sua prosa forte e irônica. Para demonstrar os embates entre Nascimento e Antônio Lobo, citamos trechos de algumas publicações dos jornais *Correio da Tarde* e *Pacotilha*, além do *A Campanha*, *Diário Oficial* e *A Imprensa*, que reforçam a reação do mestre em frente ao preconceito sofrido. Encontramos esses escritos no acervo da hemeroteca digital da Fundação da Biblioteca Nacional. Localizamos também o artigo “O africanismo de Bruno Menezes”, publicado pela *Revista Athenas*, que se encontra no acervo de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Benedito Leite, em São Luís e discorre sobre o sentimento do poeta Bruno Menezes com a África.

No terceiro subcapítulo, intitulado Negritude e engajamento no romance, no conto e na crônica de Nascimento Moraes, discorreremos sobre o conceito multifacetado de negritude, que possui um caráter político, ideológico e cultural e como ele se reflete na literatura de Moraes. Para tanto, achamos promissor abordar os movimentos de negritude que surgiram a partir de 1920, como a *Harlem Renaissance*, nos Estados Unidos, cujos militantes buscavam a ressignificação da ancestralidade africana. Este movimento motivou a criação do Movimento da Negritude da década de 1930, em Paris, tendo o poeta martinicano Aimé Césaire como figura ímpar na criação do termo negritude. Com isso, os movimentos de negritude foram expressivos para o reconhecimento dos negros em todo o mundo.

À luz desses movimentos, situamos a prosa de Nascimento Moraes e escolhemos a própria obra *Vencidos e degenerados* (2000), o conto “A preta Benedita”, retirado do livro *Vencidos e degenerados e Contos de Valério Santiago* (1982) e a crônica “São Luís pitoresca”, do livro *Neurose do medo e 100 artigos* (1982), por apresentarem os aspectos da negritude. No decorrer do segundo capítulo, recorreremos a Munanga (1988), Machado (1996), Moraes (1976) e Nascimento Moraes (1910), dentre outros.

No capítulo III, trilhamos O percurso das identidades afrodescendentes em *Vencidos e Degenerados*, de Nascimento Moraes, em que apresentamos o romance e algumas possibilidades de leitura que ele nos oferece. Do subcapítulo O dia da abolição da escravatura: a memória de um passado escravo, pretendemos analisar a veia memorialística dos personagens no dia do acontecimento histórico da Abolição da escravatura, rememorando os fatos ocorridos do 13 de maio. No último subcapítulo A construção de identidades afrodescendentes: lugares, entre-lugares e preconceito racial, pretendemos apreender o processo de construção de identidades afrodescendentes a partir do cotidiano em que os sujeitos negros estão inseridos, espaços que são marcados pela esperança de dias melhores, por uma sociedade igual entre negros e brancos e por uma valorização dos afrodescendentes, marcados por disputas, preconceitos e discriminações. Focalizamos alguns episódios da narrativa por evidenciar a construção e afirmação da identidade, com base nos estudos de Candau (2011), Le Goff (2003), Pollak (1989), Halbwachs (2006), Evaristo (2008), Duarte (2016), Bhabha (1998), Souza; Lima (2006) e outros.

## 1 IDENTIDADE E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

### INTEGRIDADE

Ser negra,  
Na integridade  
Calma e morna dos dias.

Ser negra,  
De carapinhas,  
De dorso brilhante,  
De pés soltos nos caminhos.

Ser negra,  
De negras mãos,  
De negras mamas,  
De negra alma.

Ser negra,  
Nos traços,  
Nos passos,  
Na sensibilidade negra.

Ser negra,  
Do verso e reverso,  
Do choro e riso,  
De verdades e mentiras,  
Como todos os seres que habitam a terra.

Negra  
Puro afro sangue negro,  
Saindo aos jorros  
Por todos os poros.  
(GUIMARÃES, 1986, p. 76).

### 1.1 Discutindo o conceito de identidade cultural afro-brasileira

*A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio (MUNANGA, 1995, p. 66).*

A dinâmica de mudanças ocorridas na economia, na tecnologia e na política são alguns fatores responsáveis pela mobilidade dos conceitos de identidade cultural no ocidente. Os horizontes dos conceitos de identidade têm se tornado uma verdadeira Babel. Ao mesmo tempo, fecunda e instigante são as discussões em torno do tema. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman declara que, “atualmente, no

entanto, a identidade é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência” (BAUMAN, 2005, p. 23).

Percorrer os significados que giram em torno dos conceitos de identidade é trilhar por caminhos diversos. Um dos caminhos a que vamos nos ater nesta pesquisa, versa sobre a concepção de identidade que lhe atribui um caráter fluido e fragmentário, em que o sujeito pós-moderno é caracterizado por ter uma identidade móvel, ou seja, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2011, p.12). A identidade passa pela redescoberta do indivíduo, tornando importante para o seu pertencimento e a construção da identidade.

Hall (2011) considera a identidade como um processo cultural, reafirmando seu “pertencimento” nas relações de poder, como podemos citar que, para ser negro não necessita participar de algum movimento que defenda a causa, mas, envolver-se na luta dessa classe, sentir-se verdadeiramente pertencente ao grupo, realizando trabalhos que tragam benefícios e, sobretudo, saber viver e conviver com sua cultura. Com base na compreensão do pertencimento étnico, o indiano Bhabha, no livro *O local da cultura* (1998) infere:

O afastamento das singularidades de classe ou gênero como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno (BHABHA, 1998, p. 19).

O pensamento de Bhabha reforça a ideia de que as identidades estão sempre em processo de formação, que elas não são fixas, estáveis, e que falar de sujeito, para este autor, denota expressar a constituição de sujeitos culturais híbridos. Sobre isso, Hall apresenta identidades culturais na pós-modernidade. Em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), traz à tona à discussão sobre as questões que envolvem identidade e cultura. O sujeito pós-moderno “é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente” (HALL, 2011, p. 14), e esta identidade é transformada constantemente pelos sistemas culturais. Segundo Hall, isso tem causado uma crise chamada de “crise de identidade”, pois na pós-modernidade, a identidade passa a ter outra configuração,

fazendo com que o sujeito tenha várias posições no lugar em que se encontra, de maneira a ser um sujeito fragmentado com muitas identidades, devido às transformações sofridas pelo meio social.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987) É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2011, p. 12).

Nesse ponto, o sujeito pode adquirir diferentes identidades. Dependendo do lugar que ocupa, ele apresenta atitudes que vão sendo modificadas socialmente, pois de acordo com Hall “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2011, p. 13). Com isso, a identidade do sujeito está ligada à modernidade tardia, que ocasiona a “crise de identidade”. Assim, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER apud HALL, 2011, p. 9).

Com isso, observamos a relação que o texto literário tem com a teoria dos estudos culturais, quando se propõe construir identidades, principalmente, a contribuição que dá aos grupos sociais minoritários. Dessa forma, as literaturas escritas por esses grupos, como a literatura afro-brasileira, busca reconhecimento, através da linguagem. Evaristo, no artigo Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade (2009), afirma que “os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (EVARISTO, 2009, p. 27). A poética afro-brasileira de Guimarães (1986), poema citado como epígrafe neste capítulo e torna-se peculiar pelo pertencimento étnico e de gênero, contribuindo para uma construção positiva da representação da população negra. O poema apresenta a experiência da história de uma mulher negra, interessada em combater o preconceito e a discriminação racial e social. Seus versos são carregados de afirmação da identidade negra. A valorização da cultura, a preservação da memória histórica do povo negro e o respeito aos seus ancestrais são algumas particularidades que encontramos na escrita de Guimarães. Por

consequente, “pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira” (EVARISTO, 2009, p. 19). Em *Pele negra, máscaras brancas* (2008) Fanon diz que:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida (FANON, 2008, p. 180).

Sob a ótica da concepção de Fanon, o homem é um ser que interage com as pessoas do seu ciclo, estando conectado com as várias esferas sociais que o rodeiam. Com esse contato, favorecerá a construção de sua identidade, sendo que esta identidade está relacionada ao diálogo da tradição cultural com a experiência dos indivíduos no seu grupo. A tradição é uma tradução, reestruturação do que se chama tradição. Em *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (2013), Hall afirma que essa tradição assume,

em geral, menos como doutrina do que *repertórios de significados*. Cada vez mais os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua existência. Eles fazem parte de relação dialógica mais ampla com o “outro” (HALL, 2013, p. 81-82, grifo do autor).

Nessa abordagem, o sujeito se utiliza da tradição para traduzir os aspectos sociais que o rodeiam, pois são esses aspectos que ajudarão a traduzir essa tradição. Ele reconhece a sua identidade cultural no momento em que interage com outras pessoas. A identidade cultural do sujeito é o alicerce para qualquer identidade e acontece a partir da socialização em grupo, sendo constituída por aspectos socio-históricos, que se incumbem estabelecer relações de circularidade no âmbito dos diálogos ou crises identitárias, evocada em diferentes momentos da cultura. No poema de Guimarães, o verso “Ser negra” se repete no decorrer do texto, demonstrando o seu pertencimento étnico, lutando pelo seu espaço social, como assinala Hall:

Frequentemente, a luta ideológica consiste na tentativa de obter um novo conjunto de significados para um termo ou categoria já

existente, de desarticulá-lo de seu lugar na estrutura significativa. Por exemplo, é justamente por conotar aquilo que é mais desprezado, despossuído, ignorante, incivilizado, inculto, maquinador e incompetente que o termo “negro” pode ser contestado, transformado e investido de um valor ideológico positivo (HALL, 2013, p. 213).

Com o passar dos tempos, o significado do conceito “negro” foi se transformando, “porque ‘negro’ antes significava tudo que devia ser menos respeitado, agora pode ser afirmado como ‘lindo’, a base de nossa identidade positiva, que requer e engendra respeito entre nós” (HALL, 2013, p. 215). Esse significado deixou de ser fixo, resultado da luta de práticas sociais que propiciaram o racismo, devido à construção negativa que era atribuída aos “negros” (HALL, 2013). Fanon (2008) expressa a necessidade do negro *fazer-se reconhecer*, que através da “atividade negadora”, luta por um mundo de reciprocidades.

Dessa maneira, a identidade do sujeito diaspórico está em trânsito, havendo várias mudanças em torno das transformações sociais, pois ela se constitui a partir do olhar que se tem sobre o outro e do olhar que o outro tem sobre nós. Sobre esse aspecto, Sodré, em *Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil* (2015), diz que as identidades negras são construídas a partir das raízes africanas, bem como os aspectos sociais, políticos e históricos que se deram devido aos antepassados africanos. Souza, em sua tese de doutorado, intitulada *Poesia negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes* (2006) aborda que “a identidade dos povos da Diáspora foi criada nesse tempo e lugar, reinventada nesses quinhentos anos da presença e participação do africano e seus descendentes na construção das Américas” (SOUZA, 2006, p. 64).

Dizer identidade é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela intersecção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências naturais, psicossociais e de relações com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento do “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente (SODRÉ, 2015, p. 39).

Nessa mesma linha de pensamento, discutindo a formação da identidade do sujeito na sua relação com o outro, Glissant, no livro *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), fala de identidade rizomática, afirmando que “o princípio de uma

identidade rizoma à existência de culturas compósitas, ou seja, culturas nas quais se pratica uma criouliização” (GLISSANT, 2005, p. 72). Assim, as identidades negras em diáspora possuem um caráter histórico e cultural, que é marcado pelo percurso histórico do africano, destacando a importância dos ancestrais na identidade social dos sujeitos.

A criouliização exige que os elementos heterogêneos colocados em relação “se intervalizem”, ou seja, que não haja degradação ou diminuição do ser nesse contato e nessa mistura, seja internamente, isto é, de dentro para fora, seja externamente, de fora para dentro (GLISSANT, 2005, p. 22).

Alinhando-se a essa ideia, o pesquisador Munanga, em *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* (2015), afirma que a identidade negra é plural, que mesmo devido às várias perseguições contra o afrodescendente, ele consegue ter uma visibilidade mais precisa, reflexo de uma conquista a cada dia, com a luta dos movimentos negros contemporâneos, sendo que “essa identidade passa pela sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude física e culturalmente” (MUNANGA, 2015, p. 14). Para que possa realmente existir uma identidade negra coletiva, faz-se necessário que os grupos e movimentos envolvidos com a causa, se fortaleçam em prol do reconhecimento, que exista um sentimento verdadeiro de pertença, pois “todo pertencimento é, assim, uma recíproca escuta na diferença, e toda identificação se dá no comum-pertencer, com acento forte no ato de pertencer” (SODRÉ, 2015, p. 44).

A identidade afro-brasileira construiu-se num campo simbólico, caracterizado pela pluralidade e pelas diversidades histórica, cultural e lingüística das diferentes etnias africanas, que contribuíram na formação das estruturas sócio-econômica e política da sociedade brasileira [...] Desse modo, a cultura identitária é como um rio que, no seu percurso, se alimenta de águas renováveis, um rio cujo curso é formado por águas passadas, presentes e futuras. A identidade cultural da Diáspora permanece em processo de formação ou em trânsito, caminha na encruzilhada de diferentes tempos e lugares. Está sujeita às contínuas mudanças, rupturas ou restaurações de práticas que se sucedem ao transcorrer da história, conforme economia, cultura ou religião (SOUZA, 2006, p. 103).

Como foi dito anteriormente, a identidade é uma “celebração móvel”, as identidades são sempre deslocadas em razão de aspectos culturais, históricos, de

gênero, de classe social e de outros aspectos que constituem o sujeito pós-moderno. Isso implica a dinâmica das identidades e suas mutações, uma vez que o sujeito constrói sua identidade através de práticas culturais, religiosas, sociais. É importante compreender a identidade “como um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (HALL, 2013, p. 16). Hall admite que os elementos externos sejam fundamentais para a construção da identidade.

Entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença (HALL, 2013, p. 33).

Não se pode falar de uma constituição de identidade negra sem levar em conta o sequestro, a travessia do africano, o exílio de seu território de origem e conseqüentemente, a exploração e a opressão na terra do degredo, o que resultou a diáspora negra. O sociólogo inglês Paul Gilroy, em *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2012), para refletir sobre a cultura negra na modernidade, apoia-se na ideia de diáspora e não na ideia de raça. Para tanto, apresenta a diáspora negra como um “aspecto transnacional”, havendo trânsito entre nações e um aspecto intercultural, tornando o mundo moderno cada vez mais híbrido:

Sob a ideia-chave de diáspora, nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geo-culturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem (GILROY, 2012, p. 25).

Para Gilroy (2012), o Atlântico Negro se apropria da ideia de desterritorialização da cultura, recusando uma identidade enraizada e estável e apropriando-se de identidades que são híbridas e dinâmicas e são construídas a partir de experiências de desenraizamento. O processo de diáspora redefine as construções históricas e culturais do pertencimento. Esse processo aludiu à desterritorialização, que suscitou a crise de identidade entre os negros do mundo. Hall assinala que “deslocamento-descentração dos indivíduos tanto no seu lugar no

mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2011, p. 9).

O africano e os seus descendentes escravizados que foram desterritorializados pela condição que, historicamente, foi-lhe imposta, são arrancados de sua tradição e deslocados na modernidade. Ao cruzarem os oceanos, esses povos são chamados de sujeitos diaspóricos e desenvolvem a “dupla consciência”. W. E. B. Du Bois (1999) enfatiza a ideia de nascer negro e ser afrodescendente na América, ou seja, “todos sentem alguma vez a sua dualidade – um lado americano, um lado negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços inconciliáveis; dois ideais em guerra em um só corpo escuro, cuja força tenaz é apenas o que a impede de se dilacerar” (GILROY, 2012, p. 248).

Sobre a dupla consciência, o poema “Elo”, do poeta gaúcho de Oliveira Silveira, significa em metáfora poética a relação entre a África e América, como se verifica:

Aqui meu umbigo túmido  
receptor de seiva  
neste lado do mar,  
nesta longe placenta.  
E África lá está  
na outra extremidade do cordão (SILVEIRA, 1981, p. 3).

Fica evidente a origem africana, que através das palavras túmido e cordão ressoam o som do tambor africano. O cordão umbilical da África mantém sua seiva aquém e além das fronteiras do Atlântico negro. O eu-poético de Silveira é um desses rizomas de culturas, resultantes de diferentes experiências diaspóricas, ressignificados em novas identidades afrodescendentes, multiculturalizadas. (SOUZA, 2006).

Woodward, no artigo Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual (2014), compartilha a ideia da diferença, ao afirmar que “a identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2014, p. 9). Com isso, a identidade na pós-modernidade está relacionada à afirmação da diferença. Sobre isso, Bhabha nos fala:

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença,

da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (BHABHA, 1998, p. 20, grifo do autor).

Bhabha (1998) diz que é por meio das fronteiras que as diferenças culturais entram em contato e passam a interagir. A negociação das diferenças culturais trabalha com a passagem entre-fronteiras, formando hibridismo cultural. Desenvolve o conceito de “entre-lugar”, que é o local intersticial, “a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença” (BHABHA, 1998, p. 20) em que a identidade está num processo de negociação. E “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (WOODWARD, 2014, p. 11).

Diante disso, o poema “Meu grito”, do poeta afro-brasileiro Oswaldo de Camargo, evoca suas raízes, evidencia a ligação com o continente africano. É a metáfora do grito do Atlântico negro, em que o eu-poético rememora a sua ancestralidade, assemelhando-a aos tempos da escravidão, que causa um silenciamento da África. O sujeito poético procura na força de Deus para encontrar a sua identidade, como podemos observar abaixo:

#### MEU GRITO

Meu grito é estertor de um rio convulso...  
Do Nilo, ah, do Nilo é o meu grito...  
E o que me dói é fruto das raízes,  
ai, cruas cicatrizes!,  
das bruscas florestas da terra africana!

Meu grito é um espasmo em que me esmaga,  
há um punhal vibrando em mim,  
rasgando meu pobre coração que hesita  
entre erguer ou calar a voz aflita:  
Ó África! Ó África!

Meu grito é sem cor, é um grito seco,  
é verdadeiro e triste...  
Meu Deus, por que é que existo sem mensagem,  
a não ser essa voz que me constrange,  
sem eco, sem lineios, desabrida?  
Senhor! Jesus! Cristo!  
Por que é que grito? (CAMARGO, 1961, p. 25)

No poema supracitado, as questões étnicas tornam-se identidade, que podem ser construídas e reconstruídas diante dos processos que estão envolvidos, possibilitando aos leitores e críticos estabelecerem vários significados. Woodward aborda sobre a representação das identidades:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, p. 18).

Como fala Woodward (2014), a identidade também pode ser construída pelos “sistemas simbólicos”, onde cada grupo social apresenta seus símbolos de representação. No caso dos afrodescendentes, os símbolos representam o coletivo, o povo, a cultura, os ancestrais, a história, os costumes, a religião, entre outros temas que lhes são recorrentes. Nesse sentido, é que as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2014, p. 8).

Ao conhecer e valorizar a história, a cultura dos antepassados africanos e sua própria experiência em diáspora, o negro assume a condição de sujeito e se autorreconhece como homem e mulher negra, capaz de reescrever e inscrever a sua história social nos lugares ou países de pertencimento. E isso também é possível na literatura, quando o autor impõe à sua escrita uma ótica que se baseia na “identidade de dentro” (CUTI, 2010), pois “os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira” (CUTI, 2010, p. 87). Em entrevista concedida a *Revista Submarino*, Cuti afirma que trata da “questão racial”, em seus textos literários, da seguinte forma:

libertar-me da autocensura. Para isso é fundamental permitir-me vislumbrar um horizonte de leitores negros. Depois, deixo-me brincar com as palavras, entrelaçando a questão racial em seus vários ângulos, inclusive abordando os brancos e seus complexos enquanto matéria ficcional. Também é importante para mim o jogo de desmontar os estereótipos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ver site do escritor Cuti: <http://www.cuti.com.br/#!entrevsubmarino/c18an>

Cuti fala de libertar-se, primeiramente, da sua “autocensura”, para assim, libertar seu coletivo. Busca aproximar-se do seu leitor negro através de questões que permitem desconstruir estereótipos, bem como a constituição da memória cultural afro-brasileira, temas relacionados a racismo, preconceito, discriminação, matriz africana e também sobre “identidade subjetiva” por meio de um “sujeito enunciador”. Nesse contexto, “a solidariedade está na base da identidade negro-brasileira, juntamente com o desejo de pertencimento” (CUTI, 2010, p, 90).

### SOU NEGRO

Sou negro  
 Negro sou sem mas ou reticências  
 Negro e pronto!  
 Negro pronto contra o preconceito branco  
 O relacionamento manco  
 Negro no ódio com que retranco  
 Negro no meu riso branco  
 Negro no meu pranto  
 Negro e pronto!  
 Beiço  
 Pixaim  
 Abas largas meu nariz tudo isso sim  
 - Negro e pronto! –  
 Batuca em mim  
 Meu rosto  
 Belo novo contra o velho belo imposto  
 E não me pego em ser preto  
 Negro pronto  
 Contra tudo o que costuma me pintar de sujo  
 Ou que tenta me pintar de branco  
 Sim  
 Negro dentro e fora  
 Ritmo – sangue sem regra feita  
 Grito – negro – força  
 Contra grades contra forças  
 Negro pronto  
 Negro e pronto  
 Negro sou! (CUTI, 1978, p.9)

O eu-lírico declara sua identidade negra, ao utilizar o discurso em primeira pessoa, assumindo sua posição de “Negro e pronto” diante dos preconceitos que foram e são criados ao longo da história. As características físicas, como, os cabelos, os lábios e o nariz “ganham importância no texto quando estabelecem um diálogo com a simbologia que têm na sociedade” (CUTI, 2010, p. 92), representando a conscientização da identidade do negro no poema, cujos versos assumem uma

postura identitária negra, que ridiculariza a sociedade preconceituosa, que nega a diferença e o valor cultural do outro. Para Fanon (2008), o objetivo do discurso do colonizador é inferiorizar o negro.

## 1.2 Literatura afro-brasileira: pertencimento e autorreconhecimento nas vozes afrodescendentes

### *SOU NEGRO*

*Sou Negro  
meus avós foram queimados  
pelo sol da África  
minh`alma recebeu o batismo dos tambores  
atabaques, gonguês e agogôs*

*Contaram-me que meus avós  
vieram de Loanda  
como mercadoria de baixo preço  
plantaram cana pro senhor do engenho novo  
e fundaram o primeiro Maracatu.*

*Depois meu avô brigou como um danado  
nas terras de Zumbi  
Era valente como quê  
Na capoeira ou na faca  
escreveu não leu  
o pau comeu  
Não foi um pai João  
humilde e manso*

*Mesmo vovó  
não foi de brincadeira  
Na guerra dos Malês  
ela se destacou*

*Na minh`alma ficou  
o samba  
o batuque  
o bamboleio  
e o desejo de libertação [...]  
(TRINDADE, 1961, p. 42).*

Os estudos críticos da literatura afro-brasileira ou literatura negra têm nos revelado a dinâmica do conceito dessa escritura literária, criada por homens e mulheres negras. Isso ocorre à proporção que novos autores são descobertos, lidos e estudados (SOUZA, 2006). Nesse sentido, Evaristo tem levado em consideração a “subjetividade construída, experimentada, vivenciada” (EVARISTO, 2009, p. 17) de

autores negros. Nessa escrita tem por preferência temas como a condição humana da diáspora negra, a experiência pessoal e coletiva do autor negro e seus descendentes (SOUZA, 2006), possibilitando seu pertencimento no meio social. Ianni, em *Literatura e consciência* (2011) diz que:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, tema, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e se transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo (IANNI, 2011, p. 183).

Ao longo dos tempos é que a literatura negra vai se constituindo e se reafirmando, a partir da descoberta de textos que representam o negro com olhar positivo, seja como sujeito que exprime sua “subjetividade”, seja como sujeito social e histórico. Nesse aspecto, Ianni, afirma que “o negro é o tema principal da literatura negra. Sob muitos enfoques, ele é o universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura” (IANNI, 2011, p. 184). Corroborando essa ideia, Duarte, em *O negro na literatura brasileira* (2013), enfatiza que:

É outro o lugar do negro na literatura de autoria negra. E aqui, toma-se como premissa o reconhecimento da existência de um segmento específico – afro-identificado – presente em nossa produção literária. Esta vertente negra ou afro-brasileira se constitui aos poucos, como processo e devir [...] (DUARTE, 2013, p. 148).

Lobo, em *O negro de objeto a sujeito* (2007), diz que existe uma transformação significativa entre os estudos sobre o negro que ocorreram no passado e os que surgem na década de 1980. A estudiosa afirma que é sobre o fato do negro deixar de ser objeto, passando a ser sujeito, autor, dentro da literatura, provocando, assim, incômodos em pessoas que preferem silenciar as vozes que retrataram o que escravidão representou para o povo brasileiro e seus resultados, o apagamento da memória, negligenciado pela ausência de estudos sobre a literatura afro-brasileira. “Assim, poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária que se assume ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação própria” (LOBO, 2007, p. 315).

Ela surge como etnicidade, isto é, fora de órbita da natureza e como assunção de um determinado pertencimento identitário, para além dos condicionamentos fenotípicos. Assim, cabe ao estudo deste conjunto heterogêneo de autores verificar, tanto a afro-descendência celebrada, assumida ou apenas admitida (às vezes de modo envergonhado), quanto aquela outra, subalternizada e reprimida socialmente, recalcada ou mesmo explicitamente repudiada (DUARTE, 2005, p. 124).

A constituição de um *corpus* literário na literatura afro-brasileira se faz presente a partir da identidade do negro, que expressa em seus textos a sua singularidade, carregados de fatores sociais, políticos, ideológicos e étnicos, deixando de ser mero objeto, para assumir a condição de sujeito que, segundo Proença Filho, no artigo A trajetória do negro na literatura brasileira (2004), apresenta uma atitude compromissada com sua própria história, tornando-se protagonista. O discurso literário afrodescendente propõe que o negro olhe para si e para o mundo que o cerca. Essa escrita tem suas peculiaridades e diferenças em vários aspectos, diferindo do cânon literário europeu, cuja perspectiva do narrador ou ator negro se configura na afirmação ou no autorreconhecimento de identidades afrodescendentes. É através do aspecto “afro-identificado”, que os

personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (EVARISTO, 2009, p. 19).

Surgem no cenário brasileiro, textos literários que reforçam a ideia de uma identidade negra e como afirmou Ianni (2011) que a literatura negra não surge de um momento para outro e nem garante sua autonomia logo de início. É com o passar do tempo, que a afirmação da literatura afro-brasileira vai tendo voz e vez, como na seguinte quadra do poeta Domingos Caldas Barbosa:

Tu és Caldas, eu sou Caldas;  
 Tu és rico, e eu sou pobre;  
 Tu és o Caldas de prata;  
 Eu sou o Caldas de cobre (BARBOSA, 1943, p. 20).

Os seus versos possuem um pertencimento étnico através da linguagem empregada, que favorece o ritmo do ludus e das modinhas. É considerado um precursor. Segundo Camargo, em *O negro escrito* (1987), Caldas Barbosa é “o único poeta do século XVIII que resiste ser citado, como escritor negro, à força do texto” (CAMARGO, 1987, p. 17), observando que em seus textos há elementos de africanidade. É também citado por Roger Bastide, em *A poesia afro-brasileira* (1943); por Elio Ferreira, em *Identidade e solidariedade na literatura do negro brasileiro* (2005).

Valendo-se da perspectiva de voltar o olhar para a “assunção do negro como sujeito do seu discurso” é que insistimos em falar e reforçar em uma “literatura do negro” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 193). Nesse sentido, achamos promissor apresentar as vozes precursoras e os legados que nos deixaram.

No século XIX, surgem grandes nomes, tanto na poesia como na prosa. Luiz Gama, filho de Luíza Mahin, negra livre, líder da Rebelião do Malês e de um fidalgo português, que o vendera, quando o menino Luiz tinha dez anos de idade. Foi um dos maiores líderes abolicionistas do Brasil, participou ativamente de movimentos a favor da libertação dos escravos. Segundo Souza e Lima, no livro, *Literatura afro-brasileira* (2006), Luiz Gama “assume uma posição irônica contra a sociedade e mesmo contra os que, como ele, alcançaram um lugar indefinido entre ser ou não ser escravo num país que determinava o lugar do indivíduo pelo seu pertencimento étnico” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 36). Na segunda edição do livro *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1861) foi publicado o poema “Quem sou eu?”, conhecido também por “A borrhada”, que satiriza o contexto político e social do século XIX. Em tom irônico, Luiz Gama, brinca com as palavras, principalmente, com a palavra “bode” satirizando àqueles que insistiam em tratar os negros com desprezo. (FERREIRA, 2005). Vejamos nos fragmentos que segue:

[...]  
 Se negro sou, ou sou bode  
 Pouco importa. O que isto pode?  
 Bodes há de toda casta  
 Pois que a espécie é muito vasta...  
 Há cinzentos, há rajados,  
 Baios, pampas e malhados,  
 Bodes negros, bodes brancos,  
 E, sejamos todos francos,

Uns plebeus e outros nobres.  
 Bodes ricos, bodes pobres,  
 Bodes sábios importantes,  
 E também alguns tratantes...  
 [...] (GAMA, 1904, p. 112).

Na mesma época em que “Luiz Gama publicava suas Primeiras trovas burlescas, Maria Firmina dos Reis trazia a público *Úrsula*” (DUARTE, 2005, p. 21). Esta escritora abolicionista, dedicou boa parte de sua obra à questão da escravidão. “*Úrsula* deve ser considerado o romance pioneiro nas letras femininas” (LOBO, 2011, p. 111) no Brasil e assinado por “uma maranhense”. Esta narrativa romanesca deu início à prosa de ficção na literatura afro-brasileira.

Em meio ao reconhecimento da narrativa firminiana, muitos foram os estudiosos que se preocuparam em afirmar a sua importância para a história das letras afrodescendentes, dentre os quais podemos destacar Nascimento Moraes Filho<sup>2</sup>, que publica em 1975, a biografia da autora, os estudos críticos de Eduardo de Assis Duarte<sup>3</sup>, dentre outros textos.

No romance *Úrsula*, Maria Firmina dá voz aos antepassados para retratar a escravidão vivenciada pelo negro. A personagem Susana narra a sua própria história de pessoa livre, como era sua vida na África, até o dia em que fora capturada, sequestrada e transportada no porão de um navio negreiro, tornando-se “mercadoria humana”, como fora feito com os mais de dez milhões de africanos transportados e escravizados no Brasil.

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome da minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão [...] Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa (REIS, 2009, p. 116-117).

<sup>2</sup>Conseguiu ressignificar a produção literária de Maria Firmina, com a obra: *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*.

<sup>3</sup>Publicou em 2004, *Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira*.

Merece ainda destaque o conto “A Escrava”, publicado em 1887, que constrói a imagem do escravo representado como uma pessoa dotada de individualidade e valores. Os personagens escravos são protagonistas dos episódios narrados, como sujeitos que possuem vontade própria, repletos de experiências pessoais e históricas, portadores de identidades étnico-culturais.

A autora apresenta um discurso antiescravagista, em defesa da integridade humana do escravizado. Nas palavras da narradora do conto “A Escrava”: “[...] faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezanove!” (REIS, 2009, p. 241). “Uma senhora”, personagem da narrativa, assim como aparece no conto, em uma reunião social, revela a sua posição em frente à escravidão:

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha: porque de frente altiva e desassomburada não podemos encarar as nações livres: por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em essas veias não gira uma só gota de sangue escravo... (REIS, 2009, p. 242).

Na mesma trilha antiescravagista de ficção e do conto de Reis, chamamos atenção para Machado de Assis, cuja obra é extensa e variada, destacando-se, principalmente, como contista e romancista de maneira excepcional. Em suas narrativas existe uma preocupação em averiguar a condição humana e social, por criticar a sociedade da época, onde seus personagens são caracterizados pelo interesse, ausência de consciência moral, hipocrisia social e mesquinhez. Machado não estereotipa os seus personagens negros, apresenta, sim, a condição humana daqueles que sofrem com o sistema patriarcal e escravocrata. Os negros são pessoas comuns, que têm defeitos e qualidades, assim como os brancos e são dotados de sentimentos e desejos. É o que acontece no conto “O Caso da Vara”, em que a Sinhá Rita, membro da família patriarcal rodeada de seus subordinados afrodescendentes, não aceita que eles se intrometam em sua conversa com o jovem

branco Damião, o protagonista da narrativa, mas o olhar é desviado para Lucrécia, como é descrito abaixo:

[...] Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

- Lucrécia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia recebia o castigo do costume. Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, senão acabasse a tarefa (ASSIS, 2011, p. 201).

A temática da violência contra a criança escrava é apresentada de maneira sutil, mas possui forte teor irônico. Essa ironia é construída sob o véu da metáfora narratória. É o que Duarte, em seu estudo *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo* (2009) destaca que “para refletir sobre as marcas da afro-descendência presentes nos textos, não há como descartar as estratégias de caramujo empregadas pelo autor” (DUARTE, 2009, p. 253), bem como, a influência do meio social em que o autor estava inserido, aproximando ao conceito de literatura negra. Fonseca, em *Literatura negra: os sentidos e as ramificações* (2011) enfatiza que Duarte em seu trabalho *Machado de Assis afro-descendente*, tem um olhar apurador, mergulha nos textos literários de Machado “e consegue evidenciar, no projeto literário machadiano, uma denúncia sutil da hipocrisia característica das elites da sociedade brasileira escravocrata” (FONSECA, 2011, p. 256).

Todavia, a forma dissimulada, homeopática, com que vai introduzindo a questão étnica e a crítica ao escravismo foi vista como absenteísmo e denegação de suas origens. [...] fato de o autor não ter assumido abertamente uma postura militante no movimento abolicionista, opção esta que, de resto, iria de encontro à maneira discreta e ‘encaramujada’ (como bem define Astrojildo Pereira) que pautou seu comportamento ao longo da vida (DUARTE, 2009, p. 253).

Além dos poetas já citados, o maior poeta do Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa, filho de escravos, combateu o preconceito e a escravidão, e foi vítima de

amargas atitudes racistas da sociedade catarinense. Na prosa poética “Emparedado”, o poeta negro fala da condição de “emparedamento social”, devido à cor de sua pele. De acordo com Brookshaw, em *Raça e cor na literatura brasileira* (1983) esta prosa “[...] trata-se de um testemunho complexo e ornado de luta do poeta para acabar com as limitações de uma existência medíocre da qual faziam parte a cor, as origens raciais, o preconceito, a ignorância e o dogma científico” (BROOKSHAW, 1983, p. 159).

“No século XX, a literatura dá contornos bem delineados às questões específicas do negro brasileiro” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 36). Nesse limiar de uma constituição da literatura afro-brasileira, surge Lima Barreto, filho de mestiços, polêmico jornalista e escritor, que combateu a liberdade do povo negro, deixando uma imensa contribuição à literatura brasileira. Conforme Rabassa, no livro *O negro na ficção brasileira* (1965), Lima Barreto “era um homem de bom gosto, não só em suas leituras, como no que escrevia, mas, ao mesmo tempo, procurava o meio de expressão que melhor representasse o Rio de Janeiro e as personalidades de seus habitantes” (RABASSA, 1965, p. 365). Brookshaw (1983) afirma que os romances de Lima Barreto abrangem o “nível de consciência social”, caracterizando-o como escritor afrodescendente e precursor do “realismo social” das décadas de 30 e 40.

Eis que aparece no cenário brasileiro, mais especificamente, em São Luís do Maranhão, “relegado pela historiografia literária” (DUARTE, 2013, p. 149) José do Nascimento Moraes, “o afrodescendente mais lutador, independente, brioso e preparado que o Maranhão já conheceu até hoje” (SANTOS, 2011, p. 311). Foi romancista, poeta, cronista, ensaísta, jornalista, presidente da Academia Maranhense de Letras e professor do Liceu Maranhense. Seu único romance, *Vencidos e degenerados*, publicado pela primeira vez em 1915, é apontado como um texto de grande relevância por tratar a escravidão no Brasil, como temática romanesca, o qual é objeto de análise neste trabalho e nele vamos nos debruçar para encontrar as marcas da identidade na escrita de Nascimento Moraes, como podemos constatar na passagem em que os abolicionistas José Maria Maranhense, João Olivier e outros saem pelas ruas de São Luís para comemorar a libertação dos escravos:

Maranhense não se tinha em si de alegria: a todos abraçava, atabalhoadamente, derramando uma verbosidade sem fim. Olivier,

ufano, chega à janela e fala ao povo que se apertava na rua estreita. Nesta ocasião rebenta um grupo de abolicionistas, companheiros de Maranhense, rompendo violentamente a multidão. Levantou-se um novo aranzel: novos discursos, novos abraços, José Maria não se contém: lança-se, por sua vez, à janela, e saúda os seus irmãos de luta. Vitor Castelo responde, inflamado, fogado, sacudindo o chapéu ao ar, num estrondoso *viva à Isabel!* (MORAES, 2000, p. 35, grifo do autor).

Como podemos observar até aqui, as personagens negras não aparecem de maneira estereotipada, tampouco são apresentadas como mero objeto. Apresentam, sim, seus pontos de vista, aspectos recorrentes de sua etnia, admitindo sua cor e abordando temas que lhes são peculiares, como costumes, religião, preconceitos, cultura e, principalmente, a necessidade de uma escrita afrodescendente que aborde sua identidade. Assim, Lobo (2007) define a literatura afro-brasileira como

a produção literária que assume ideologicamente como tal, utilizando um sujeito da enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo.) (LOBO, 2007, p. 315).

E esse “sujeito da enunciação próprio” podemos encontrar nos poemas de Trindade. Para Souza (2006), é o nome mais expressivo da poesia do movimento de negritude brasileira, entre os anos de 1940 a 1960. E que o poeta se reporta ao “mundo negro”, da história e da memória dos seus antepassados negros. Na poesia de Trindade, temos a leveza do canto, a canção da saga e da história de resistência que se faz da diáspora africana nas terras do Brasil; que fala da altivez e liberdade, como no poema “Sou Negro”, apresentado no início deste tópico.

O autorreconhecimento é mencionado no título do poema, onde o eu-poético declara sua negritude. Revela a história dos seus antepassados, das batalhas que participaram e do orgulho e admiração que tinha pelos seus avós. Deixa-nos embalar pelos seus cantos bem ritmados, pela presença da herança cultural e pela sua linguagem simples, revelando a aproximação com o seu povo “e o desejo de libertação”. Logo, podemos perceber no poema três aspectos, segundo Aimé Césaire<sup>4</sup>: “identidade, fidelidade e solidariedade”.

---

<sup>4</sup> Retirado do livro *Negritude*, de Kabengele Munanga, 1988, p. 44

Trindade é um dos principais representantes do movimento de Negritude no Brasil. Em 1950, funda o Teatro Popular Brasileiro com a esposa Margarida Trindade e Edison Carneiro. Antes disso, segundo Proença Filho (2004), aparece na imprensa, desde 1915, a edição de vários jornais que abordavam temas relacionados à população negra. Ele cita alguns: “*Menelik* (1915-1935), *O Clarim da Alvorada* (1924-1937), *Voz da raça* (1924-1937); em 1931 surge a Frente Negra Brasileira” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176). Esses movimentos foram importantes: “desde a gênese da literatura negra no Brasil, a conscientização racial e o auto-reconhecimento do negro na sua própria escritura se devem em parte ao ativismo político-ideológico e cultural dos poetas engajados à questão do negro” (SOUZA, 2006, p. 27).

Na década de 1940, o Teatro Experimental do Negro (TEN) assumiu a posição inicial, tendo como foco desenvolver a dramaturgia do negro no Brasil. O TEN visa à afirmação dos valores dos negros e, para eles, a negritude era uma filosofia de vida, e associado a essa concepção, estava o combate ao racismo, a luta pelas ideias de igualdade, que eram práticas peculiares a esse movimento, como Abdias do Nascimento, escritor e fundador do TEN reforça em seu livro *O negro revoltado* (1968):

A Negritude, em sua fase moderna mais conhecida, é liderada por Aimé Césaire e Leopoldo Sédar Senghor, mas tem seus antecedentes seculares como Chico-Rei, Toussaint L’Ouverture, Luís Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Lima Barreto, Yomo Deniata, Lumumba, Sekou Touré, Nkrumah e muitos outros. Trata-se da assunção do negro ao seu protagonismo histórico, uma ótica e uma sensibilidade conforme uma situação existencial, e cujas raízes mergulham no chão histórico-cultural. Raízes emergentes da própria condição de raça espoliada. Os valores da Negritude serão assim eternos, perenes, ou permanentes, na medida em que for eterna, perene ou permanente a raça humana e seus subprodutos histórico-culturais (NASCIMENTO, 1968, p. 50).

A publicação dos *Cadernos Negros*, em 1978, pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo surge também com a finalidade de afirmação étnica. O grupo foi fundado por Cuti, Oswaldo de Camargo, Mário Jorge Lescano, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros. Com o objetivo de “discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura”<sup>5</sup>, além de incentivar o hábito da leitura e a propagação sobre

<sup>5</sup> Ver site Quilombhoje: [www.quilombhoje.com](http://www.quilombhoje.com)

os conhecimentos envolvendo a cultura negra. O primeiro volume dos *Cadernos* foi editado pelos próprios autores em regime de cooperativa, assim como as edições subsequentes desse periódico. Do número 1 dos CNs participaram oito pessoas, cuja edição teve formato de livro de bolso. Desde então, o periódico passou a ser publicado anualmente, intercalando os gêneros literários poemas e contos. Duarte (2013) endossa que a proposta dos CNs:

[...] sobressai o tema do negro, enquanto individualidade e coletividade, inserção social e memória cultural. E, também, a busca de um público afrodescendente, a partir da formalização de uma linguagem que denuncia o estereótipo como agente discursivo da discriminação (DUARTE, 2013, p. 28).

Embora essa publicação de escritores e escritoras afro-brasileiros não tenha ainda atingido a recepção merecida entre os leitores do país, os *Cadernos* vêm conquistando pouco a pouco uma legião de pesquisadores, professores e estudantes no meio acadêmico. Os poemas e contos publicados pelo periódico têm se tornado motivo de muitos artigos, ensaios, dissertações e teses acadêmicas. Isso em função desse *corpus* literário significar espaço de representação temática, como a afirmação de identidades negras, resistência, desconstrução de preconceitos raciais, valorização da história e da memória dos afrodescendentes em diáspora no território africano, dentre outros elementos, que tratam da condição humana desses povos. Os *Cadernos* reúnem vários escritores, como Conceição Evaristo, Cuti, Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Elio Ferreira, Mirian Alves, entre outros, que tratam a identidade negra com um olhar positivo, deixando as marcas das afrodescendência em seus escritos.

Ao analisar um texto literário e classificá-lo como literatura afrodescendente, o crítico/pesquisador “não pode se reduzir a simplesmente verificar a cor da pele do escritor, mas deve investigar, em seus textos, as marcas discursivas que indicam (ou não) o estabelecimento de elos com esse contingente de história e cultura” (DUARTE, 2005, p. 124). Assim, é necessário que o leitor se aproprie da produção escrita de autores que retratem as experiências vividas por afrodescendentes. Nesse âmbito, Duarte (2013) reitera:

Vejo no conceito de literatura afro-brasileira uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de

um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Adão Ventura, passando pelo “negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto -, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isto mesmo, inscreve-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária (DUARTE, 2013, p. 34).

Duarte (2013) destaca também a existência de elementos que admitem a identificação e o pertencimento de textos voltados para essa literatura, são eles: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público.

A temática compreende a inclusão da experiência do negro no texto literário, ou seja, apresentando fatos vivenciados pelos afrodescendentes, como a diáspora negra no Brasil, relatos sobre a escravidão e o que representou esse período histórico tão massacrante para os negros, “abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o novo mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade” (DUARTE, 2013, p. 36). No poema, “Até quando?”, do afrodescendente José Aílton Ferreira, mas conhecido como Bahia, publicado nos *Cadernos Negros* (1988), cem anos após a Abolição da escravatura, ainda continua atrelada a uma realidade de desigualdades dos direitos dos negros, o poema fala por si, carregado de questionamentos:

#### ATÉ QUANDO?

Até quando os grilhões  
a limitar nossa ação?  
até quando a escravidão  
prevalecerá entre nós?

Quando deixaremos de ser  
a sub-raça a subserviência  
dos mediócrs feudais?

Quando sairemos ilesos  
desse estágio medieval  
no qual estamos submersos?  
Até quando perdurará  
essa beocidade extrema  
rotulada de RACISMO? (BAHIA, 1988, p. 23)

A autoria está relacionada ao sujeito, que afirma no discurso a sua maneira de ver e sentir o mundo através da literatura, o que “é preciso compreender a autoria não como um dado ‘exterior’, mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária” (DUARTE, 2013, p. 38). A identidade afrodescendente parte da “*escritura e experiência*” vivenciada pelo indivíduo, chegando à coletividade. O poema “Vozes-Mulheres”, de Evaristo, convoca as vozes da mulher negra, que se encontram aprisionadas no silenciamento social e histórico, formulando um discurso de resistência coletiva. A voz enunciativa remete a um passado que está ligado a um presente e um futuro, que vivem concomitantemente no texto.

#### VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó

Ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem –o hoje –o agora.  
na voz de minha filha

se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade (EVARISTO, 1990, p. 32).

Outro elemento que merece destaque é o ponto de vista. Ele deixa clara a visão de mundo, as ideologias, os valores e as concepções que o autor carrega consigo. “Diante disso, a ascendência africana ou a utilização do tema são insuficientes. É necessária ainda a assunção de uma perspectiva identificada à história, à cultura [...]” (DUARTE, 2013, p. 40).

A linguagem é constituída de significados que estão expressos nos textos literários. Dessa maneira, o discurso afro-brasileiro se alicerça de vocabulários vindos da África, que estão imbricados no processo de transculturação no Brasil, destacando ritmos e entonações próprios.

O último elemento que Duarte enfatiza é o público. Partilha a ideia de que os escritores visam ter um público leitor afrodescendente. E que existem duas tarefas necessárias: a primeira é propagar a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor conheça, envolva-se e perceba a identidade dos negros; a segunda, a capacidade de conversar com o leitor, combatendo preconceitos raciais e diminuindo a discriminação.

A interligação entre esses elementos propicia a existência da literatura afro-brasileira. Eles se apresentam em textos de épocas diferentes. “Ora configurada a partir da afirmação étnica ou de marcas de busca de uma identidade negra ou afro-brasileira, ora construindo outros percursos marcados por autores, invenções literárias, temas [...]” (FONSECA, 2011, p. 261). Nenhum desses elementos pode ser analisado isoladamente, um é dependente do outro para que haja um pertencimento a essa literatura.

Logo, o que se propõe para os estudos, a produção escrita afrodescendente é a presença de temas que representem a identidade negra, uma voz que se afirme afrodescendente, seja de maneira explícita, como é o caso de Conceição Evaristo, e implícita, como a ficção machadiana. O olhar que se autorreconhece como negro a partir da experiência do próprio autor e do seu grupo étnico-racial, recusando estereótipos e outras formas de silenciamentos elaborados ao longo de séculos de exploração, calúnias e difamação contra os afrodescendentes.

## 2 ECOS DA NEGRITUDE EM NASCIMENTO MORAES

Neste capítulo, iremos apresentar a participação e a importância de Nascimento Moraes para as letras de São Luís, as polêmicas que envolveram seu nome no início do século XX, como o embate travado entre Nascimento Moraes e Antônio Lobo. Destacamos, também, o valor dele para o jornalismo local, sempre denunciando os preconceitos arraigados na sociedade maranhense. Por fim, achamos promissor relacionar os aspectos da negritude com alguns textos publicados por Nascimento Moraes. As referências utilizadas foram retiradas dos acervos públicos, hemeroteca digital, através da Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública Estadual Benedito Leite, entre outros ensaios, dissertações e artigos.

Com o propósito de apresentar as marcas da negritude em Nascimento Moraes, iniciamos este capítulo com uma citação retirada do seu livro *Puxos e repuxos*, publicado em 1910, que pode ser visto como as respostas de Nascimento Moraes às críticas feitas por Antônio Lobo. Essas críticas foram mantidas pelos embates ostensivos registrados nos jornais *Correio da Tarde*, em que Nascimento Moraes estava à frente e, na *Pacotilha*, por Antônio Lobo e seus pares

Nas páginas que se seguem, Nascimento Moraes traz à tona o problema da eugenia, teoria científica de caráter racista, que afirma ver a superioridade racial do branco europeu ante outros humanos, como os africanos e asiáticos. Esse pensamento importado da Europa influenciou médicos, cientistas sociais e escritores brasileiros, entre os quais podemos citar nomes importantes como Roquete Pinto, Gilberto Freyre, Monteiro Lobato. Pelo que vemos, nas palavras do mestre, Lobo seria um depositário ou adepto da eugenia, como podemos constatar abaixo:

Lobo literato, Lobo “chefe de uma intelectualidade”, diz pela imprensa que só o branco é capaz das grandes empresas! Grita que só os brancos são superiores!

Nega, assim, o “colosso” toda uma história! literária! Nega, na sua inconsciência os extraordinários monumentos da literatura e cultura brasileira!

Nega André Rebouças, Tobias Barrêto, Basílio da Gama, Laurindo Rabello, Luiz Gama, Ferreira de Menezes, Carlos Gomes, José Maurício, José do Patrocínio, Gonçalves Dias, Guimarães Passos, João de Deus Rego, João Gronwell, Aluízio, Américo, Arthur Azevedo, Cruz e Souza, Hemetério dos Santos, Sérgio Martinho, Joaquim F. do Nascimento, Hermenegildo A. da Encarnação,

Euclides da Cunha, Eduardo Ribeiro, Th. Vaz, Jonnas das Silva, José Veríssimo, Índio do Brasil, Sílvio Romero, Alves de Miranda e tantíssimos outros que não podemos agora enumerar. Mas para achatar Lobo bastaria citar Gonçalves Dias, á custa de quem ele tem feito muitos discursos. Lobo terá perdido de toda a razão? Estará Lobo completamente desequilibrado para escrever que só é superior o “branco”? O Lobo caucaseo estará tomando gosto com a sociedade maranhense, com os homens cultos do nosso meio?

Nem os próprios brancos te louvarão a injustiça!

Há pouco tempo o Instituto Nacional de Música deu a um negro o primeiro prêmio de flauta, e logo o mandou aperfeiçoar os estudos na Europa.

Onde é que está, pois, a superioridade da raça de quem fala Lobo caucaseo? Quem ensinou ao dr. Cutiuba semelhante tolice? Pois se o typo mestiço presentemente em toda a parte tem dado extraordinários resultados!?

No Brasil, como já vimos pelos extraordinários exemplos que atraz deixamos; e na própria Europa cruzam-se a mais e mais as linhagens fidalgas. Já não nos lembramos agora em que livro lemos que a casa d’Áustria decahiu porque os seus representantes caprichavam em não cruzar seus typos com outras casas da Europa.

E é preciso que Lobo caucaseo saiba que na própria Europa a raça branca já está profundamente cruzada, dando excelente resultados.

Acha então Lobo caucaseo que a raça branca não tem competidora? Lobo caucaseo ignora por ventura que a raça amarella acabou de demonstrar que é forte e inteligente, sendo o japonez um dos maiores sublimes typos de que se pode orgulhar a raça humana?

LOBO CAUCASEO, general Cutiuba estará por ventura de miollo molle? (MORAES, 1910, s/p).

Antônio Lobo que se dizia ser mestre de uma intelectualidade, afirmava que só os brancos são capazes de exercer grandes cargos, caracterizando a raça branca como superior. Rejeita os vários nomes da cultura e literatura brasileira, a incluir Gonçalves Dias, quem, por muitos momentos, discursava sobre ele e sua obra. Ao contrário de Lobo, e pelas palavras de Souza, Gonçalves Dias “percebe que o Brasil é um país essencialmente negro” (SOUZA, 2006, p. 34). E ao escrever a prosa poética *Meditação*, Dias “fala como negro e ergue sua voz de solidariedade espiritual ao seu irmão de cor que sofria sob o peso da arbitrariedade do regime de escravidão” (SOUZA, 2006, p. 34).

A vontade de Antônio Lobo e seus discípulos era deixar que a elite fosse exclusivamente branca, sem a interferência ou ascensão social do homem negro. Insultava os negros, principalmente o intelectual Nascimento, chegando a chamá-lo de “pretinho pernóstico e apresentado”. Lobo, homem cético e odiado por muitos, “Grita que só os brancos são superiores!”, pertencente à classe média, julga sua raça superior a qualquer outra.

Em resposta ao artigo de Lobo, Nascimento Moraes, responde à perseguição causada pelo preconceito racial, e apresenta seu argumento em defesa dos seus irmãos de cor. Moraes lutava sozinho contra o “Lobo caucaseo”, combatendo os seus ferozes ataques. Ele não aceita que Lobo desconsiderasse figuras tão significativas, simplesmente, por não ser branco.

O “mestiço” era um termo habitual para a época, pois a elite brasileira estava preocupada, apenas, com uma única identidade nacional, ou seja, “a mestiçagem era para ela uma ponte para o destino final: o branqueamento do povo brasileiro” (MUNANGA, 2015, p. 105). Já na década de 70, com Abdias Nascimento, o Brasil passa a ter um caráter de pluralidade étnica e racial.

Moraes defendia os negros com a força imensurável de suas palavras, pois sempre resistia à negação do branco, ao sentimento racista que imperava na sociedade maranhense de então. Com isso, é perceptível encontrar na obra de Nascimento ecos da negritude, pelo “simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura” (CÉSAIRE apud MUNANGA, 1988, p. 44).

## **2.1 A militância do intelectual negro e as polêmicas de sua época**

*Por mais de cinquenta anos a figura de José do Nascimento Moraes se fez presença efetiva e preponderante na vida literária e política do Maranhão. Durante mais de cinquenta decênios, sua vida correu paralela às ações transformadoras que se fizeram atuar em nosso meio, delas se fazendo testemunho e sobre elas deixando sua análise quase sempre contundente e muitas vezes apaixonada (MACHADO, 1996, p. 32).*

Na esteira do pensamento de Santos (2011, p. 311), o intelectual Nascimento Moraes “nasce em São Luís-MA, em 19 de março de 1882”, viveu os seis primeiros anos de vida durante o período da escravidão e faleceu na mesma cidade, em 22 de fevereiro de 1958. “Filho dos afro-brasileiros Manoel do Nascimento Moraes (herói não condecorado da guerra do Paraguai, por ser analfabeto) e Maria Catarina Vitória”. O filho de analfabetos, teve acesso a uma educação de qualidade, “frequentou o ensino primário particular, tendo a sua família, provavelmente, arcado com valores exigidos por essas escolas” (CRUZ, 2016, p. 5). Continuou seus estudos no Liceu Maranhense, escola de grande referência na época que, segundo

o poeta e crítico literário, Nauro Machado, autor de *Esferas Lineares: 4 Estudos Maranhenses* (1996), teve muita influência do professor Manuel de Bithencourt, que o incentivou nas atividades jornalísticas e literárias, principalmente, nas discussões e leituras de escritores, como: Tolstói, Dostoiévski, Émile Zola, Dickens, Spencer, entre outros.

Com tais influências, tornou-se um grande escritor, jornalista, professor do século XX, que lutou bastante para conseguir seu espaço na sociedade maranhense. Porém, para chegar nesses espaços de tão merecido respeito, conforme Cruz (2016) não foram somente os “méritos particulares” que levaram o mestre a ter uma promissora carreira, o papel da “família como provável promotora financeira dos seus estudos teria sido primordial para a efetivação da sua permanência na escola, sobretudo na condição de estudante do primário” (CRUZ, 2016, p. 6). Isso demonstra a importância que a família de Nascimento teve para a sua ascensão social.

Tinha origem humilde e por ser negro, sempre foi alvo de preconceitos, lutava contra as adversidades de seu tempo, Nascimento Moraes firmou-se como um intelectual de respeito. Conforme o historiador da literatura maranhense, Jomar Moraes, em *Apontamentos de Literatura maranhense* (1976):

Nada melhor sintetizaria a figura de Nascimento Moraes que a inscrição colocada em seu busto, na Praça do Panteon: EU SOU LUTADOR. A lembrança de ali fixar uma das afirmações mais freqüentes do velho Mestre operou, numa admirável síntese, a tarefa de em três vocábulos mostrar tudo quanto, ao longo de sua vida, fez e foi Nascimento Moraes (MORAES, 1976, p. 183).

O próprio Nascimento Moraes se definia como lutador, “na equação e adequação exatas ao contexto em que elaborou a sua obra literária e a sua vida de esgrimista verbal intemorato e temido” (MACHADO, 1996, p. 38). Era um combatente, que se posicionava sempre a favor dos mais necessitados. Seu compromisso não era com o individual e, sim, com o coletivo, “que só dispunha de uma arma, a inteligência, legando-nos o exemplo excepcional de uma vitória revolucionária contra o preconceito da cor e da riqueza [...]” (MOREIRA, 2000, s/p). Para quem Nascimento foi “preto e pobre, humilde e sem proteção, abriu caminho a golpes de talento e pela sua bravura moral”, em outros termos, fora o intelectual que

incomodara seus conterrâneos através de suas críticas jornalísticas. Ainda descrevendo Nascimento Moraes, Machado expressa o seguinte:

a sua configuração mais objetiva, a sua primacial questão [...] de um homem que se realizava agindo, lutando, e que fez da sua vontade, na força titânica de autodidatismo feroz que a tudo se voltava e sobre tudo se detinha, revolteando em torno de assuntos os mais variados, sem a retilinearidade dirigida do estudo universitário, o leitmotiv da sua obra de escritor, sobretudo a de crítico político e sociológico do meio que o aprisionava e do qual não quis ou não pôde fugir. José do Nascimento Moraes era paradigmaticamente filho do povo (MACHADO, 1996, p. 39).

Possuidor de grande força de vontade e desejo de vencer, Nascimento Moraes, não precisou passar pelos bancos da universidade, galgou esse mérito pelo seu “autodidatismo feroz” como aponta Machado (1996), que não o impediu de se tornar professor do renomado Liceu Maranhense, aprovado no concurso para a cátedra de Geografia, ao concorrer com os irmãos Antônio e Raimundo Lopes, grandes pesquisadores e críticos da história. “Professor, foi-o ainda de português e história, como também de matemática, na Escola Normal” (MACHADO, 1996, p. 48).

Foi no jornalismo que Nascimento Moraes dedicou a maior parte do seu tempo e conseguiu ganhar notoriedade. Ele é “a figura de jornalista mais importante das últimas cinco décadas em nossa terra” (MACHADO, 1996, p. 34), contribuiu desde jovem em vários jornais da época, como: *A campanha*; *O Maranhão*; *A pátria*; *O jornal*; *A tribuna*; *A hora*; *Diário do Norte*; *O globo*; *Correio da Tarde*; *A imprensa*; *Regeneração*; *Notícias*; *Diário do Maranhão*; *Atenas*; *Correio da manhã*; *O Dia e O imparcial* e atuou como editor e algumas vezes Redator-chefe. Utilizava diversos pseudônimos, como: Braz Sereno; Sussuarana; João Ventura; João Sem Terra; Braz Cubas; Valério Santiago; Zé Maranhense e Junius Viactor. (MACHADO, 1996).

Como literato, foi cronista, contista, romancista e poeta. Sua primeira publicação foi *Puxos e repuxos* (1910) citada neste capítulo. Em 1915, publicou o único romance *Vencidos e degenerados*, reeditado três vezes, nos anos de 1968, 1982 e 2000. É da última edição que temos posse para esta pesquisa. Como produção do autor, ainda podemos citar: *Neurose do Medo*, artigos publicados em 1923. E a obra póstuma, *Contos de Valério Santiago*, publicada em 1972.

Além de professor, Nascimento Moraes exerceu também a função de Diretor do Diário Oficial do Maranhão, no período interventorial de Paulo Ramos, “a quem

lhe era irmão de raça e vitorioso no cargo que ocupava e ao qual os brancos se curvavam, num meio dominado, como até hoje, pelos representantes de uma etnia superior da qual Antônio Lobo se dizia lídimo representante?” (MACHADO, 1996, p. 45). Durante os dez anos que passou no cargo de diretor, escrevia diariamente sobre diversos assuntos, mesclando sempre temas políticos, sociais e literários. Ele tinha a capacidade intelectual de manusear as palavras, através do seu estilo próprio, da sua tênue ironia, atrelado à sua origem provinciana, como nos apresenta Machado:

Sismógrafo negro e antena viva (os artistas são as antenas da raça, diria o expatriado e cosmo-universal Pound), sua vida foi um campo de batalha a testemunhar, com sua prognose intuidora de rupturas profundas, a superfície mistificadora de um meio cujo fastígio econômico e cultural há muito começara a ruir, em todas as suas gamas e em seus mais variados aspectos, deteriorando-se em rachaduras solares e epigonismos provincianos (MACHADO, 1996, p. 33).

Sem se deixar vencer pelas inúmeras discriminações advindas de uma sociedade racista e preconceituosa, “Moraes, espírito combativo e culto” (MACHADO, 1996, p. 47), desde jovem se envolveu em atividades literárias. Com a publicação do jornal *Pacotilha*, anuncia que foi “installado nesta cidade um novo grupo litterario com o nome de ‘Officina dos Novos’ ” (*Pacotilha*, São Luís, 28/07/1900), sob a presidência dele, quando tinha apenas dezoito anos. Os objetivos deste grupo eram: “culto aos vultos do passado; incentivo ao autor contemporâneo pela publicação de seus livros; promoção de solenidades cívico-literárias; organização de uma biblioteca do autor maranhense; manutenção de um periódico literário” (MORAES, 1976, p. 168).

Com esses objetivos, buscavam restabelecer o valor da literatura local, ancorados em cultuar os intelectuais do passado, bem com divulgar sua produção. O historiador Manoel Barros Martins, em *Operários da saudade: os novos atenienses e a invenção do Maranhão* (2006), afirma que, os “Novos Atenienses”, termo utilizado por Antônio Lobo, queriam “inventar um Maranhão reatado a suas antigas tradições inventadas de fausto econômico, de proeminência política, de requinte social e de cosmopolitismo cultural, de onde figurava esmerado beletismo” (MARTINS, 2006, p. 59). Eles aspiravam reconstruir um Maranhão que estivesse atrelado a condições de uma identidade local. Inspirados nas grandes figuras do

Grupo Maranhense (1832-1868), como: Gonçalves Dias, João Lisboa, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, Gomes de Sousa e outros, sendo este o grupo responsável pela concretização da Athenas Brasileira, que mereceu destaque no século XIX.

Bras, em seu trabalho, *Os marginalizados pela República: o discurso sobre modernidade e cidadania na obra de José Nascimento Moraes* (2014), afirma que “Nascimento Moraes foi produto de uma época em que a juventude de São Luís buscava reviver os momentos de glória do Grupo Maranhense, e cujas figuras ilustres da época emigravam para o centro intelectual do país” (BRAS, 2014, p. 14). Nascimento buscava defender suas ideias, mesmo sabendo da ausência de valor que um negro tinha na sociedade em que cresceu e viveu, conforme expressa Machado no trecho abaixo:

Daí não haver ele saído do Maranhão. Daí ser ele uma presença acusatória dos que o viam. Ele se sabia o reflexo da culpa que os brancos, olhando-o, tornavam mais culposa fazendo-a redobrar-se como na repartição de ato infernizado por não ter mais fim. Ele era, assim, contrário ideologicamente com aquilo no qual acumpliciava seu destino a fazê-lo dizer, ainda e sempre: “Eu sou um lutador”! (MACHADO, 1996, p. 45).

Nascimento Moraes sempre esteve envolvido em várias polêmicas, que durante os primeiros anos do século XX, os leitores maranhenses puderam acompanhar na imprensa. A maior delas foi a que envolvia Lobo, “sobretudo porque envolveu a história de uma fase da literatura maranhense e porque a ação de Lobo, de minimizar a importância de Nascimento Moraes daquele momento histórico, reflete-se até os dias atuais” (CRUZ, 2016, p. 9). Mesmo Nascimento tendo conseguido destaque no meio social e literário, “não foi incluído devidamente no registro dos acontecimentos sucedidos” (CRUZ, 2016, p. 9). E o responsável por isso não ter acontecido foi Antônio Lobo, que ao publicar o livro *Os Novos Athenienses: subsídios para história literária do Maranhão*, em 1909, diminuiu a importância de Nascimento Moraes na literatura maranhense, apresentando sua importância para esta literatura de maneira rasa e insignificante. “Antônio Lobo exerceu o ofício de historiador, atribuindo fatos e destacando a ação dos seus amigos mais próximos, da mesma forma que aproveitou para premiar Nascimento Moraes com o anonimato intelectual” (CRUZ, 2016, p. 9).

Antônio Francisco Leal Lobo nasceu em São Luís, no dia 4 de julho de 1870 e faleceu em 24 de julho de 1916. Iniciou seus estudos no Colégio São Paulo, na capital maranhense, continuando-os no Liceu Maranhense. Foi professor de “História Universal, História do Maranhão e Instrução Cívica, e depois, também, de Literatura e Língua Portuguesa, na Escola Normal” (CARDOSO, 2013, p. 52), e trabalhou em várias instituições de ensino. Em 1910, passou no concurso para a disciplina de Lógica no Liceu Maranhense, sendo, posteriormente, diretor desse estabelecimento de ensino.

Além de desempenhar funções no serviço público, Lobo, também, foi escritor, publicou *A carteira de um neurastênico* (1903); *Positivismo e micróbios* (1908); *A doutrina transformista e a variação microbiana* (1909); *Pela rama* (1911) e *A política maranhense* (1916). Desenvolveu atividades de cunho jornalístico, colaborando com vários jornais da época: *O século*; *Diário do Maranhão*; *A cruzada*; *O estudante*; *Pacotilha*; *O federalista*; *O jornal* e outros. “Lobo fundou diversas agremiações, com o objetivo de movimentar a vida intelectual e artística de São Luís” (CARDOSO, 2013, p. 54).

O embate entre Nascimento Moraes e Antônio Lobo e seus dirigidos, ocasionou o afastamento de Nascimento do grupo *Oficina dos Novos*, por observar que seus ideais estavam sendo desprezados pelo grupo. Em 1901 funda a *Renascença Literária*, sendo que o desejo de Antônio Lobo era “dominar para sempre o Maranhão. E o plano que elle traçou, um plano todo ambição; todos luzes; todo cobiça; não poderia ser melhor”, como explicita Moraes (1910).

Nascimento Moraes, em *Puxos e repuxos*, faz menção à “dissidência literária” citada por Antônio Lobo e explica no seguinte fragmento:

Fala o homem no celebrado livro em dissidência literária, e então explica que um grupo de moços se desligou da Oficina para formar a ‘Renascença Literária’, e diz mais que esses homens foram: I. Xavier de Carvalho, Nascimento Moraes, M. George Gronwell, Octavio Galvão, Rodrigues d’Assumpção, Leoncio Rodrigues, Leslie Tavares e Caetano de Souza. Perguntamos:- que membros ficaram na Oficina dos Novos? Três, apenas: João Quadros, Astolpho Marques e Francisco Serra, porque todos, ao contacto de um estragado que chegava, e que Lobo sem nada ser na Oficina, simples amigo e colega de Francisco Serra, queria impôr como a sabença das sabenças. [...] O que Lobo queria fazer com a Oficina dos Novos, e o que conseguiu depois, era um grupo de rapazes que o apoiasse, que lhe batesse palmas, que lhe glorificasse o nome e o do mano.

Muita gente entrou pr'ali à murro. Quando mal esperava estava aceito sócio, a representar um morto illustre! Muitos não ligavam importância à coisa, mas outros, inexperientes, não tiveram remédio senão engrossar 'os homens' com todas as veras (MORAES, 1910, s/p).

Com a criação da *Renascença*, Nascimento Moraes começa um período de fervorosas polêmicas com Antônio Lobo. Atacavam-se diariamente nas páginas dos jornais. As críticas feitas por Moraes, de início, são referentes aos desvios gramaticais que os seus adversários cometiam em artigos e obras literárias. Em um fragmento de *Puxos e repuxos*, podemos ver quanto Nascimento Moraes leva a sério esse assunto: “Grammatica não se inventa, nem se sofisma com facilidade. Quem não na estuda não na pode discutir nem que consulte de momento Herculano e Latino” (MORAES, 1910, s/p).

Moraes ainda rebatia a ideia de superioridade que Lobo afirmava possuir em relação a ele, principalmente devido a sua cor. “Lobo literato, Lobo ‘chefe de uma intelectualidade’, diz pela imprensa que só o branco é capaz das grandes empresas! Grita que só os brancos são superiores!” (MORAES, 1910, s/p). As violentas discussões não viriam somente de Lobo, mas de seus subordinados, que Moraes diz ter consciência que eram instruídos pelo mestre “Bobo”. Nascimento Moraes não resguardava as suas críticas, não tinha medo de constranger seus inimigos, chegando muitas vezes a travar verdadeiras ofensas.

O sarcasmo, a ironia, o insulto são características da prosa afiada que Moraes mantinha nos jornais maranhenses. Em uma provocação sustentada com Alfredo de Assis no jornal *A Campanha* (1903) deixava claro a afronta entre os dois. Moraes não media palavras, utilizando termos ofensivos para demonstrar o despreparo dos seus opositores. Assis, não respondendo à altura de Nascimento Moraes, decide ofendê-lo e o chama de negro. O mestre responde com sabedoria:

Disse você que eu tenho uma civilização africana. Já eu esperava que você, *finíssimo branco de cabelo de caboclo* viesse me chamar de negro. Estava tardando até. Mas escute. A África não é tão inculta como você pensa. Basta atender que esse continente ainda é colonizado pelos povos civilizados da Europa. [...] Posso ter uma civilização Africana e boa, mas a sua ha forçosamente ordinária, como de fato o é. E commigo, poeta sendeiro, não discute. Falta-lhe muito para hombrear-se commigo. Apesar de negro, tenho talento para esmaga-lo, a si e a seu troço (MORAES, 1903, p. 2, grifo do autor).

Temos um Moraes que reage aos ataques dos “brancos”, com a intenção de se defender, sendo que as críticas partiam de todos os lados e a única forma de defender-se era utilizando a pena. E para isso, não media esforços, incomodava com sua escrita forte e audaciosa, não se deixava vencer pelos seus opositores, declarando em um jornal de que era redator-chefe: “Estou a cercar-me de inimigos e nutrindo ódios contra mim mesmo! Que audácia a minha! Fazer crítica nesta terra de finíssimos brancos, de homens ilustres, de talentos incomparáveis, de Hércules que jamais hão de trocar a massa por uma roca de rainha Omphale!” (MORAES, 1903, p. 2).

Com base em tais informações, podemos notar que os textos de Nascimento Moraes são carregados de muita ironia, nos quais buscava desmascarar a ideia que Antônio Lobo tinha de dominar a intelectualidade ludovicense, pois “Lobo não se satisfaz com as asneiras que escreve; mente também! Mente para negar o valor intelectual de muitos e se collocar em plano superior, o que velhacamente consegue, lançando sobre os que lhe podem borrar a pintura o véu do esquecimento” (MORAES, 1910, s/p).

Observa-se que existe um discurso de superioridade, onde o conchavo político influenciava aqueles que tinham uma visibilidade literária, como podemos perceber na fala de João Olivier, em passagem do romance *Vencidos e degenerados*:

Então você não sabe que nós temos uma literatura oficial? Ignora, porventura, que parte dos homens de letras desta terra vive à custa dos cofres públicos, ou protegidos pelos potentados do mundo oficioso e que a outra parte, vegeta, passa horríveis privações, sem emprego e sem proteção?

[...] Há muita gente que sabe mundos e fundos, ilustrações sólidas, Inteligências de escol, homens de rara habilidade e apreciável preparo, que passam por você, ou compram no seu estabelecimento, sem que você saiba com quem trata, tal é o estado que se apresentam! (MORAES, 2000, p. 65).

Pelas palavras de um dos protagonistas da narrativa, é perceptível a defesa que ele faz aos homens que conseguem ter ascensão através dos livros, de suas próprias competências, sem precisar de ajuda política. E isso incomodava Nascimento Moraes, pois acreditava que, para alguém ser reconhecido, era necessário lutar diariamente. O contrário era a vontade do seu principal opositor, de

sempre elevar-se a qualquer custo, “se collocar em plano superior”. Sobre a relação entre os dois, nos assegura Nascimento Moraes Filho, no posfácio do livro *Contos de Valério Santiago*, contos produzidos por Moraes para a *Revista Athenas*, complemento do jornal *O imparcial* durante a década de 1940, que foram publicados postumamente:

[...] Antônio Lobo e Nascimento Moraes dois símbolos – o primeiro, encarnando a burguesia capitalista nas vascas da agonia, representada por uma elite “arroz com casca”, sepultando-se nos seus sobradões – já para eles, agora, imensos mausoléus – vivendo mais de ruminar seus áureos templos do que do resto de suas fazendas arruinadas; - o segundo, o incontrolável movimento de ascensão das classes populares que vicejam nas infectas mansardas e que, como brasão, carregavam no corpo e na alma, a miséria crônica e a crônica injustiça social, enfim, da plebe, de onde veio Nascimento Moraes, que trouxe no bojo o negro – detalhe “escuro” que se tornou de notável significação social pela sua extraordinária projeção intelectual, apoiada pela sua impressionante envergadura moral, e que até fez esquecer-se o todo – tal a marca indelével que deixou.

Assim, ninguém escreverá sério sobre Nascimento Moraes e Antônio Lobo - uma época em preto e branco – fora deste plano, a luz da sociedade, que é a matriz em que cunharemos a obra que, antes do fim desta década, publicaremos (MORAES FILHO, 1982, p. 330).

A pesquisadora Patrícia Raquel Lobato Durans Cardoso, em sua dissertação, *Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República* (2013), esquematiza um quadro dos perfis dos dois literatos, acusando os pontos divergentes e convergentes “no que concerne às suas trajetórias de vida, aos seus posicionamentos como intelectuais e às suas visões acerca da sociedade em que viviam” (CARDOSO, 2013, p. 137).

As divergências entre eles eram muitas. “Um era negro e o outro, branco; um pobre e o outro de classe média; um idealista e o outro cético; um atrevido e o outro louco; um excluído e o outro odiado. Os dois eram intelectuais: um era militante e o outro, mediador” (CARDOSO, 2013, p. 137). Grandes polemistas, travavam debates não só de cunho literário, como também político. Antônio Lobo acreditava na ciência acima de tudo. Já Nascimento Moraes dava importância a corrigir os erros gramaticais.

O gosto pelas letras, a dedicação pela carreira jornalística, o esforço revelado na docência, foram frutos que ambos obtiveram através do autodidatismo.

Ocuparam cargos públicos e tinham acesso às autoridades da época, sendo que “Lobo estava sempre nos jornais da situação, enquanto Nascimento Moraes passou longo tempo nos jornais de oposição” (CARDOSO, 2013, p. 138). Mas essa situação não duraria para sempre. No governo de Luís Domingues (1910-1914), Nascimento Moraes passa a ser da situação, enquanto Lobo, torna-se opositor. Os dois escreveram bastantes artigos sobre política. “Teciam críticas ao Maranhão e ao Brasil, mas também eram os primeiros a valorizá-los e defendê-los. Acreditavam na civilização, no progresso, na ciência e na educação como passos fundamentais para que o país e o estado adquirissem um patamar civilizatório” (CARDOSO, 2013, p. 139). Mesmo com sua grande rivalidade, não podemos esquecer a grande contribuição que deixaram para a literatura e jornalismo maranhense. Cardoso reforça essa ideia:

Lobo e Nascimento representavam os centros de liderança de sua época. Conseguiram mobilizar outros intelectuais e veículos de comunicação, a fim de rivalizar pontos de vista, e aqueciam o cenário jornalístico com suas opiniões e polêmicas. Essa rivalidade, que ocorreu ao longo de alguns anos, deixava entrever claramente os grupos dissidentes e as redes que iam se configurando e reconfigurando a cada momento, de acordo com suas disputas. Tais desavenças não ficavam apenas no plano das ideias, mas também envolviam posições de poder e prestígio, afinal cada um queria mostrar que sabia mais que o outro. E só isso não era bastante: eles tinham também que provar que o outro não sabia nada e não era digno de ocupar a posição em que se encontrava (CARDOSO, 2013, p. 137).

O intelectual Nascimento fez parte da Academia Maranhense de Letras, ocupando a cadeira de número 11 (onze), cujo patrono era João Lisboa, outra figura de igual respeito no jornalismo maranhense. Foi admitido no ano de 1935 e se tornou presidente por três vezes. “Nascimento Moraes soube se fazer respeitar como professor, crítico literário, ensaísta, contista e sobretudo como jornalista a serviço do povo” (MÉRIAN, 2000, s/p). Suas polêmicas e argumentações o torna um homem combativo, que alcançou um lugar de reconhecimento na intelectualidade maranhense. “Nascimento Moraes: nem vencido, nem degenerado” (CARDOSO, 2013, p. 99).

## 2.2 Nascimento jornalista: o texto como metáfora em defesa do negro

*O maior e mais fecundo polígrafo maranhense deste século, seu exercício ininterrupto no periodismo diário, quase sempre escrevendo mais de uma matéria para um mesmo jornal e sobre assuntos às vezes divergentes (MACHADO, 1996, p. 34).*

Nascimento Moraes “iniciou suas atividades jornalísticas sob a orientação e o incentivo do professor Manuel de Bithencourt” (MACHADO, 1996, p. 36), que o ajudou a trilhar o caminho das letras, apresentando os grandes nomes do século XIX. A influência de Bithencourt à escrita de Nascimento “não há como negá-lo, a orientação segura que teve para entrar em contato com o que de melhor havia na vida literária de seu tempo” (MACHADO, 1996, p. 37).

Iniciou sua carreira jornalística no jornal *A Campanha*, em 1901, escrevendo crônicas. Em 1903 estreia com a seção literária *Letras e typos*, com o pseudônimo Junius Viactor, “em que comentava as produções literárias dos jornais da época. Sua análise era direta e concisa: sem rodeios, elogiava ou criticava, mostrando acertos e erros e, por vezes, corrigindo-os” (CARDOSO, 2013, p. 101).

Foi, principalmente, como jornalista que Nascimento Moraes se destacou na sociedade ludovicense. Utilizou a pena como artifício para lutar, durante, toda sua vida para opor-se ao preconceito racial dos brancos, fazer críticas à situação política, corrigir os desvios gramaticais cometidos por seus conterrâneos, falar sobre educação, entre outros assuntos, pois era um homem de conhecimento vasto, o que lhe permitia abordar qualquer temática. Machado discorre acerca da pluralidade dos conhecimentos e erudição do escritor e jornalista:

*Espírito ciclópico pela plurivalência de seu talento como jornalista, crítico, moralista, poeta, cançonetista, professor, exímio e imbatível polêmico, cronista do passageiro e do eterno, e romancista de toda uma sociedade, é sobretudo como homem de jornal, subdividindo em mais de dez pseudônimos ou máscaras com que procurava moldar suas características mais variáveis e cambiantes, que o nome de Nascimento Moraes haverá para sempre de marcar sua presença entre aqueles mais nobres homens de letras deste século no Maranhão (MACHADO, 1996, p. 41).*

Moraes era um indivíduo multifacetado, “ele nos deixou uma vasta colaboração sob diferentes pseudônimos nos jornais mais importantes da primeira

metade do século no Maranhão” (MÉRIAN, 2000, s/p), já mencionados no tópico anterior, mas o leitor já o reconhecia devido ao valor de sua escrita, que “vai da prosa afiadíssima, quase cortante, até descrições suaves, repleta de imagens metafóricas” (CARDOSO, 2013, p. 100). Desejava que seus textos dialogassem com o público, escrevendo do erudito ao popular. Um jornalista, que buscava o reconhecimento e a afirmação de sua identidade em uma sociedade altamente preconceituosa.

Adriana Gama de Araújo, em sua dissertação, *Em nome da cidade Vencida: A São Luís Republicana em José do Nascimento Moraes (1889 – 1920)*, reafirma que “Moraes se vê logo atingindo por sua condição racial. Nem seu conhecimento nem sua habilidade na arte da escrita, sua inserção no grupo letrado, tampouco a República e seus ideais de igualdade e cidadania o isentam de sofrer discriminações” (ARAÚJO, 2011, p. 22). Ele sofreu diversas perseguições, principalmente, devido à sua cor e à classe social, contudo, não se deixava intimidar pelos xingamentos recebidos de seus opositores. Através da escrita jornalística, rebatia todos os insultos em defesa do seu grupo étnico-racial e de si na condição de negro.

No jornal *Pacotilha* (1910), na coluna *Intervenção Pacífica*, Antônio Lobo, sob o pseudônimo G. Galliza escreve um poema e o direciona a Valerio Santiago. Com o propósito de depreciar a imagem do seu adversário, Galliza desqualifica-o, comparando-o a um jumento, que será esquecido por si mesmo. Em tom explicitamente racista e desprezível, lança suas ofensas contra Moraes e as pessoas negras:

Sr. Valerio Santiago  
(vulgo Nascimento Moraes)

O negro é sempre isto: ou tem talento  
Ou não tem raciocínio e é peru;  
Ou Patrocínio é, ou é jumento;  
Ou Luiz Gama, ou tu.

Sorte amiga e fiel não, não te arrima,  
Não pode o dois-de-paus chegar ao ás  
Tu quiseste galgar, marchar pr’a cima  
E cresceste pr’a trás.

Contraria para ti a sorte avara,  
Contraria e justa é, não há negá-lo:  
Tu tens o progredir, meu Guanabara,

Do rabo do cavalo.

Dest'arte cada vez mais encolhido,  
Tal qual na frigideira o bom torresmo,  
Tu hás em breve de ficar sumido  
E é dentro de ti mesmo.

Um caso nunca ouvi eu tão bonito  
Nas histórias que ouvi de minha avó...  
Vê só tu que fenómeno esquisito  
Dois jumentos num só.

E os dois a escoucear, oh! que regalo  
Para a gente que gosta dessas brigas!...  
E em redor de ti só feito dois galos,  
O aplauso das formigas...

Da Guanabara o fluxo e o refluxo  
A ver p'ra trás crescer, alegre e rindo,  
Fico logo atacado de defluxo,  
Pois vou me advertindo.

Pois tu me xingar no teu Corsário,  
Sobre mim derribar uns mil sonetos,  
Desfiar todo dia um bom rosário  
De teus fluxos... pretos.

Tudo isso fazer tu podes, tudo,  
Mas ouve cá, escuta-me primeiro:  
Não impingias de novo o tal canudo,  
O monólogo imenso do tinteiro!...

A prevenção, porém, fazer-te quero agora  
E com ela bem sei que te desbanco:  
Si o publicares, meto-te a espora  
E o relho cru, até ficares branco (GALLIZA, 1910, p. 1).

E continua a desqualificar Santiago, intitulado a coluna de *Os puxos do Valerio*. Com ar de superioridade e preconceito, derrama seu ódio aos homens negros e a classe pobre:

Tu, pobre Valerio esqualido,  
Com teu <fluxo> asneirotico,  
Só podias ficar pallido,  
Esverdeado ou chlorotico.  
Agora, no ferro arranco  
Dos teus <puxos> (Oh, que ar  
rocho!)  
Não consegues ficar branco,  
Só consegue ficar rôxo (GALLIZA, 1910, p. 1).

Nascimento Moraes respondia a Antônio Lobo através da seção literária *Puxos e repuxos*, no jornal *Correio da Tarde*, sob o pseudônimo de Valerio Santiago. Luíz Viana “uma criaturiazinha bem insignificante, de pouca instrução e pouco talento” (SANTIAGO, 1910) fazia parte do grupo chamado Sistema. Rivalizava com Santiago, que o chamava de Luíz Torto, “Tudo nelle, cabeça, tronco e pernas indica o torto, o imperfeito, o anormal” (SANTIAGO, 1910, p. 1). Aliado de Lobo, também tenta ridicularizar Santiago, “além de calumniar os pobres africanos” (SANTIAGO, 1910, p. 1).

Sujeitos que se dizem representantes das lêtras maranhenses, typos salientes, representativos da nova geração maranhense, como Luiz Torto e outros menos notáveis; professores particulares, ainda como Luiz Torto, e de estabelecimento de nossa intrucção secundaria, ou com pretenções para isso, typos que se nomeiam jornalistas aggridem-nos pelas ineditoriaes da <Pacotilha>, chamando-nos de negro!

Negro! eis ahi o insulto, a palavra com que eles pensam, que nos esmagam, que nos reduzem á ultima expressão!

Que não diziam se fossemos branco da ilha, ou mesmo caboclo!

Negro! É o grito de terror de medo e de ódio, é o grito do vencido, do nullo, do inhabilitado que não pode discutir e nem sabe fazer o que todo mundo sabe – insultar!

Negro! repetem tomados pela cólera, possuídos da mais idiota indignação! (SANTIAGO, 1910, p. 1).

Em resposta a Valerio Santiago, G. Galliza, insulta-o dizendo que o seu “jornaleco” estava difícil de ser encontrado e que não teve tanto tempo para analisar o que tivera escrito no dia anterior. Fala sobre o Dr. Luiz Domingues, que de fato recebe o respeito e admiração, citado por Santiago. E Galliza completa: “que é, de facto, merecedor de tudo de bem disse você dele, entregou, ha pouco, a educação da mocidade a Antônio Lobo” (GALLIZA, 1910, p. 1). Contesta quando ele faz referência a Antônio Lobo em seus escritos e com manifestação de preconceito, ele diz: “Negro não chama a branco por tu. ‘Sinhô Lobo’ é que é, que ele nunca comeu na cuia com você” (GALLIZA, 1910, p. 1). E complementa:

O Hermes vem ahi e, com certeza (eu sou civilista), revogará a lei de 13 de maio.

Você será comprado e só pode ser aproveitado como engraxate. Imagine quando você, inexperiente no officio, passar uma dedada de graxa nas meias de algum do *Sistema!*...

É bolo até pagar tudo quanto é dezaforo!

Eu cá estarei prompto, quando me chamarem para *desmanivar o cedro* (GALLIZA, 1910, p. 1, grifo do autor).

É destacado o fato histórico da Abolição da escravatura que, com ironia, ridiculariza Santiago, afirmando que não passará de “engraxate”, tratando-o como escravo, devendo ele obedecer aos mandos. Galliza, como sempre, muito prepotente e arrogante.

Santiago aponta a falta de respeito que Antônio Lobo tinha para com os negros, “que professor e que jornalista é Lobo!” (SANTIAGO, 1910, p. 1). Causava-lhe angústia ao tratar de assuntos que defendeu durante toda sua trajetória jornalística. Defendia a educação como forma de construção, onde ela estaria presente em qualquer espaço, ou seja, “educar incessantemente, infatigavelmente, dentro e fora da escola; nas oficinas, nas repartições públicas, nas brigas, nos estabelecimentos comerciais, na rua e na praça pública” (MORAES, 1941, p. 1), abarcando todo o povo. Argumentava também, que a sociedade devia estar livre de preconceitos, como relata abaixo:

Nada mais falta a Lobo para completar. Professor ensina os discípulos brancos e despreza os negros, mulatos, carafuzes, etc! Diz mesmo aos discípulos que entre o branco e o negro há um abysmo intransponível; afirma-lhes que o negro é um condenado, a quem se deve tratar com desprezo!

Na verdade, não pode haver educador da mocidade republicana que se lhe compare! Estamos convencidos de que assim, elle preparará uma geração supimpa!

Jornalista prega as mesmas idéias: julga que insulta o adversário lançando-lhe em rosto a cor, e não satisfeito, ameaçando-o de surra de relho cru! Edificante!

O homem tem mesmo raiva de negro! Onde elle vê um negro, vê desde logo um inimigo a combater! Fecha-se-lhe o espirito e a alma! Elle já disse uma vez que negro é moleque e elle suporta um negro por... excesso de civilização! (SANTIAGO, 1910, p. 1).

Nascimento Moraes se autorreconhecia negro e conquistava o que se propunha a realizar. Afirmava que Lobo “ainda não se convenceu de que o Maranhão um dia mudará de lugar, e vá ficar pregado ao lado da África, onde os negros teriam a contrariedade de o devorar” (SANTIAGO, 1910, p. 1). E continua enfatizando que, “Lobo está sempre de espírito prevenido, acrescentando a circumstancia delle voltar aos negros um ódio que não se acabara jamais” (SANTIAGO, 1910, p. 1). Ele afirma que “o negro – eis um inimigo!”.

Na seção *Pedras à Opinião*, Nascimento Moraes reage a mais uma ofensa de preconceito racial e social, com o pseudônimo Braz Cubas, no jornal *A Imprensa* (1907):

‘Aquelle negro...’

Era o diabo que o protegia com suas forças occultas, com as suas magias prodigiosas.

Aquelle negro nasceu pobre, e a pouco e pouco se foi erguendo do pó, do nada, do desconhecido, até chegar a impor numa sociedade de preconceitos, de fidalgas composturas seu nome, que não trazia recommendações de ascendentes nobres e ricos, nem de pais collocados no vértice da pyramide social em que se equilibram os protegidos das facções políticas... O meio apertou-o e elle começou a reagir prodigiosamente... Elle só, com a sua fé, e a sua intelligencia resistia na arena. Era então que explodia dos lábios dos impotentes, essa frase que se tornou distincta: ‘Aquelle negro!...’ aquelle negro se chamou Henrique Dias... Tobias Barreto... Luiz Gama... Gonçalves Dias... Patrocínio... Dias da Cruz... Cruz e Souza... aquelle negro synthetisa uma literatura inteira, uma sciencia preciosissima, uma valentia invencível, uma coragem assombrosa, uma firmeza de opiniões e de ideias inquebrantável (BRAZ CUBAS, 1907, p. 1).

Nascimento Moraes granjeou visibilidade pelo que foi e representou na sociedade maranhense, “conseguiu vencer o preconceito e se tornar reconhecido em sua terra como professor e jornalista de grande expressão, sobretudo em razão de sua retórica de luta” (CARDOSO, 2013, p. 100). Ele se apresenta como um homem que vence a batalha contra as discriminações, “ao lado de grandes intelectuais, de cor, para também ressaltar a luta que vinha travando e as vitórias que conquistou durante seu combate contra a ‘perseguição’ que sofria publicamente” (ARAÚJO, 2011, p. 44).

Ressaltando o valor do negro, Moraes escreve o artigo *O africanismo de Bruno Menezes*, na *Revista Athenas* (1940) reafirmando a contribuição deste afro-brasileiro para a cultura brasileira. Ele assegura, que “Bruno Menezes sente a alma do africanismo, e copiou o desconcertante do ambiente, do estranho cenário do festival dos negros” (MORAES, 1940, p. 1). Enfatiza que os poemas do poeta paraense são marcados pelo sentimentalismo com a Mãe África, que são expressados através dos hábitos e costumes dos nossos ancestrais. E acrescenta que:

vê-se bem que o **africanismo** apesar da doentia **branquidade** da maioria dos brasileiros nativos, ainda nos acompanha. Ainda vive no seio da família, ainda está na mentalidade rude do povo, ainda está em muitos aspectos de nossas relações sociais. E digo mais isso: infiltrou-se de tal jeito que, sem medo de errar, afirmo, que longe de se apagar, a mais e mais, cresce, pois a medida que os annos se passam, augmenta o numero de adeptos de suas crenças, de seus vultos e de suas diversões, algumas até de caráter tradicional, e por isso mesmo até hoje irreprimíveis (MORAES, 1940, p. 5, grifos do autor).

Com isso, observa-se que, o pensamento de Moraes sobre a questão racial reflete a sua luta diária contra os estereótipos impostos aos negros, sendo sua escrita marcada pelo tom de denúncia social contra a escravidão. “Nascimento Moraes, que fez da pena a arma de seu combate diário na trincheira do jornalismo, foi uma das mais importantes figuras do seu tempo, fazendo reviver na imprensa as glórias que deram ao Maranhão respeito e notoriedade” (MORAES, 1976, p. 183). Contudo, é através do seu posicionamento nos jornais, que duramente critica seus opositores em prol de uma sociedade menos preconceituosa e mais justa com os seus cidadãos, sejam estes negros, brancos ou de outras etnias.

### 2.3 Negritude e engajamento no romance, no conto e na crônica de Nascimento Moraes

*O termo **negritude** não permaneceu estático. Conheceu várias interpretações, muitas contraditórias, entre os estudiosos. A mudança da realidade colonial acompanhou esse ritmo. Enquanto movimento, **a negritude** desempenhou historicamente seu papel emancipador, traduzido pelas independências africanas e estendeu-se como libertação para todos os negros da diáspora, ainda vítimas do racismo branco, por exemplo, nas Américas (MUNANGA, 1988, p. 6, grifos do autor).*

O professor de história Petrônio Domingues afirma em seu texto Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica (2005), que negritude “passou a ser um conceito dinâmico” e “multifacetado”, possuindo um “caráter político, ideológico e cultural” (DOMINGUES, 2005, p. 25-26). No cunho político, negritude apresenta-se como meio para a prática do movimento negro. No âmbito ideológico, negritude pode ser compreendida como a busca de uma consciência racial. E no aspecto cultural, busca-se o reconhecimento das manifestações culturais de origem africana.

Logo, negritude aponta várias faces, que podemos perceber através dos movimentos literários que surgiram a datar dos anos de 1920.

A *Harlem Renaissance*<sup>6</sup> foi o movimento “que forneceu os primeiros escritores que alcançaram projeção ainda em vida” (FIGUEIREDO, 2010, p. 313). Teve início na segunda década do século XX, no bairro novaiorquino, Harlem, nos Estados Unidos. Movimento em que literatos e artistas negros buscavam afirmar a sua identidade, preocupando-se com a questão racial, “cuja proposta cultural era ‘exorcizar’ os estereótipos e preconceitos disseminados contra o negro no imaginário social” (DOMINGUES, 2005, p. 26). Destacam-se três nomes: Frederick Douglass, Booker T. Washishton e W.E.B. Du Bois, que podem ser descritos por Gomes (1999) na introdução do livro *As almas da gente negra*, de W.E.B. Du Bois, que tiveram grande influência para os intelectuais do movimento da *Harlem Renaissance*:

Douglass foi o brilhante orador abolicionista, Washishton o empresário pragmático afinado aos novos tempos, Du. Bois o intelectual requintado, estudioso da sociedade de seu país a partir do interesse apaixonado pelo destino do povo negro. Dos três líderes, foi ele quem revelou mais explicitamente, em sua obra escrita, o impacto da expressão racial e seus efeitos devastadores na nascente comunidade dos libertos da escravidão (GOMES apud DU BOIS, 1999, p. 7).

Du Bois, sociólogo afro-americano, foi um ativista da justiça racial; seu desejo era que o negro lutasse por seus direitos para ter ascensão social (GOMES, 1999). “É Considerado o pai do *pan-africanismo* contemporâneo”, movimento político-cultural “em favor da independência, na perspectiva de uma associação de todos os territórios para defender e promover” a integridade da África. (MUNANGA, 1988, p. 36). Ele criou e coordenou a revista *The Crisis* (1910 a 1933), reunião de textos que buscavam construir uma consciência social, tendo “o papel de aglutinar a arte, a literatura e o pensamento dos negros no combate ao racismo e à política de segregação racial nos EUA” (SOUZA, 2006, p. 26).

A *Harlem Renaissance* desejava que a América fosse o verdadeiro lugar dos negros, pois “sem pregar a volta para a África dos negros americanos, defendia os direitos destes enquanto cidadãos da América e exortava os africanos a se libertarem em sua própria terra” E por ter defendido o retorno às origens, “Du Bois

---

<sup>6</sup> O movimento também é conhecido como Renascimento Negro.

merece também o nome de Pai da *Negritude*” (MUNANGA, 1988, p. 36), embora este termo só tenha se firmado anos depois.

Esse movimento visava expurgar os estereótipos e as situações de discriminação em que viviam os negros. Foi “o primeiro movimento artístico de importância, que reuniu escritores, músicos de jazz e artistas em geral, no Harlem, tradicional bairro negro da cidade de Nova York, nos anos de 1920” (FIGUEREDO, 2010, p. 317). Os escritores e músicos mais expressivos desse movimento são: Langston Hughes, Claude Mackay, Countee Cullen, Richard Wright, Louis Armstrong, “todos com obras de amplo reconhecimento público, demonstram uma aguda consciência crítica da questão racial” (FIGUEREDO, 2010, p. 317). Souza (2006) elenca os objetivos comuns que os escritores negros tiveram para com o movimento:

a assunção da cor, da identidade e do Eu negro; o combate ao preconceito racial; a conquista de um espaço no cenário cultural, literário e artístico dos EUA; o resgate da ancestralidade africana através da valorização da cultura, da memória mítica e histórica dos ancestrais negros; a afirmação dos ideais marxistas (SOUZA, 2006, p. 24).

Os militantes da *Harlem* exaltavam a cor do negro em suas obras, lutando contra o preconceito de raça e a favor de um lugar que houvesse a ressignificação da ancestralidade africana. Portanto, “todos os autores pretendem retratar a vida dos negros, mostrando os malefícios do racismo e suas repercussões no seio das famílias, a miséria, o sofrimento, enfim, as mazelas por que passam os negros norte-americanos” (FIGUEREDO, 2010, p. 318).

A *Harlem Renaissance* inspirou o movimento de Negritude da década de 1930, em Paris. Iniciados pelos estudantes negros Aimé Césaire, da Martinica, Léon Dumas, da Guiana Francesa e Léopold Senghor, de Senegal. “A eles se devem as grandes obras da literatura negra africana de expressão francesa, e podem ser considerados os fundadores do movimento da *negritude*” (MUNANGA, 1988, p. 43). Fundam a revista *L'étudiant noir*<sup>7</sup>, mas a intenção de Césaire era que fosse chamado *L'étudiant nègre*, apesar do único número da revista não aparecer o vocábulo *nègre*. A revista teve grande relevância para divulgar o movimento, “contrapondo-se a política assimilacionista das potências europeias retomaram a

---

<sup>7</sup> Em português significa O Estudante Negro.

bandeira a favor da liberdade criadora do negro e condenaram o modelo cultural ocidental” (DOMINGUES, 2005, p. 28).

Aimé Césaire, poeta martinicano, cuja evidência de sua obra é marcada pela defesa de sua origem africana, “afirma que criou o termo negritude, derivado do adjetivo *nègre*, como forma de provocação já que a palavra tinha conotação depreciativa” (FIGUEREDO, 2015, p. 177). Apenas em 1939, pela revista *Volontés*, que a Negritude foi tematizada por Césaire, em um longo poema, intitulado *Cahier d'un retour au pays natal*<sup>8</sup>. Publicado posteriormente pela revista *Tropiques*, em 1941, na Martinica, juntamente com sua esposa Suzanne Césaire e com René Mênil. No prefácio do texto definitivo, recebe um belo texto de André Breton, escrito em 1943 em Nova York.

A contribuição de André Breton favoreceu a grande recepção do poema de Césaire na França. Percebe-se que “a irreverência, o humor corrosivo e a provocação são elementos fundamentais deste poema, verdadeiro divisor de águas na literatura negra de língua francesa” (FIGUEREDO, 2015, p. 177). Com isso, cabe ressaltar a importância dessa obra para o movimento de negritude e Césaire apresenta uma definição poética para este termo:

minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada  
contra o clamor do dia

minha negritude não é uma mancha de água morta sobre  
o olho morto da terra

minha negritude não é uma torre nem uma catedral

ela mergulha na carne rubra do solo

ela mergulha na carne ardente do céu

ela perfura o abatimento opaco com sua reta paciência (CÉSAIRE,  
2012, p. 65).

Munanga (1988) apresenta a concepção de Césaire afirmando que negritude é o reconhecimento de ser negro, consentindo a sua história, a sua cultura e seu destino, como representado no fragmento acima, onde ele assume a sua identidade negra. Césaire esclarece a negritude em três tópicos: identidade, fidelidade e

---

<sup>8</sup> Tradução de Lilian Pestre de Almeida para o português: Diário de um retorno ao país natal.

solidariedade. A identidade compreende a ideia do orgulho racial e da condição de negro, sem vergonha de declarar: sou negro! A fidelidade tem relação com a terra-mãe e a ancestralidade africana. A solidariedade traduz o sentimento de amparar os irmãos negros do mundo, conservando nossa identidade comum. Esses três fatores estabelecem “uma só personalidade cultural negra africana” (MUNANGA, 1988, p. 47).

É preciso lembrar que, inicialmente, o movimento de negritude possuía um aspecto cultural, em que a ideia era de opor-se à cultura europeia, pois o que até então se tinha era a valorização dos traços culturais dos brancos. Dispostos a abandonar a assimilação dos brancos e “aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psicologicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco” (MUNANGA, 1988, p. 32). E lutam por uma consciência autônoma e a restauração de si, logo, “ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano ‘normal’” (MUNANGA, 1988, p. 32). Com a intenção de repudiar tais práticas, os idealizadores da negritude começaram a valorizar e ressignificar a cultura africana e passam a lutar em defesa da igualdade racial, recebendo influência do marxismo.

Segundo Munanga, o movimento de negritude fez com que o negro recusasse o “*embranquecimento cultural*” para “voltar às suas raízes” (MUNANGA, 1988, p. 6). Com isso, os principais propulsores da negritude passaram a ressignificar os valores da cultura africana, aceitando a identidade negra em que “a nova tomada de consciência seria acompanhada de um interesse crescente pela África e pelas marcas indelévels deixadas pelo continente ancestral na mente e na alma dos filhos da diáspora” (SOUZA, 2006, p. 172). Dessa forma, Souza conceitua negritude como:

A palavra negritude é um neologismo de origem francesa e possui diversos significados. Em primeira instância, significa a atitude consciente frente à condição de negro, a aceitação da história e da identidade cultural pelos africanos e afro-descendentes da Diáspora. A Negritude recusou a assimilação cega dos valores impostos pelo branco, a dominação política e a espoliação econômica que teve início com o navio negreiro e perdurou até a segunda metade do século XX, com a presença do neocolonialismo europeu na África (SOUZA, 2006, p. 27).

A atenção recai sobre a identidade cultural do negro, na busca de pensar e lutar por uma consciência racial. Dessa forma, “esse movimento literário a favor da

personalidade negra e de denúncia contundente da dominação cultural e da opressão do capitalismo colonialista marcou a fundação da ideologia da negritude no cenário mundial” (DOMINGUES, 2005, p. 28).

Munanga (1988) declara que os escritores do movimento da negritude apresentam três objetivos principais em sua produção discursiva, que são:

buscar o *desafio cultural* do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não *universal* como a extensão de uma regional imposta pela força – mas uma civilização do *universal*, encontro de todas as outras, concretas e particulares (MUNANGA, 1988, p. 43).

Diante dos objetivos explicitados acima, o que mais chama a atenção “é a afirmação e reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros” (MUNANGA, 1988, p. 44). Corroborando com a ideia de Munanga sobre a relevância da identidade cultural, Figueiredo acrescenta que esse conceito teve alguns princípios, que são: “construir uma nova identidade negra; rejeitar a arte decalcada nos modelos europeus e rebelar-se contra a política colonialista europeia” (FIGUEREDO, 2015, p. 182).

Diante do exposto, não podemos deixar de mencionar a importância que o movimento de negritude teve como referência de valorização dos negros em todo o mundo. No Brasil, podemos situar o escritor afrodescendente Nascimento Moraes, que rompe barreiras sociais e econômicas e imprime na sua escrita o compromisso com a causa do negro, colocando elementos que são próprios à literatura negra. Duarte (2013) aborda que quando atribui o complemento “afro” ao texto do escritor negro brasileiro tem mais consistência crítica, a partir de um ponto de vista particular a direcionar a abordagem do sujeito negro, seja na poesia seja na prosa.

Na prosa de Moraes, selecionamos a própria obra *Vencidos e degenerados* (2000), o conto “A preta Benedita”, retirado do livro *Vencidos e degenerados e Contos de Valério Santiago* (1982), a crônica “São Luís pitoresca”, do livro *Neurose do medo e 100 artigos* (1982), por evidenciarem os aspectos da negritude aqui tratados.

O romance *Vencidos e degenerados* é marcado com a notícia da Abolição da escravidão, mesmo sabendo que esta não assegurou ao negro a ascensão na vida

social, eles foram desamparados à própria sorte. E o reflexo que a Lei Áurea trouxe para os senhores de escravos. Em clima de festividade, os abolicionistas comemoravam a chegada da informação sobre a libertação dos escravos. “O movimento continuava intenso na residência de Maranhense, como em muitos pontos da cidade: em todas as casas onde moravam abolicionistas decididos e afervorados” (MORAES, 2000, p. 27). Percebemos que existe a presença de vozes que se preocupavam com a causa dos escravos. Personagens como José Maria Maranhense, “membro saliente do Clube Artístico Abolicionista Maranhense” (MORAES, 2000, p. 27), que não media esforços para lutar em prol dos negros. “Tinha decidido gosto pelas letras, pela ciência, por tudo enfim que fosse do domínio da inteligência humana. [...] como era inteligente, de uma assimilação fácil, deu força a sua loquacidade” (MORAES, 2000, p. 32).

Outro abolicionista fervoroso era João Olivier, “jornalista vibrante e orador fluente que pela imprensa muito trabalhava em favor dos oprimidos” (MORAES, 2000, p. 28). Ele também tinha gosto pelas letras e “suas crônicas eram as mais apreciadas da província e, fora dela, corria o seu nome em evidência, recomendado, pela pureza da linguagem [...]” (MORAES, 2000, p. 32). Filho dos alcantarenses, a branca Dona Rita e o mulato Francisco Jorge Oliveira, Olivier reconhecia a sua identidade e tinha orgulho de ter nascido dessa mistura, exclamando com grande exatidão:

– Sou mestiço e provera Deus que meu tipo fosse mais perfeito. – E, às frases de contrariedade que ele proferia, respondia: - Minha mãe está redondamente enganada. Esta terra é de mestiço. Pena é que minha mãe não ocupe as horas de ócio a ler a História do nosso país (MORAES, 2000, p. 93).

D. Rita “quando via o filho empenhado em lutas pela liberdade, em delírios pela República, que vinha a fazer do preto um cidadão” (MORAES, 2000, p. 94) fulgia de satisfação a voz de Olivier “em defesa da raça que lhe descendia” (MORAES, 2000, p. 94).

Os dois abolicionistas não tendo medo de combater o preconceito racial que reinava na sociedade maranhense utilizavam da intelectualidade para denunciar a situação da época. Dessa forma, “o negro intelectual descobre que uma possível solução a essa situação residiria na retomada de si, na negação do *embranquecimento*, na aceitação de sua herança sociocultural que, de antemão,

deixaria de ser considerada inferior” (MUNANGA, 1988, p. 6). Compreende-se que as atitudes dos abolicionistas se voltavam para o objetivo da solidariedade, em que “o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los e a preservar a nossa identidade comum” (MUNANGA, 1988, p. 43). Com isso, Maranhense e Olivier, homens que se destacaram com a nobilíssima causa dos escravos, são considerados como modelos da luta do movimento da negritude. Foram membros ativos contra a escravidão, pessoas engajadas e dispostas na defesa do negro.

Os personagens Olímpio Santos e Domingos Daniel Aranha já eram livres, antes mesmo da libertação dos escravos. “Olímpio era um preto retinto, alto e magro, rosto redondo, de expressão carregada de tédio, cabeça seca, olhos grandes e amortecidos” (MORAES, 2000, p. 39). Residia na Rua da Cruz, onde exercia a profissão de sapateiro. Era um trabalhador cuidadoso e incansável. Ficara sozinho no mundo, e volta às suas origens, quando o narrador lembra da sua tia, uma “negra africana, de família **mina**”, e de sua mãe, “a velha Noberta preta mina da **corte maior**”. (MORAES, 2000, p. 40, grifo do autor).

Seu único amigo e companheiro de ofício, Aranha, “era um mulato alto de meia-idade, mais magro que gordo, pouca barba, bigode ralo, cabelos crespos” (MORAES, 2000, p. 40). Fora liberto pela vontade do seu senhor, causando surpresa para muitos. Isso aconteceu, porque ele era testemunha de todas as suas maldades e petulâncias:

[...] Aranha fora capanga de seu senhor. Andava com ele em frequentes excursões pelo interior da província e, como o senhor se entregasse a conquistas amorosas, arriscadas e difíceis, ele teve a ocasião de muitas vezes salvar-lhe a vida, poupando-a às investidas da vingança cruenta que não esmorece, nem mede perigos. Aranha passara a exercer sobre o ânimo daquele homem uma influência extraordinária. Inteligente, penetrante de espírito, compreendera cedo que o seu senhor era um vicioso covarde, uma índole má e perversa e tão miserável que nem tinha coragem de responsabilizar-se pela miséria que derramava a mancheias no lar alheio (MORAES, 2000, p. 41).

Aranha tinha um grande controle sobre o seu senhor. Ele “ria de sua fraqueza, pensava e refletia sobre ela, como quem resolve um problema filosófico” (MORAES, 2000, p. 41). Zé Catraia também era de confiança do seu senhor e fora libertado em decorrência da Lei Áurea. Sabia dos detalhes da vida de todo o mundo,

todos se perguntavam como sabia de tudo o que se passara naquele lugar. Espírito de “homem do povo, ferino e alusivo, conhecedor das misérias de sua terra, da hipocrisia de muita gente e o como dos capitais dos ricos. Aquele homem era uma preciosidade...” (MORAES, 2000, p. 154).

João Olivier tinha muito orgulho do seu filho adotivo, Cláudio Olivier, e desejava a ele ser lutador, um combativo e ferrenho em favor da causa do negro. Aspirava que Cláudio fosse o que ele não conseguira ser naquela sociedade preconceituosa e hipócrita. Que não aguentasse desaforos e discriminações; que fizesse de sua escrita uma arma poderosa para o caminho de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitável, principalmente para os mais injustiçados e aqueles que estavam à margem.

Grande contribuição da formação intelectual destes dois (João e Cláudio Olivier) foi o professor Carlos Bento, que “era professor e jornalista. Extremadas lutas partidárias o houveram impossibilitado de trabalhar com os outrora liberais e conservadores. Afastado da imprensa, onde conquistara um nome respeitado” (MORAES, 2000, p. 74). Sua carreira foi desprezada, passando a viver de aulas particulares. “Da mesma forma que os Olivier, o professor Carlos Bento foi excluído socialmente em razão de sua militância política” (CARDOSO, 2013, p. 124). Era um crítico ferrenho da sociedade maranhense, e escrevera vários panfletos sobre a política e sociedade da época. No que se refere ao “estado de coisas”, ele escreve:

De 13 de Maio para cá começou o Maranhão a decair materialmente, não por falta de braços como vulgarmente, erroneamente, se propala por aí de toda a região brasílica; que nunca nos faltaram braços, nem os podia faltar num país que conta dezoito milhões de habitantes, no mínimo de aproximação numérica. Começou a decair, empobrecer, porque em grande parte não entendiam de lavoura e de criação os que acudiam os honrosos qualificadores de lavradores, agricultores e fazendeiros (MORAES, 2000, p. 81).

O discurso do professor Bento declara que a culpa recai sobre a própria sociedade, que é preconceituosa; falavam que a causa do arruinamento que assolava o Maranhão era a falta da mão de obra escrava; e com a libertação dos escravos, não tinham mais cativos trabalhando como outrora. E sabemos que o desejo da hegemonia era que o escravo nunca deixasse de ser escravo.

Outra figura importante na sociedade daquela época é o feitor. “Era um “homem terrível e bom, perverso e leal, a um tempo, porque só se o pode considerar

por duas faces, pela do senhorio aquém servia, e pela do escravo, que lhe obedecia” (MORAES, 2000, p. 82). O professor Bento continuar a descrever este homem temível:

O feitor mentia, abusava, esbordoava, e matava com o consentimento do proprietário que não se podia furtar a satisfazer-lhe os desejos e os caprichos. Conhecia o proprietário mais do que o proprietário o conhecia; era seu instrumento de todas as ocasiões e por isso ele avaliava bem da sua vilania, de sua covardia e de seus vícios e, por último, conseguira governar-lhe a vontade.

O feitor era um home necessário e preciso, que quase sempre se impunha nas fazendas porque sabia que sem a sua inteligência e seu braço, o senhor nada valia como homem e como trabalhador (MORAES, 2000, p. 83).

Ele era o homem de confiança do senhor, além de amigo, confidente e cúmplice de suas malvadezas; “era a disciplina e o instrutor de baraço e chicote” (MORAES, 2000, p. 83). E cabia ao senhor lhe apadrinhar pelos vários atos de selvageria que realizava contra os infelizes cativos. Era injusto, facilitava a vida de uns em detrimento de outros: “A meia-dúzia de escravos de agrado, poupava, frequentemente, no trabalho. Fazia intrigas. Os escolhidos, por sua vez, pediam regalias em benefícios de alguns companheiros a quem eram afeiçoados” (MORAES, 2000, p. 84). Isso ocasionava tumulto por aqueles que se sentiam desapontados por tamanha injustiça. O mesmo acontecia com as escravas:

Introduzidas no seio da família, que tinha as suas escolhidas que também eram favorecidas, eram dispensadas dos pesados encargos. E então vendiam estas desgraças por ignóbil preço, que era medido e limitado carinho, em que lhes repassavam a alma embrutecida, as outras vítimas de subjugo e vitupério, que lhes não eram afeiçoadas, ou que por frivolidades, ou despeito provocado pelos requestos de algum moço da família, não comiam com elas na mesma esteira... (MORAES, 2000, p. 84).

Com isso, podemos perceber como era a situação nas fazendas, sob mandos e desmandos desta figura impetuosa e opressora, o feitor. Outro aspecto que vale ressaltar, neste panfleto, redigido por Bento, é que “havia nas fazendas pequenas irmandades de diversos santos. Sendo oficial uma das irmandades, as outras se debatiam entre si e contra a favorita. [...]” (MORAES, 2000, p. 84). O proprietário da fazenda também tinha crença nos feiticeiros, que aprendera a ter com o feitor. “Não escapavam aos poderes do pajé pessoas mesmo da família do dono da fazenda;

porque não raras vezes acontecia introduzirem-se no lar, qual peçonha, crenças diferentes” (MORAES, 2000, p. 84-85). Dessa forma, percebemos, que existia nas fazendas as práticas mágico-religiosas originárias da África. Essas práticas e representações eram costumes dos povos africanos e descendentes, que adentraram ao território brasileiro e trouxeram consigo as tradições realizadas no seu local de origem, isso possibilita compreender que existe uma volta às suas raízes, reafirmando, assim, sua identidade afrodescendente.

Em “A preta Benedita”, assinado pelo pseudônimo Valério Santiago, apresenta a importância que a personagem Preta Benedita, “uma mulher de estatura regular, cara chupada, de movimentos ligeiros, olhos piscos e voz fanhosa” (MORAES, 1982, p. 207), tinha para a família Alves Leitão. Depois que seus senhores empobreceram, era ela que sustentava a casa e, por isso, todos a respeitavam. O narrador descreve a sua condição de pobre e de todos da turma do Liceu Maranhense e como faziam para adquirir os livros para estudar. As reuniões de estudo, ora feitas em sua “salinha”, ora na casa de Joaquim Alves Leitão. E foi nesse ambiente, que algo lhe chamou atenção: como a Preta Benedita era bem tratada por todos, pois pensava que fosse apenas uma criada qualquer da família. E então relata:

Reparei que o Joaquim, seus dois irmãos e suas irmãs obedeciam e respeitavam a preta.  
Benedita não se vexava de lhes passar carão, quando mal se conduziam. A dona da casa, D. Francília, tratava a preta como se fora uma de suas maiores amigas. Não foram poucas às vezes que as vi, debaixo da mangueira, no quintal, conversando a sós (MORAES, 1982, p. 207).

Tempos depois, o narrador comenta com sua mãe sobre a relação entre os brancos e a negra e, para sua surpresa, ela responde: “– Benedita [...] é quem sustenta a casa de teu amigo. D. Francília foi uma senhora muito rica. Os seus pais eram ricos e rico era o seu marido, o coronel Leitão. Os pais de D. Francília empobreceram do dia para a noite” (MORAES, 1982, p. 207). Ela ajudava a família com a venda de doces e com seus préstimos era reconhecida por todos da casa. A família Alves “deitaram-se ricos e, ao amanhecer, eram pobres”, como acontecia com muitas famílias. Os credores levaram tudo que possuíam e decretaram falência. “A família Alves fechou as janelas do seu palacete” (MORAES, 1982, p. 207). Não

frequentaram mais os espaços da sociedade ludovicense e nem suas filhas mantinham relações com as famílias de prestígio. A mãe do narrador relata como se deu esse fato:

O coronel poucas vezes saía à rua. E o que mais doía ao coronel Alves era que ele não tinha a seu lado todos aqueles velhos amigos do tempo das vacas gordas. Quando o coronel morreu, D. Francília ainda não tinha se casado com o coronel Leitão, que estava na crista da fama. Era diretor de bancos e sócio de grandes empresas, inclusive uma de navegação. [...]

O casamento surpreendeu a todos, porque, segundo constava o coronel Leitão comprara o sobrado por um preço vil, e que, dois meses depois, falecera a viúva ralada de desgostos, porque o coronel Leitão aproveitara de sua pobreza para arrebatá-lo o único bem que lhes restara.

- Não era o único bem, interrompeu meu pai.

- Não era?

- Não. O único bem ficou com D. Francília.

Minha mãe não compreendeu.

E meu pai, depois de tirar uma cachimbada:

- O único bem era a preta Benedita que os credores não quiseram avaliar, nem o coronel Leitão quis comprar quando a mãe de D. Francília, a pedido da preta, a ofereceu para ser sacrificada (MORAES 1982, p. 208).

O coronel Leitão entregou-se ao jogo e, com isso, perdeu todo seu dinheiro. “Nem os escravos de duas fazendas que ele possuía no Mearim foram poupados!” (MORAES, 1982, p. 207). Envergonhado da situação que passara, suicida-se à margem do rio Cotim. É a partir desse episódio, que a “preta Benedita” assume as despesas da casa, pois D. Francília não tinha dons para o trabalho. E mesmo quando “chegou o 13 de Maio de 1888, e os escravos abandonaram os senhores, a maioria a rogar-lhes pragas tremendas” (MORAES, 1982, p. 208), a preta Benedita foi a única criada a ficar com ela.

Com a notícia do 13 de Maio propagando-se na cidade, “muitos feitores perversos e desumanos foram surrados e esbofeteados pelos escravos. Aqui em São Luís bandos de escravos percorriam as ruas gritando a esmo, ou cantando estrofes de cativoiro” (MORAES, 1982, p. 209), insultando os senhores quando passavam em frente de suas residências.

Muitas famílias pobres ficaram em uma má situação, porque os poucos escravos que haviam conseguido comprar a custo de muitos sacrifícios e privações, deixaram-nas sem se despedirem. Desses escravos, os homens eram operários e as mulheres trabalhavam em

pequenas indústrias domésticas. Escravos e escravas "pagavam a semana" aos seus senhores, que pouco mais ganhavam em pequenos empregos (MORAES, 1982, p. 209).

Possuir escravos era símbolo de riqueza e nobreza. Até a população mais pobre fazia um esforço para ter escravo em sua casa. Em *Vencidos e degenerados*, percebemos esta situação com evidência, em que os pobres "faziam economias, com prejuízo de alimentação, e ostentavam pequeno cabedal de negros" porque "pertencer à primeira sociedade era possuir, pelo menos, duas ou três cabeças de negros" (MORAES, 2000, p. 37). Contudo, o historiador e professor Josenildo de Jesus Pereira, em sua dissertação, investiga sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão do século XIX. E, ao analisar essas práticas, apresenta o perfil da sociedade maranhense naquela época e afirma que "o sentido das atividades econômicas e a condição jurídica das pessoas é que indicavam, formalmente, o lugar destas na sociedade maranhense oitocentista" (PEREIRA, 2001, p. 43). Ele endossa que a condição jurídica era mais decisiva que a econômica, pelo fato de o senhor de escravos se revestir de lavrador e de comerciante, e muitas vezes, superando-as, porque na capital maranhense existiam pessoas com menos posses econômicas, mas que possuíam escravos. "Em São Luís, por ser a Capital da Província, a sua posse era ainda objeto de prestígio, porque ostentavam o 'luxo' de seus proprietários" (PEREIRA, 2001, p. 47), como podemos verificar no trecho do conto:

Pela explicação de meu pai, compreendi que a escravidão, nas cidades, transformara-se num vício social. O não ter escravos era um índice de pobreza e desprestígio das famílias. Pelo que as famílias pobres - mas que sonhavam com uma posição melhor, pelo casamento das filhas, não mediam esforços nem sacrifícios para possuir meia dúzia de escravos que, trabalhando em seus misteres de artesanato, ajudavam-nas com uma contribuição semanal, ficando-lhes um terço do salário para as suas despesas particulares e reservadas (MORAES, 1982, p. 209).

A escravidão se torna um "vício social", pois para Pereira (2001) possuir escravos era um símbolo de distinção social. "Entre os senhores e os escravos existiam, particularmente, relações pessoais de dominação, de conflito, mas também, de aliança e convivência pacífica" (PEREIRA, 2001, p. 49), neste último caso, refere-se à relação da família Alves Leitão com a preta Benedita.

A preta Benedita não se separou de D. Francília. Para ela não houve abolição. D. Francília alimentara-se de seu leite. Ela carregara aos seus braços, durante a sua meninice. Dera-lhe os cuidados que não encontrara no regaço de sua mãe. Com ela perdera as suas noites, cantando-lhe modinhas para fazê-la dormir. Quantas lágrimas chorara por causa dela! Quantas vezes a arrebatara das mãos de sua mãe, que, sem paciência, a queria bater por qualquer coisa! (MORAES, 1982, p. 209).

A ex-escrava Benedita preferiu ficar na casa da família Alves Leitão, onde cumpriu o papel de criar D. Francília e seus filhos e de sustentar a todos, com a venda de doces. Era um trabalho cansativo, mas só ela que era capaz de trabalhar. “As mulheres escravas ou libertas, por sua vez, desempenhavam inúmeras atividades no mundo do trabalho urbano e do campo, como amas-de-leite, cozinheiras, engomadeiras, vendedoras de doces, aves, peixes ou de frutas em seus tabuleiros” (PEREIRA, 2001, p. 66). Dessa forma, Benedita conseguia sustentar a família de D. Francília. “Fazia gengibirra que era muito apreciada e de que tinha grande freguesia nas tavernas. Fazia doce de coco e vendia aos quilos nas casas das famílias. A canjica, o pé-de-moleque e o arroz de cuxá davam bom rendimento” (MORAES, 1982, p. 209)

Ajudava, também, na educação das crianças, que frequentavam escolas particulares, sempre bem vestidas, não deixava lhes faltar nada. Tinham livros, canetas, papel e pena. Dos filhos da D. Francília, a preta tinha uma atenção especial ao Joaquim, por ser seu afilhado. Era um rapaz muito inteligente e sempre quando estava estudando na varanda, ela o agradava com muitas guloseimas. Joaquim foi estudar Direito, em Recife, desejo de sua madrinha. Benedita, muito responsável com as tarefas que trazia o sustento para a família, trabalhava sem parar.

Quando a preta Benedita, muito alcançada em anos, morreu vítima de uma beribéri galopante, D. Francília já sabia trabalhar. Era uma senhora cheia de experiências úteis à vida. Sabia fazer tudo, até cozinhar e coser. Auxiliada pelas meninas tomou conta das pequenas indústrias e negócios com que a preta durante quinze anos sustentava a casa (MORAES, 1982, p. 210).

Com a morte de Benedita, D. Francília teve que manter a casa, graças aos ensinamentos deixados pela fiel Benedita. Logo depois, “Joaquim bacharelou-se e voltou a São Luís, para tomar conta da família”. As irmãs de Joaquim estudavam

piano com uma cantora francesa e “por seus merecimentos intelectuais faziam parte da boa sociedade”. Conseguiram bons casamentos e “eram moças sóbrias de gestos, prendadas e de boa conduta”. Os outros dois filhos de D. Francília tiveram reconhecimento no comércio da capital maranhense, “de onde saíram como guarda-livros, um para Belém e outro para o Amazonas” (MORAES, 1982, p. 210).

Joaquim tinha um grande apreço pela preta. Era tão grande a consideração e gratidão, que mandou fazer uma corrente com o retrato dela. Em sua fala, Joaquim, expressa o significado que o negro possuía naquela sociedade escravocrata, retomando um passado carregado de sofrimentos: “Minha mãe Benedita! Minha mãe e minha avó, porque foi também a mãe de minha mãe! Bebemos o teu leite, bebemos o teu sangue, arruinamos as tuas energias e escravizamos a tua alma! Que nos poderia dar mais?” (MORAES, 1982, p. 211).

No conto, é perceptível observar o relacionamento prestativo de Benedita com os senhores, que mesmo depois de liberta, em decorrência do 13 de Maio, recusou-se a sair de perto da família Alves Leitão, pois já obtivera um certo grau de liberdade e tomara para si a responsabilidade de sustentar toda a família. Nas palavras de Fanon “o preto ignora o preço da liberdade, pois não lutou por ela. De tempos em tempos ele luta pela Liberdade e pela Justiça, mas se trata sempre de liberdade branca e de justiça branca, de valores secretados pelos senhores” (FANON, 2008, p. 183).

A crônica “São Luís pitoresca”, assinada pelo pseudônimo Junius Viactor, declara que a cidade de São Luís era habitada por muitos negros, onde viviam em condição de subalternidade, de sofrimento pelo seu passado, de obediência a seus senhores, e também, de superação à suas lutas. Esses negros são representados na figura do clichê “Preto velho”.

Preto velho! Ler a amargura e a fadiga na tua fisionomia serena, no teu rosto móvel como as grandes dores, que te cruciaram o coração, que tantas vezes te despedaçaram a alma, supliciado, talvez, e vendo o suplício de teus irmãos, como sofreste muito, trabalhando dia e noite na eira (MORAES, 1982, p. 277).

Observamos que o texto é carregado de passagens que demonstram que o negro tinha uma sobrecarga de sofrimento, devido ao processo de escravização. Eram vendidos, tendo passagem de fazenda em fazenda. Tratados com selvageria, onde o feitor açoitava-os com objetos cortantes, com o objetivo de que o senhor lhe

recompensasse. O narrador questiona ao Preto velho: “Quem nos dirá que pertenceste ao número dos que foram à feira, como o gado vacum a cavalhar, onde te examinaram, dando o mais grosseiro trato, os dentes, a pele, o tórax e os músculos”? (MORAES, 1982, p. 277). Em *Vencidos e degenerados*, podemos constatar como os negros eram vítimas das crueldades e violências do coronel Lousada:

Coronel Patusco era o coronel Lousada, a quem Olivier pregou aquele apelido canalha, por causa de suas maneiras e hábitos na sociedade. O povo porém, ferindo outro alvo, o alcunhara de – Alma Negra.

Lousada tinha especiais e originalíssimos instrumentos de suplício, tais como: cabos preparados com estilhaços de vidros, por onde forçadamente subiam e desciam os escravos, até cortarem inteira e profundamente as mãos: redes com lâminas lacerantes e pregos onde se embalavam, num horrível balanço, aqueles infelizes até se retalharem as carnes e se rasgarem os tecidos das costas e dos flancos; martelinhos para baterem na arcada do peito até o sangue espirrar ou golfar pelo nariz e pela boca; espetos de ferro que se levavam ao fogo até o rubro, para queimarem os olhos, a língua e os membros dos escravos, que endoideciam nas prisões úmidas e sufocantes do pavimento térreo (MORAES, 2000, p. 30).

Conhecido pelo povo como Alma Negra, devido à maneira horrorosa como tratava os escravos. Com a índole impiedosa, utilizava os piores e cruéis instrumentos de castigo. Na calada da noite, os vizinhos do coronel Lousada escutavam gritos e gemidos dos negros que eram espancados, jogados de encontro às paredes, a humilhação e o sofrimento dos afrodescendentes, a ação brutal reinava naquela residência. Escutava-se, “frequentemente, uma frase cheia de terror, do terror nascido, repetida com precipitação e fervor, na agonia da dor e de martírio: ai meu senhor! Ai meu senhor!” (MORAES, 2000, p. 31). A crueldade da escravidão e a dominação do branco trouxeram tristes recordações da história dos negros, da cruel servidão e degradação a que foram submetidos. Com isso, o negro sente a dor do seu passado:

Preto velho! Quantas reminiscências dolorosas te empanam a luz do olhar! Quantos episódios tristes te enchem de sombras o coração! Quantos vultos tétricos passam, daqueles tempos pelo teu espírito, com a soberba expressão que te olhavam, com o sarcasmo com que te falavam, com o desprezo com que te repeliam? (MORAES, 1982, p. 277).

O “Preto velho” representa a coletividade, todos os africanos idosos que foram estigmatizados pela dor da escravidão. “A escravidão foi um sistema de exploração, de posseção do corpo e cerceamento da alma, da liberdade individual e coletiva do negro” (SOUZA, 2006, p. 313). Ela traz toda angústia e sofrimento vivenciados por momentos tortuosos, deixando na alma, as marcas de repúdio e hostilidade.

“Ao depois... o desmoronamento!”. Eis que chega a libertação dos cativos e o desejo de tornar-se livre das amarras dos senhores: “Teus irmãos livres deixaram, como loucos as fazendas! Sonho? Alucinação? Realidade? Felizmente a realidade! Eram livres. Cessou, de repente a grande labuta. Os engenhos pararam. Onde reinava o trabalho, impôs-se o silêncio” (MORAES, 1982, p. 277). Ao saberem sobre sua “liberdade”, saíram exaltados a deixar seus afazeres pelo caminho. Olhavam seus senhores a envelhecer rapidamente pela raiva que passaram ao saber que não tinham mais escravos. “Choravam as meninas. Chorava a sinhá velha. Que fazer? Que destino os aguardava? Como lhes correria dali em diante a vida?” (MORAES, 1982, p. 278). A dependência que os brancos tinham dos serviços dos escravos era tamanha, que não conseguiam imaginar-se sem a servidão do negro, pois

A maioria dos brancos não reconhece o negro como pessoa humana igual a eles, mas como raça inferior, um escravo que deixou de ser escravo, que ainda traz no corpo a marca das correntes da escravidão, que depois de quebradas causaram a ruína de alguns senhores brancos e da família destes (SOUZA, 2006, p. 215).

O historiador Sidney Chalhoub, em *Visões da liberdade* (1989) fala que a carta de alforria que um escravo recebe do seu dono, também, pode ser compreendida “como o resultado dos esforços bem sucedidos de um negro no sentido de arrancar a liberdade a seu senhor” (CHALHOUB, 1989, p. 18). No Brasil oitocentista, a decisão da alforria ou não de qualquer um dos seus escravos caberia aos seus senhores e era entendida como “hegemonia de classe” e que “os castigos físicos na escravidão precisavam se afigurar como moderados e aplicados por motivo justo, do contrário, os senhores estariam colocando em risco a sua própria segurança” (CHALHOUB, 1989, p. 18).

Mesmo existindo uma reação contra a classe dominante, as narrativas de Nascimento que tratam dessa temática, evidenciam o amparo dos negros para com

os seus antigos senhores, que eram ao lado destes, mesmo depois de libertos, como podemos perceber na narrativa que segue abaixo:

Quiseste ficar impassível. Fechaste, a princípio, o coração, para presenciares como mero espectador o triste homem. Não te faltariam forças para tanto porque já tinhas assistido à tragédia hedionda dos de tua raça. Estavas com a alma preparada para todos os tormentos, para todos os desesperos que se desencadeiam bem dentro da alma daqueles que tinham sido teus tiranos, daqueles que te haviam roubado até o amor, quando bruxuleou, tênue, por entre as névoas do cativo. Mas a sublimidade de tua alma talvez fosse maior que teu ódio, lampejou mais alto que as chamas de tuas agruras. E nessa hora tremenda, quando os teus tiranos pensavam que iam deixá-los, como fizeram teus companheiros, sorriste com os teus braços para ajudá-los a viver, para com a tua coragem enxugar-lhes as lágrimas! (MORAES, 1982, p. 278).

A escolha de permanecerem com os senhores deve ter sido pelo fato de que não recebessem castigos tão cruéis. Nascimento Moraes imprime em suas narrativas, a experiência de liberdade dos negros, em que “para alguns, apenas uma formalidade, uma vez que permaneciam cativos por vontade; para outros o momento da desforra, a hora do acerto de contas com seus algozes” (BRAS, 2014, p. 50). Fatos que são visivelmente manifestados nos textos, aqui, analisados. “Há ainda o caso daqueles que, tendo obtido a liberdade em período anterior, receberam com indiferença a Abolição” (BRAS, 2014, p. 50), como é o caso do personagem Domingos Aranha, do romance *Vencidos e degenerados*.

A crônica finaliza falando da contribuição que os negros tiveram na construção da riqueza material e espiritual do Brasil. A escravidão, que perdurou por cerca de quatrocentos anos, não teve nenhum ponto positivo. Foi uma barbárie, o pior tipo de violência já praticada contra a humanidade. O africano escravizado e seus descendentes, participaram da construção deste país, tornando símbolo de resistência e pertencimento:

[...] preto velho, poderás dizer que foi bendito para estas terras que regaste com o suor do teu rosto, o erro dos que te escravizaram, e a teus pais, porque para o caldeamento deste povo a evoluir, entraste com a resignação, com o perdão, com a força do martírio, com a abnegação no amor, com a renúncia ao gozo, com a perseverança no afeto, com o que cristalizaste na alma nacional a lágrima mais pura do Sentimento, que é o símbolo augusto de nossa nacionalidade e o penhor sacrossanto, a égide diamantina da pátria brasileira (MORAES, 1982, p. 278).

Salientamos, que os textos de Nascimento Moraes problematizam a violência, a exploração e o desprezo contra a população negra antes e após a escravidão. Munanga afirma que “a criação poética torna-se um ato político, uma revolta contra a ordem colonial, o imperialismo e o racismo” (MUNANGA, 1988, p. 47). E isso, Nascimento reafirma em seus textos, com a voz ativa e destemida da assunção da sua negritude.

### 3 O PERCUSO DAS IDENTIDADES AFRODESCENDENTES EM *VENCIDOS E DEGENERADOS*, DE NASCIMENTO MORAES

*A ação começa no dia 13 de Maio de 1888 e dá-nos a atmosfera que conheceu São Luís do Maranhão no dia da Abolição da escravatura e as grandes esperanças de renovação da sociedade que animavam os jovens progressistas* (MÉRIAN, 2000, s/p).

Introduzimos este capítulo para apresentar o romance *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes, que exprime a conjuntura social e política do Maranhão no final do século XIX e início do século XX, “evidenciando a sua preocupação em descrever o cotidiano da sociedade maranhense, principalmente no que diz respeito ao povo simples, aos humildes, aos perseguidos, aos miseráveis, aos vencidos e aos degenerados” (CARDOSO, 2013, p. 119). É uma obra que nos possibilita numerosas leituras. Entre tantas, escolhemos para essa pesquisa os caminhos percorridos pela identidade, que para Hall (2011), não são fixas e estão sujeitas às mudanças. A partir desse olhar, observamos que as vivências dos personagens negros no romance são protagonizadas, colocando o negro no centro da narrativa, sujeitos que rememoram sua história, apresentando a memória individual e coletiva como capaz de oportunizar a construção de uma identidade. (EVARISTO, 2008).

Considerado “um dos textos que trata da saga do negro e de seus descendentes” (SANTOS, 2011, p. 312), *Vencidos e degenerados*, é uma obra de grande relevância para os estudos afro-brasileiros. O romance apresenta no seu conteúdo marcas da trajetória literária de Nascimento Moraes, de sua raça, do seu desejo de viver numa sociedade menos desigual, sempre polemizando os vários problemas existentes nela. “Escrita no começo de sua carreira, já era uma afirmação de esplêndido talento, do aticismo e da leve ironia que identificamos em toda a obra do velho e saudoso mestre” (SARNEY, 2000, s/p). Outra peculiaridade da escrita de Nascimento Moraes diz respeito aos *flashes* de memória, entrecortada por lapsos temporais, carregada de idas e vindas, retomadas da vida e de assuntos que envolvem os personagens.

Os caminhos iniciais da obra remontam ao acontecimento histórico da Abolição da escravatura. A grande festa em comemoração à libertação dos escravos é narrada com riqueza de detalhes, descrevendo cenas de uma cidade cuja

população é majoritariamente composta por homens e mulheres negras. População essa que se deixa levar pelo deslumbramento da notícia da Abolição, causando inusitados sentimentos e reações aos ex-escravos, que se libertavam das violências cometidas pelos seus ex-senhores. Durante o ocorrido, surgem os personagens José Maria Maranhense, “mulato, mais baixo que alto, e careca. Contava quarenta e tantos anos, grisalho, gordo e simpático” (MOARES, 2000, p. 32); João Olivier, o “ilustradíssimo *causeur*”, com sua brilhante oratória; Olímpio Santos e Domingos Aranha, escravos libertos que celebram a grande data na quitanda do português João Machado, mas conhecido por *Paletó Queimado*. Outra figura importante é Zé Catraia, que se libertara naquele dia, era “o mais popular de todos os populares, o mais inteligente e o mais saboreador de cana, conhecido sem rival em todas as bodegas e em todos os troços da cidade” (MORAES, 2000, p. 44).

Dentre os vários abolicionistas, destaca-se João Olivier, guarda-livros muito estimado e cronista admirável pela sua escrita irreverente. Ele teve fundamental importância nas questões que envolvem a sociedade, ocupando o lugar de porta-voz dos menos favorecidos. Depois da Abolição e da Proclamação percebe-se uma grande angústia e decepção de Olivier quanto aos acontecimentos históricos ocorridos no final do século XIX. Pensava ele que, com a liberdade dos negros e uma vez proclamada a República, aquela sociedade se libertaria dos preconceitos e iriam prosperar.

“As cruéis decepções que se seguiram, as frustrações que conheceram os personagens principais depois da instauração da República são as que Nascimento Moraes deve ter conhecido” (MÉRIAN, 2000, s/p). É observável que a obra perpassa a entranha ficcional e envereda por caminhos que nos possibilitam compreender a época vivida pelo autor. A narrativa de Nascimento é marcada “com moldes de tinta naturalista, sua fixação como observador do cotidiano e crítico impiedoso e irreverente do meio em que viveu” (MACHADO, 1996, p. 77). Considerado pela crítica literária como “cronista de costumes” (MORAES, 1976; MACHADO, 1996) por fulgurar a realidade que os negros viviam naquela sociedade, marcada de preconceitos e discriminações.

Graças a um estilo onde a vivacidade dos diálogos permite-nos apreciar certas descrições demasiado longas, o escritor faz-nos descobrir com realismo os mecanismos que animam essa sociedade

conservadora, medíocre, impregnadas de idéias racistas e de toda sorte de preconceito (MÉRIAN, 2000, s/p).

Olivier, não obtendo reconhecimento merecido em sua cidade, resolve partir para Belém, local em que seu ofício era valorizado. Consegue adquirir notoriedade no campo profissional e logo pode ajudar sua família. Com grande enfermidade, retorna à sua terra. “Recrudesceram os seus padecimentos e ele sucumbiu numa manhã de abril, deixando a família em completa pobreza” (MORAES, 2000, p. 100).

Cláudio Olivier, filho biológico dos ex-escravos Domingos Aranha e Andreza Vidal, segue os ensinamentos do pai adotivo, João Olivier, e desde cedo tomou gosto pelas letras. Com a morte de Olivier, Cláudio tivera que sustentar sua família. A vontade de seu pai adotivo era torná-lo um “homem destemido”, que vencesse os preconceitos contra sua etnia e classe social. E assim se tornou um homem corajoso e brioso, “apesar da perseguição que lhe movem despeitados e da má vontade que constantemente se manifesta contra ele, da parte dos professores, a princípio, e depois, por imitação, da parte dos colegas” (MORAES, 2000, p. 87).

Olivier fora aluno do professor Carlos Bento, assim como seu pai adotivo. Bento fora “considerado um dos maiores políglotas, uma das mais vastas ilustrações de que se honrava o Maranhão” (MORAES, 2000, p. 74). Um intelectual de estima, que não saiu do Maranhão, mas criticava duramente a sua sociedade. Fora afastado da imprensa devido às perseguições políticas e tendo uma vida miserável, fora amparado por seus antigos alunos e ex-discípulos que o ajudavam. Parecia não ter lugar àquele jornalista que tanto tinha a contribuir naquela sociedade hipócrita.

Quando Cláudio terminou os estudos no Liceu, abriu um curso particular, mas a renda da docência era muito pouca e, logo, o Machado conseguiu-lhe algumas escritas de tavernas. Com a morte de sua mãe adotiva, D. Rita, mãe de João Olivier, Andreza passara a viver com o filho. Esta se entregara à dependência da bebedeira e sempre passara vexames em espaços públicos. Cláudio não a desamparou, tinha uma enorme paciência, pois sempre era ele quem acudia.

Com a forte personalidade herdada de João Olivier, Cláudio “imitava-lhe a forma em que vasava aquele sentir irônico que era arma predileta do malogrado cronista” (MORAES, 2000, p. 103). Com a vontade de acabar com marasmo literário no Maranhão, Cláudio, com a ajuda de alguns moços, fundou a agremiação literária, que foi intitulada de “Grêmio Gonçalves Dias”. O grêmio fundou o periódico O

*Campeão*, indicação do professor Bento. Com a fundação da associação literária, Cláudio e seus companheiros começaram a ser perseguidos pela oposição, alguns homens da elite fizeram surgir o *Clube Odorico Mendes*, que cuidaram logo de fundar o jornal *O Triunfo*, declarando guerra aos gremistas e ao *Campeão*.

Cláudio começou uma amizade com o Américo Neiva, “um poeta lírico, cujas poesias muito em agrado [...] Vivia do ofício de encadernador” (MORAES, 2000, p. 109). Dessa amizade, outras surgiram. Neiva o levou à casa de João da Moda, um mestiço que abria as portas da sua casa para receber “os vencidos da vida”, como se classificavam. “Lá se encontravam rameiras, ex-escravos, pobres e principalmente poetas, prosadores, jornalistas, intelectuais boêmios, que afogavam suas mágoas e falavam de suas frustrações” (CARDOSO, 2013, p. 126). Quem frequentava as noitadas na casa de João da Moda e participava das rodas de conversas regadas a muita bebida era considerado um “maranhense intelectual” Foi em meio a esse ambiente que Cláudio conheceu Armênia Cruz, “a *cabeleira negra*, como lhe chamavam os romancistas daquela orgia, mulher de trinta e tantos anos” (MORAES, 2000, p. 115, grifo do autor) com quem teve um relacionamento amoroso, ampliando as perseguições sobre a vida do jornalista.

A sociedade ludovicense da época não podia tolerar que um jovem advindo de baixo estrato social, filho de ex-escravos, pudesse, além de censurar e satirizar os burgueses da época, amancebar-se com uma mulher de ascendência nobre, mesmo sendo rameira, mulher de vida boêmia, e sua família estivesse completamente falida (CARDOSO, 2013, p.124).

Nascimento expressa sua posição sobre a sociedade daquela época, caracterizando-a como preconceituosa e avarenta. Isso é posto, também, na festa de aniversário da Carmem, filha de Machado, em que os convidados “falavam da moral e do físico, sob todos os aspectos, de todos os modos. [...] Era a sociedade a bater com mão-de-ferro na própria sociedade; a família a despir ali a própria família do artifício e da compostura a si mesmo imposta” (MORAES, 2000, p. 157). Participavam da festa pessoas simples a “*elite postiça*” de São Luís.

Cláudio deduzia do que se passava nos bailes, princípios de rotina, nos quais se prendia a sociedade em que ele vivia; antigos defeitos de educação, vícios e hábitos inveterados de um meio em que não se modifica, os quais a despeito da transformação de caráter radical

que vai se operando em todo o País, persistem e resistem à ação do progresso e da civilização (MORAES, 2000, p. 159).

Cláudio “conhecia todos os que estavam ali e, pacientemente, classificava famílias e indivíduos, pelo que representavam na sociedade e pelo que, de fato, valiam” (MORAES, 2000, p. 160). “Os ricos imaginários” ostentavam superioridade e preconceito perante os pobres e negros, como se constatou depois de Cláudio ter declamado versos de Bulhão Pato, pelas palavras de Dona Noquinha Nogueira: “– É um rapaz bonito. Se fosse mais clarinho, um pouquinho mais aberto na cor...” (MORAES, 2000, p. 170).

Depois de um século da publicação da obra, os preconceitos não cessaram, pois “não é com poucos anos que se transforma uma sociedade e desenraizam preconceitos” (MORAES, 2000, p. 88). Mas podemos afirmar que houve avanços significativos com a conquista dos movimentos sociais e políticos em torno das questões raciais, isso reforça que “a identidade e o racismo não são fenômenos estáticos. Eles se renovam, se reestruturam e mudam de fisionomia, de acordo com a evolução das sociedades, das conjunturas históricas e dos interesses dos grupos” (MUNANGA, 1995, p. 17).

Entre desencantos e decepções; perseguições e hipocrisias que tanto sofrera naquele lugar, Cláudio resolve percorrer outro caminho. Aranha deu forças para que ele seguisse: “Embarca, vai cuidar de tua vida que é! Quando puderes irás ajudando, enquanto não puderes, trabalha tranquilo, cuida da tua vida” (MORAES, 2000, p. 277). Eis que Cláudio fora para o Amazonas, “incontestavelmente a terra das maravilhas”, lugar que lhe trouxera bons frutos. “Um Cláudio qualquer, pobretão, obscuro, que um dia se lembrara de ir lá ter, para ganhar a vida, em pouco tempo voltava rico, orgulhoso, abarrotado de brilhantes, comissionado pelo governo!...” (MORAES, 2000, p. 281).

Cláudio retorna ao Maranhão em um 15 de novembro, quando havia uma grande festa no Teatro São Luís, em comemoração àquela data. Estava de passagem e logo seguia para o sul. “Diziam-no rico, e ocupando elevada posição no Norte. Jornalista de pulso se revelava ele, e seu nome era, ao presente, vantajosamente conhecido em todo o País” (MORAES, 2000, p. 291). O seu nome ganhou destaque, conseguiu ter prestígio até de sua terra natal que tanto o rejeitara.

Os caminhos de *Vencidos e degenerados* refletem a realidade que os negros viviam naquela terra infeliz, completa de preconceitos e discriminações, com isso, personagens são engajados, preocupados com os problemas da sociedade.

Os personagens assumem um discurso de luta ou resistência contra a discriminação racial, que é também social, em seus respectivos espaços e ambições. Seja para ser reconhecido por seu talento literário e ser aceito na sociedade, seja para ser reconhecido apenas como um homem livre e com condições mínimas de sobrevivência (ARAÚJO, 2011, p. 27).

Por fim, os personagens nascimentianos são pessoas de luta, mulheres do povo, e, sobretudo, homens das letras que buscam seu reconhecimento naquele ambiente hostil, onde foram relegados, discriminados e perseguidos.

### 3.1 O dia da Abolição da escravatura: a memória de um passado escravo

#### Hino à liberdade dos escravos

*Salve Pátria do Progresso!  
Salve! Salve Deus da Igualdade!  
Salve! Salve o sol que raiou hoje,  
Difundindo a liberdade!*

*Quebrou-se enfim a cadeia  
Da nefanda Escravidão!  
Aqueles que antes oprimias,  
Hoje terás como irmão!*  
Maria Firmina dos Reis

A utilização da memória na ficção afro-brasileira permite apresentar as experiências históricas vividas pelo povo africano e seus descendentes. Busca refletir as reminiscências de um passado histórico, com o propósito de conservar viva a tradição oral e escrita dos afrodescendentes. Os escritores afro-brasileiros buscam no (seu) passado individual e/ou coletivo os aspectos culturais que permitem ser revividos na obra literária, como podemos perceber na passagem descrita acima, em que Maria Firmina confiava no progresso de sua pátria, a partir de um Deus da Igualdade e de um sol que clareasse a vida dos escravos, trazendo a esperada Liberdade. O hino rememora aos tempos em que se quebraram as amarras da “escravidão” sofridas pelos cativos, onde os antigos senhores são

“aqueles que antes oprimias/ Hoje terás como irmão!” O sentimento de igualdade expresso pela autora traduz todo o desejo de ter uma pátria livre de preconceitos. Desse modo, o escritor afrodescendente, apropria-se do seu passado e consegue contar a sua história e a história do grupo de que faz parte, articulando uma narrativa que significa a construção de identidades afrodescendentes, como assegura Evaristo:

Ao se observar a resistência da tradição cultural negra e a sua reelaboração, a sua reterritorialização no Brasil e em outros países, da diáspora africana, percebemos o caráter pessoal e coletivo da memória como possibilitador de construção de uma identidade. [...] A literatura afro-brasileira traz o registro de uma memória social, enquanto lembranças de vários indivíduos. Memória que permitiu um conhecimento de um sistema simbólico, que possibilitou uma reorganização do território negro da diáspora, através de uma mística negra, vivida em um tempo que escapa a uma mediação cronológica, por se tratar de um tempo mítico (EVARISTO, 2008, p. 6).

É peculiar a literatura afro-brasileira apresentar a memória social do grupo, isso favorece o processo de construção de identidade, por isso é relevante afirmar que no momento em que nos lembramos de alguma situação pretérita, é o grupo, o coletivo, que nos faz reviver o vivido. São as marcas deixadas no passado que se tornam evidente para que o sujeito possa reconstruir sua identidade. “A memória é, de fato, uma ‘força de identidade’” (CANDAU, 2011, p. 17). O historiador francês Joël Candau, em *Memória e identidade* (2011), diz que a identidade cultural ou coletiva é uma representação e que não são construídas de modo singular, “estável”, e, sim, “são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socio-situacionais – situações, contexto, circunstâncias -, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitárias ou étnicas” (CANDAU, 2011, p. 27).

Sendo assim, *Vencidos e degenerados* é um romance que faz alusão ao 13 de maio de 1888. Podemos admiti-lo como a retomada da memória de um passado escravo. “A circunstância de ser negro o seu autor, com a memória nítida do cativo, dá ao depoimento de Nascimento Moraes, na literatura da escravidão, uma posição de relevo” (MONTELLO, 2000, s/p). O dia 13 de maio é marcado por uma comemoração da notícia da libertação dos escravos e por apresentar as condições sociais e culturais que os negros viviam, ora em busca de reconhecimento, ora em busca de reivindicação.

Às oito horas da manhã do dia 13 de maio de 1888 a residência de José Maria Maranhense, na Rua São Pantaleão, uma meia-morada de bons cômodos regurgitava de gente. Ele, Maranhense, membro saliente do Clube Artístico Abolicionista Maranhense, era um dos mais ardorosos e salientes cabos-de-guerra do abolicionismo e um dos que mais se expusera pela nobilíssima causa da liberdade, não poupando em favor dela as suas pequenas economias.

Os que lá se achavam naquela gloriosa manhã eram pessoas de diversas classes sociais, desde o funcionário público e o homem das letras até artistas, operários livres, não faltando vagabundos e desclassificados.

Principiara o rebuliço na noite passada, durante a qual ansiosamente esperaram que chegasse o telegrama transmissor da grande e luminosa notícia da redenção dos cativos, de que, há muitos dias, já se vinha falando animados todos por vigorosas esperanças (MORAES, 2000, p. 27).

E assim o romance inicia com a expectativa da notícia da Lei Áurea. Nessa acepção, a memória de um indivíduo advém dos grupos sociais que ele participa, tendo dois tipos de memória (individual e coletiva), pois, a memória individual só vai ser útil a partir do momento em que absorve o conhecimento coletivo, “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 477).

Posto isto, é relevante afirmar que, no momento em que nos lembramos de alguma situação pretérita, é o grupo, o coletivo que nos faz reviver o vivido. São as marcas deixadas no passado que se tornam evidentes para que o sujeito possa reconstruir sua identidade, pois “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 476). Essas marcas são evidentes quando são descritas a movimentação, o envolvimento e a contribuição do grupo de abolicionistas para que tudo ocorresse em harmonia, neste 13 de maio, que é lembrado como a memória da abolição da escravatura.

Na manhã daquele dia, “às nove horas, pouco mais ou menos, notou-se o maior rebuliço na sala” (MORAES, 2000, p. 28). Era a presença do respeitável João Olivier à casa de Maranhense. “Seu nome era um florão de pérolas, na época, uma centelha. Por isso, à sua presença, quem não lhe vinha ao encontro, compunha-se,

voltava-se, para lhe examinar a figura original” (MORAES, 2000, p. 29). Uma figura agradável, cordial e surpreendente:

Era um rapaz alto, magro, moreno, rosto largo, olhos negros e vivos, faiscando através das lentes do *pince-nez*. Envergava um fato azul-claro; trazia um colarinho alto, gravata parda, a borboletear. Não dispensava uma flor qualquer à botoeira, e exibia naquela manhã um desabrochado botão de rosa amarela, luvas no bolso do peito do paletó, e uma palhinha airoso e leve. Caminhava com o passo largo e medido. Quando andava, metia o dedo polegar na cava do colete, balanceava o corpo e a cabeça, jogando com as espáduas, para a direita e para a esquerda, frente alevantada, altiva; e se porventura a baixava era para se espalhar no verniz da botinha. Era mestiço e fora com dificuldade que se colocara na imprensa e se fizera guardalivros de importante casa comercial. Era um cronista excelente e sustentava no jornal as graças e as louçanias do dizer castiço e vernáculo (MORAES, 2000, p. 28, grifo do autor).

Olivier se empenhou bastante com a causa dos escravizados, por isso, fora “um dos maiores elementos contra a escravidão” (MORAES, 2000, p. 32), dedicando-se fortemente a favor da libertação dos escravos. Maranhense, também tinha um enorme apreço pelos subalternos, se identificava com seus irmãos de cor e com isso, “os escravos o consideravam como um dos seus protetores; e porque ele era sincero na causa que defendia, eles o procuravam a todo o momento, para tratarem da liberdade deles” (MORAES, 2000, p. 33). Maranhense e Olivier estavam aflitos com a morosidade da notícia que traria a liberdade dos escravos. Em conversa Maranhense lhe falou:

- A coisa está demorando. Que achas tu?
- Acho que devemos estar tranquilos. A demora é um nada. Sou capaz de apostar que é hoje que a bomba arrebenta.
- Eu de ânsias estou ficando doente. Acredita que não preguei olhos à noite passada. Este pessoal só me deixou depois das duas da madrugada...
- E quem dormiu à noite passada? Nós não dormimos e eles não dormiram.
- Eles?...
- Escravos e senhores.
- Ah! sim, percebo (MORAES, 2000, p. 29).

Ansiosos com a espera da notícia, os abolicionistas relatavam as mais diversas sensações que passavam naquele dia, ficando a noite em claro. A conversar com Maranhense, Olivier relata que a sua tia Rosa tinha poucos escravos

e que dissera a ela que colocasse sua gente no olho da rua, antes que a informação da libertação chegasse. Na sociedade maranhense, os pobres presunçosos “faziam economias, com prejuízo de alimentação, e ostentavam pequeno cabedal de negros” (MORAES, 2000, p. 37), porque só assim poderiam fazer parte da elite, “esta pobreza fidalga daqui, já ia pegando a moda (notaste o ia de minha frase?) e não viria longe o dia em que os escravos, os próprios escravos, procurariam ter escravos!...” (MORAES, 2000, p. 31). A ironia na fala de Olivier reforça a crítica que faz à população maranhense em que queria estar num patamar a que não pertenciam. Eles tratavam os escravos da seguinte forma:

Os escravos dos pobres sofriam as mais ridículas vexações porque o espírito pequenino dos seus senhores se deliciava em os ocupar a todo instante com as coisas mais insignificantes, bagatelas, que, à vista da falta de meios neles patentes, tomavam aspectos bem deslavados e grotescos (MORAES, 2000, p. 37).

Faltava pouco para os pequenos donos de escravos que se diziam pertencer à primeira sociedade cair em decadência, os poucos escravos que possuíam já esperavam a notícia da Abolição e, estes, iriam ficar sozinhos e abandonados, por causa da maneira como tratavam os cativos.

Como grande cronista, Olivier escrevera “com vigor e até certa violência, doutrinava, repisava o assunto na conversação, descrevendo negras cenas de selvageria desconhecida na capital e que se davam no interior, nas fazendas” (MORAES, 2000, p. 32). Essas situações que aconteciam no interior, chegavam ao conhecimento de Olivier através de cartas de amigos que estavam por lá e, até mesmo, de escravos vendidos quando chegavam à capital.

Maranhense, com enorme alegria e fulgor, já não via a hora em que chegasse o telegrama, em que o Pereira e o Freire estavam a aguardar há horas. Enquanto esperava a notícia, dava ordens aos seus auxiliares pedindo que os foguetes e bebidas estivessem prontos quando recebessem o telegrama, para não gerar transtornos e insatisfações. Maranhense muito empolgado com a nobre causa dos escravos era considerado:

Entusiasta, impressionável, agitador, e cheio de resoluções, entre os abolicionistas do grupo, tomou posição evidente, e sua casa, que já era um ponto de conversação assiduamente frequentado por muitos

dos intelectuais da época, tornou-se um dos centros de reuniões de abolicionistas (MORAES, 2000, p. 33).

Com quase todos os preparativos prontos, planejavam como seria o percurso da passeata do *Clube*. Sairia de uma residência, localizada na rua de Santaninha, em que já se encontravam todos os apetrechos e decorações, “que tinham de figurar na ‘sensacional’, segundo se expressava Santana Reis, um dos mais valentes, inteligentes e prestimosos membros do *Clube*” (MORAES, 2000, p. 33, grifo do autor). Na rua “já estavam o retrato de José do Patrocínio e os de Nabuco, João Alfredo e outros vultos do gabinete libertador e de gabinetes que o precederam, trabalhando para a liberdade dos negros” (MORAES, 2000, p. 33). Esses foram algumas personagens históricas da militância abolicionista no Brasil no século XIX.

Na narrativa romanesca, Maranhense recomenda a seus seguidores que tomassem cuidado com o traslado das coisas, que faltavam ir, como as “muitas dúzias de foguetes, de balões, pequenos andores para os retratos, velas, alguns archotes e um retrato da Princesa Isabel, já colocado num andor lantejoulado” (MORAES, 2000, p. 34). O alvoroço das pessoas na sala de Maranhense e o movimento na rua cresceram. “Os abolicionistas estavam preparados para festejar a grande e áurea lei, salientando-se entre todos os preparativos, os do Clube Artístico Maranhense, que eram caprichosos, sem igual” (MORAES, 2000, p. 33).

Nesse sentido, a memória pode ser constituída pessoalmente ou pela coletividade, de que a pessoa ou a personagem está inserida, podendo ter participado ou não de tal acontecimento em determinado tempo, o grupo faz com que relembre a situação vivida. (POLLAK, 1989). Segundo Pollak, “há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1989, p. 12). Contudo, memória é “[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1989, p. 16). Esse sentimento pode ser representado na passagem em que chega a notícia da aprovação da Lei Áurea na casa de Maranhense:

O telegrama chegou às três horas da tarde.  
Os da comissão destacada no telégrafo deram o sinal  
convencionado, fazendo subir aos ares girândolas e foguetes.

O pessoal de prontidão, na casa de José Maria, respondeu tocando também outras tantas girândolas. A sala do velho abolicionista tremeu de vivas atroadores, que romperam no peito ansioso de toda assembleia.

As moças correram às cestas de flores e José Maria, com ar marcial, foi postar-se em frente a um retrato coberto de gaze transparente, colocado na sala, por cima do sofá. Ouviu-se, após, o tocar de foguetes em todos os bairros. Um grupo de populares vindo da Rua do Passeio pela Travessa do Monteiro, desembocou em frente da casa de Maranhense, invadindo-a depois (MORAES, 2000, p. 34).

Os quatro cantos da cidade festejavam o acontecimento e uma aglomeração de pessoas surgiu nas proximidades da casa de Maranhense para compartilhar enorme alegria. Esse sentimento de euforia, de contentamento, de comemoração sobre a aceitação da lei pode ser visto como uma forma de reconstruir a identidade de um povo tão esquecido. Com isso, há uma relação intrínseca entre memória e identidade, que é apresentada nos estudos de Candau (2011). Elas “se conjugam, se apoiam”, uma vez que elas “andam lado a lado, percorrem caminhos que se bifurcam numa encruzilhada de lendas, mitos, memórias, fatos históricos, experiências individuais ou coletivas” (SOUZA, 2006, p. 316) e que:

Não seria equivocado pensar memória e identidade como dois fenômenos distintos, um preexistente ao outro? Mesmo que ontológica e filogeneticamente a memória é necessariamente anterior em relação à identidade – essa última não é mais que representação ou estado adquirido, enquanto que a memória é uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana -, torna-se difícil consentir sobre a preeminência de uma sobre a outra quando se considera o homem em sociedade. De fato memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2012, p. 19).

A ligação entre memória e identidade é importante no sentido que ajuda a reconstruir o sujeito, sendo que a memória individual ou coletiva se torna um elemento que ajudará na construção de identidade, entretanto, para Halbwachs (2006), cada memória individual engloba a memória coletiva e isso se dá no momento em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72), admitindo a reconstrução de seu passado a partir de peculiaridades das lembranças de cada um.

Dessa forma, “Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (BOSI, 2009, p. 55). Esse posicionamento vai ao encontro do que Souza e Lima postulam:

A memória realiza uma “revivência” dos fatos que são reatualizados pelos rituais, renovando-se e repetindo-se nas suas diferenças expressas em tempos e lugares. Neste sentido, a memória vai além e transcende a mera repetição. A memória não separa o presente do passado, uma vez que o primeiro contém o segundo, que vai atualizando fatos da história e da vida. Dizendo de outro modo, a memória assume a condição de representações coletivas, trazendo no seu contexto a história de um povo (SOUZA; LIMA, 2006, p. 81).

Essa “revivência” que as autoras falam é concebida pelo personagem Olivier, visto como um defensor da causa dos escravos e representa todo o grupo, que, por sua vez, é voz ativa a favor da Abolição da escravatura, ou seja, é um representante da memória coletiva da sociedade maranhense. Com sua prosa cativante, discursa a todos os presentes que estavam no momento em que o telegrama chegou com a notícia. “Olivier, a um sinal de José Maria, subiu a uma cadeira, impondo a sua estatura simpática e atraente, estendeu o braço direito, com a mão aberta, pedindo silêncio. Súbito o burburinho estancou” (MORAES, 2000, p. 34). O abolicionista, através do seu discurso brilhante e encantador, utilizava suas palavras comovendo todo o público e, logo, foi respondido com exaltados aplausos. “Foi um discurso de conceitos, de pensamentos, sentimentos, que tocou ao auge de beleza e forma, quando falou na Princesa Isabel” (MORAES, 2000, p. 35).

Foi nesse ponto que Maranhense repuxando a gaze, com o correr do cordel que se lhe ligava, fez aparecer o retrato dela, feito a *crayon* por um talentoso artista patricio. Uma orquestra composta de conhecidos professores, dirigida pelo clarinetista Evaristo da Conceição, executou um hino da Liberdade, composição do mesmo Evaristo (MORAES, 2000, p. 35, grifo do autor).

Ao escutarem o Hino de Liberdade, todos os envolvidos com a nobre causa da Abolição, transbordavam de alegria ao expressarem sua exaltação com um *viva à Isabel!* “E em frente da casa de Maranhense, e dentro dela, se erguem exaltados ânimos, entusiásticas falas, e perene reina uma indizível e eloquente comunicação de ideias e pensamentos, por muito tempo enfreados e subjogados” (MORAES,

2000, p. 35). Essa conquista da liberdade fez com que os negros reconstruíssem sua memória histórica e cultural, que durante muito tempo ficou rasurada e reprimida.

Com a luta dos negros contra a tirania do cativo, e a campanha abolicionista, enfim chegou o dia da vitória. A bandeira da liberdade e os ideais de justiça saíram vitoriosos. Os escravos e os abolicionistas enfim venceram e, no dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel aboliu oficialmente a escravidão no Império. Era o último governante de país livre a fazê-lo (SANTOS NETO, 2004, p. 140).

Neste dia festivo, muitas práticas cometidas pelos escravos aos senhores se presenciavam. Uns que saíram da casa dos escravocratas sem avisar; outros que se vingaram das malvadezas realizadas pelos senhores. E “Momentos depois da proclamada Lei, começou a divulgar-se a notícia de que uma escrava ao passar pela Rua dos Afogados dera uma bofetada numa senhora que estava à janela” (MORAES, 2000, p. 36). As pessoas que conheciam aquela senhora, falavam que era “uma mulher má, sedenta de cruéis castigos, e que se apontava, distinta, pela impiedade de sua cólera, pelo arrebatamento do gênio irascível e impensadas ações” (MORAES, 2000, p. 36). Esses episódios de maus-tratos e de tortura com os negros estão relacionados à memória da escravidão.

Com enorme frustração, D. Amanda, “viu saírem, portas afora, sem um adeus, desvarados pela comoção da notícia, todos os seus escravos” (MORAES, 2000, p. 36). A violenta negra que lhe dera uma bofetada era uma de suas escravas, que eram massacradas e tratadas com enorme crueldade. Esta escrava “era uma carafuza ainda nova, farta de carne, sensual, de bem talhadas formas sedutoras, que fascinara o marido da senhora” (MORAES, 2000, p. 36). O velho comendador ainda se deixava levar pelos prazeres sexuais. E ao espiar as curvas da negra, causava espantosa raiva em D. Amanda, que começou a observá-la e castigá-la.

Entre as cenas de represália, apresentaram-se também cenas que causaram o riso, a zombaria. Há, ainda, aquelas que acarretaram ira e fúria:

Provocaram fortes gargalhadas e pilhérias picantes os inesperados cômicos que se deram: cozinheiras que abandonaram os patrões, sem lhes apresentar o jantar; outras que faziam compras e que se foram com o dinheiro e balde. E em muitas casas se passaram cenas deprimentes e tristes: escravos dando expansão à raiva e ao ódio cometeram desatinos de toda a espécie, quebrando móveis e louças,

e mais objetos que se lhes deparavam, e deixavam, a blasfemar, o teto onde tão desgraçados dias viveram, atirando ferinos e brutos impropérios que se iam quebrar, como garrafas e vidros, nas rótulas das janelas, nas portas, e na alma aniquilada dos infelizes ricos de ontem, que se viram em grande parte, pobres de um momento para outro (MORAES, 2000, p. 36).

A libertação dos escravos propiciou aos cativos os mais variados sentimentos: aqueles que deixavam seus patrões sem vinganças, apenas estavam satisfeitos em não mais os servir; outros que a agressividade e a indignação lhes tomaram conta do ser, apresentando atitudes violentas; houve, também, aqueles que preferiram permanecer na casa dos ex-senhores, pois a maioria já estava com idade avançada e porque não eram perversos com seus escravos.

Ao abrirem as portas, ao franquearem a saída aos de há pouco escravos, ofereceram abrigo aos que quisessem continuar na sua companhia. Muitos aceitaram os convites, na maioria os velhos, já inválidos para uma existência laboriosa, e moças que eram crias de muita estima e algum conforto, em geral filhos de escravas com os senhores moços (MORAES, 2000, p. 37).

Os escravos faziam suas escolhas. Decidiam se iriam partir ou se ficariam com seus antigos donos. À proporção que a notícia da libertação dos escravos foi sendo disseminada, outras reações surgiram, como a do preto Sabino que enlouquecera quando soube que estava liberto e lhe abriram as portas. Ele era “escravo do tenente-coronel Casemiro Sousa, condenado a duros e cruéis castigos” (MORAES, 2000, p. 44). O mesmo aconteceu “com a preta de nome Florença, escrava do Sr. Silva. Muitos outros casos de loucura foram depois conhecidos com as notícias que chegavam do litoral e do interior” (MORAES, 2000, p. 44).

Olímpio e Aranha, libertos anteriormente ao 13 de maio, não participavam da festa, só olhavam a passeata dos abolicionistas e “festejavam a Lei Áurea bebendo à larga, a regalo da tripa forra, uma cana-capim especialíssima [...]” (MORAES, 2000, p. 38), que era vendida na quitanda localizada na Rua do Desterro. A comemoração se alargava naquele estabelecimento. “Invadiu a tasca um magote de mulheres arrepanhadas, em desalinho, quase desvairadas, quase loucas de contentamento, tocadas já de frequentes libações” (MORAES, 2000, p. 38). Todos se juntavam numa grande algazarra de ensurdecer os que ali vibravam; um alvoroço se somava à vontade incessante de festejar tal fato. Em meio aquele tumulto, eles

rememoravam “nomes de crudelíssimos senhores de escravos, de feitores sangrentos e para logo se nomeavam alguns mansos e delicados. Compreendia-se pelos gestos, pela fisionomia, pelo olhar, o que cada um dos nomes lembrados lhes avivava na alma” (MORAES, 2000, p. 39).

As lembranças eram nítidas sobre o passado escravo, porque “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2009, p. 55). As imagens rememoradas pelos recém-libertos eram carregadas de angústia. Com isso, os indivíduos só lembram mediante o que Halbwachs chama de “quadros sociais da memória”, permitindo a rememoração, nesse caso, como forma de resistência e fortalecimento da memória coletiva do povo negro, como afirma Roland Walter:

A rememoração de uma memória reprimida através da escrita, este ato de trazer à superfície uma forma de sofrimento que é historicamente específica, pode funcionar tanto como estratégia cultural de resistência e potencialização eficaz contra a amnésia quanto como estratégia de atalhamento étnico (WALTER apud SOUZA, 2006, p. 110).

Muitos foram os acontecimentos ocorridos no dia 13 de maio. Zé Catraia, o “orador popular”, que se libertara também naquele dia, rememora os fatos vividos em decorrência da libertação, já que para Halbwachs (2006), o passado é vivido pelo presente, no momento em que existem vivências com outras pessoas, fazendo com que a memória do indivíduo não seja pura e sim coletiva, pois é construída em grupos de referências, que são locais em que o indivíduo já fez parte e que participa dos pensamentos e experiências que são comuns ao grupo.

Zé conta que na Rua Grande morava D. Silvéria Montenegro, que estava à janela vendo a passeata dos abolicionistas na companhia de sua filha caçula, Silvina. “D. Silvéria estava fura, terrivelmente enfurecida: momentos antes vira sair pela porta fora mais da metade de seus bens, em escravos lustrosos e bonitos que ela se comprazia em quebrar os dentes. Gênio irascível, assomada e intempestiva” (MORAES, 2000, p. 44). Ela fica enraivecida ao ver um grupo de negros a passar, gritando, a declarada libertação:

Rebenta no canto da Rua da Mangueira um grupo de abolicionistas, desfraldando uma bandeira branca, cabeças descobertas, a gritarem incessantemente:

– Viva a Liberdade! Viva Patrocínio!  
 – Viva a Rainha Isabel!  
 E o pessoal respondia:  
 – Viva! Viva!  
 E Silvina, quando o grupo passou à porta, gritou no formoso rasgo infantil:  
 – Vivou!  
 (MORAES, 2000, p, 45).

Com um gesto impetuoso, sua mãe, rapidamente, voltou-lhe a mão no rosto, que Silvina “caiu banhada de sangue”. A pedra do anel de brilhante de D. Silvéria acertou-lhe o olho esquerdo da criança. Esse fato causou enorme indignação popular.

As comemorações continuavam nas ruas, “novos gritos, novas imprecações, novos berros para acompanhar a grande passeata do Sr. José Maria Maranhense” (MORAES, 2000, p. 46). Zé Catraia convidava todos para assistirem os discursos. Ninguém queria perder, até o português *Paletó Queimado* queria saber que história era aquela de passeata.

Outra pessoa radiante de alegria com a comemoração dos abolicionistas era Andreza, “uma das satisfeitas, pois que se libertara em virtude da Lei. Não estava sóbria, um pouco se excedera na pândega daquele dia feliz, de imperecível lembrança, que se acabara de findar” (MORAES, 2000, p. 47). Andreza, na companhia de Aranha, comemorava com um: “– Viva a Liberdade!... – Viva! – repetiu Aranha, a rir mansamente, sonoramente, percebendo a alegria da companheira” (MORAES, 2000, p. 47).

As lembranças recuperadas por Olivier fazem parte da memória coletiva, que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Olivier tinha a esperança de que com liberdade dos escravos, a sociedade maranhense se libertasse de certos preconceitos e passasse a viver em júbilo, mas, com o passar dos tempos, o grande polemista observou que nada havia mudado. Em conversa com o professor Carlos Bento, ele expressa sua decepção em frente aos acontecimentos históricos ocorridos no final do século XIX: Abolição da escravatura e Proclamação de República:

Quando se proclamou a liberdade dos escravos eu tinha a alma cheia de esperanças. Estava até certo ponto convencido de que nos bastaria dar um passo para atingirmos certo grau de prosperidade e começarmos a ser felizes. A proclamação da República ainda mais esperança me trouxe. Avigoravam-se-me as crenças e cheguei a sonhar com um Maranhão intelectualmente e moralmente livre, a ascender como um deus! Pois com tristeza lhe digo, bastou que transcorressem dois anos de vida republicana! Logo me persuadi de meu erro exclamei, no desafogo de minha queixa ao ruir das minhas ilusões, como nosso querido Gonçalves Dias:  
 - Que me enganei, ora vejo! (MORAES, 2000, p. 76).

João Olivier fala que os detentores do poder deveriam ter adotado atitudes que reforcem a inclusão e valorização dos ex-escravos na sociedade, todavia, nada disso aconteceu, tornando suas expectativas frustradas. Os libertos não tinham acesso à educação, “não abriram escolas ao povo, não procuraram matar o analfabetismo, não foram verdadeiros republicanos os que se apossaram do poder...” (MORAES, 2000, p. 77).

Olivier era um intelectual que estava à frente de seu tempo e um abolicionista que conhecia a sociedade da época. Sabia de tudo que acontecia na cidade e sempre recorda os fatos daquele lugar em conversa com seus amigos. A esse fator, faz com que a memória apareça, seja individual, seja coletivamente, tornando a noção de tempo imprescindível para a lembrança. O tempo se faz presente no momento em que o indivíduo recorda um determinado período vivido, fazendo ressignificar uma lembrança, sendo que esta pode ser lembrada com mais propriedade no momento em que aconteceu o vivido, o que Halbwachs (2006) chama de “localização temporal de um fato”. Olivier lembra quanto se empenhou com a causa do escravo, a expectativa que tinha de dias melhores com Abolição da escravatura, até o desapontamento com o pós-abolição e o pós-proclamação.

As experiências da escravidão e da liberdade foram vivenciadas por vários personagens do romance de Nascimento Moraes, utilizando a memória para reafirmar a identidade do negro. Sobre esse aspecto, Evaristo esclarece que “a literatura negra é um lugar de memória” (EVARISTO, 1996, p. 24).

### **3.2 A construção de identidades afrodescendentes: lugares, entre-lugares e preconceito racial**

*- Realmente dói e compunge viver numa terra assim. Mas eu ainda não perdi as esperanças de dias melhores. Obscuro e pobre como sou, sem aspirações, meu caro Machado, tenho ainda fé que isto não permanecerá nesse estado por dilatados anos. O grande acontecimento de ontem, que ainda hoje se festeja, que se festejará sempre, por causa de sua alta importância político-social, este acontecimento me veio encher de esperanças o peito. A liberdade dos negros vem contribuir para o desenvolvimento desta terra infeliz, e dar-lhes novas forças, novos elementos, novos aspectos... Esta fidalguia barata virá caindo aos poucos, e o princípio de confraternidade virá acabar com estas supostas e falsas superioridades do ser, que tem sido um dos mais vis preconceitos da nossa existência política (MORAES, 2000, p. 66).*

Na passagem acima, percebe-se a afirmação da identidade e o pertencimento racial de João Olivier, quando ele fala do grande episódio do 13 de maio de 1888, que “veio encher de esperanças o peito” do abolicionista. Posiciona-se a favor dos negros, e mesmo perseguido pelo grupo político do poder, insiste em afrontar a elite maranhense, apresentando sua visão sobre a Abolição e reafirmando a importância do acontecimento histórico para os cativos, pois estava convicto de que “a liberdade dos negros vem contribuir para o desenvolvimento desta terra infeliz, e dar-lhes novas forças, novos elementos, novos aspectos...” (MORAES, 2000, p. 66). E que o fim da “fidalguia barata” só iria acontecer com a Abolição e com ela acabariam os preconceitos advindos das classes que se mantinham no poder. Ele tem uma visão realista, isenta de preconceitos e acredita que o fim da escravidão faria aquela terra progredir.

O 13 de maio é marcado pela espera da notícia que libertaria os negros da situação de escravidão. E é na residência de Maranhense que um grupo de abolicionistas e outras pessoas de várias classes sociais estavam reunidos esperando a gloriosa informação da libertação dos cativos. Neste sentido, ali se tornara um lugar de encruzilhadas, trânsito ou entre-lugar. Bhabha afirma que os “entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação [...] que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20). Em meio àquela movimentação dos envolvidos com a questão da Abolição, indaga-se o modelo de identidade fixa e promove sujeitos com várias posições no lugar em que se encontra, tornando sujeitos fragmentados. (BHABHA, 1998). Hanciau, em seu ensaio Entre-lugar (2010) faz uma releitura de Bhabha e reforça a ideia do ensaísta indiano:

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” enquanto categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – raça, gênero, geração, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e crucial no terreno político é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais para focalizar os momentos ou processos produzidos na articulação de diferenças culturais (HANCIAU, 2010, p. 138).

Isso reafirma o que Bhabha (1998) chama de “lugar intersticial”, visto como “um entre-lugar que o engloba e o ultrapassa” (HANCIAU, 2010, p. 138), possibilitando uma fronteira de tornar o negro visível, reconhecendo o direito social de ser livre, pois era esse o motivo da luta abolicionista. João Olivier, por exemplo, era um jornalista engajado à Abolição da escravatura e preocupado com o destino dos libertos. A movimentação dentro e nas imediações da casa do abolicionista Maranhense favorecia um ambiente de trânsito, “em que espaço e tempo, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade” (HANCIAU, 2010, p. 136). Isso se manifesta em tom de êxtase através dos libertos e abolicionistas: “populares comentavam os boatos e notavam os que entravam e os saíam daquela formidável assembleia em que se reuniam tão variados elementos” (MORAES, 2000, p. 28). Olivier observava os comportamentos dos indivíduos que estavam na sala de casa de Maranhense: “uns formavam pequenos grupos e conservavam sobre os últimos acontecimentos relativos à liberdade dos escravos; outros, agitados, a fumar, passeavam pelas salas, trocando palavras aqui e ali” (MORAES, 2000, p. 29). Assim, a identidade cultural continua em trânsito, movendo na encruzilhada diferentes tempos e lugares. (SOUZA, 2006).

A casa de Maranhense é um lugar de construção identitária, onde negros, ex-escravos, abolicionistas e outros envolvidos carregam sentimento de solidariedade com a causa da libertação. É sob uma atmosfera de festividades, de solidariedade, de reconhecimento, de afirmação de identidades, e de construção de autoestima que a população afrodescendente celebra o momento em que de fato se deu a libertação dos cativos. Saíram eufóricos pelas ruas da cidade de São Luís, onde se viam homens, mulheres, escravos, libertos, abolicionistas e simpatizantes, a gritar,

comemorando a libertação dos escravos e utilizando palavras imorais, revidavam todas as retaliações sofridas pelos seus senhores.

Eram cinco horas da tarde e a cidade fulgia de delírio, ardia na febre ruidosa e empolgante de sugestionadora alegria. Pelas ruas cruzavam-se grupos e grupos de escravos, a gritar, loucos de satisfação; outros berravam obscenidades que, como pedradas, iam bater nas janelas dos escravocratas: insultos soezes, ofensas terríveis, contra a família dos ex-senhores que, temendo violências físicas, fechavam as portas, apenas acabavam de sair os últimos libertos (MORAES, 2000, p. 35).

Todos os envolvidos naquela manifestação comemoravam com grande exaltação e satisfação o que representou o dia 13 de maio para os escravos. Mas, logo depois da Abolição da escravatura e da Proclamação de República, Olivier observa que pouca coisa havia mudado naquela sociedade, principalmente, para os homens e mulheres negras. Sobre esse fato, Du Bois utiliza a metáfora da “terrível sombra do Véu” (DU BOIS, 1999, p. 53), afirmando que os negros continuavam aprisionados a velhas práticas de preconceito racial, sendo discriminados e perseguidos.

João Olivier decidiu que iria partir para Belém, lugar que poderia lhe dar reconhecimento pelo seu trabalho e ajudar no sustento de sua família. Lá foi bem recebido, “seu nome era sobejamente conhecido. Foi-lhe fácil obter um emprego com comércio, com avultado ordenado e colocação na imprensa oposicionista que lhe pagava a colaboração” (MORAES, 2000, p. 99). Diferente de sua terra natal, que não dera oportunidade, Belém lhe acolhera satisfatoriamente.

De lá mandava cartas conselheiras a seu filho, Cláudio Olivier, desejando que fosse um homem que trabalhasse “em benefício de sua raça”. Estimula-o na luta pelo seu povo em prol da constituição de sua identidade, que está sujeita a constantes mudanças (HALL, 2011), não possuía uma solidez infinda, pois as identidades estão em frequente trânsito, vindas de diversas formas. A favor disso, Olivier assume a sua identidade étnico-racial, o autorreconhecimento de sua cor negra, sua origem e deseja que seu filho siga seus passos:

Eu estou criando um homem de luta. Para trabalhar com vigor em benefício de sua raça, é que eu o estou preparando. Um homem que tenha alguma coisa de leão é o que estou preparando. Instruo um cérebro e educo um coração. Cérebro que pense nos altos

problemas de sua terra e de seu povo, coração que saiba amar e odiar, amar o bom e odiar o mau. [...]

– Quero o Cláudio um homem destemido, e não um bacharel qualquer, forrado para resistir a insultos, pulso rigoroso para esmagar preconceitos; um polemista terrível que faça uma época e traga com a lâmina cortante de sua prosa, que há de ser castiça e fulgurante, o pelo desses animais que nos maltratam. Se me educassem polemista, outros galos me cantariam, e esse pessoal ruim passaria bem devagar nas minhas mãos (MORAES, 2000, p. 91-92).

Aspira que o filho torne-se um homem digno e corajoso e assim o fez. Deste modo, Cláudio toma gosto pelas letras e “seguia admiravelmente as pegadas de Olivier de quem lia, sempre que podia, os escritos” (MORAES, 2000, p. 103). E foi com os conselhos de seu pai, que Cláudio resolve alegrar o cenário literário de São Luís, fazendo ressurgir as letras maranhenses:

Fundara com alguns moços que lhes eram afeiçoados uma associação literária, sob os auspícios de Gonçalves Dias. E, como houvesse marasmo literário no Maranhão, dormindo as letras de sono condenador, depois de tantas lutas, e tanta atividade, o Grêmio Gonçalves Dias foi uma nota saliente na vida pacata de São Luís. Choveram as chufas, os doestos sobre o Grêmio, o ridículo distendeu suas malhas para prender nelas os seus membros. A fundação do Grêmio foi o assunto predileto das rodas; falava-se nele nos bailes e nas tavernas, falavam grandes e pequenos; e ainda mais se falou, quando a diretoria do Grêmio, reunida, visitou as redações dos dois jornais diários da capital, comunicando-lhes que tinha ficado resolvido em sessão, que em todas as reuniões ordinárias do Grêmio cada sócio defenderia uma tese, que seria tirada à sorte na sessão anterior (MORAES, 2000, p. 103).

A fundação do Grêmio lhe trouxe muita glória, era o assunto do momento, que percorria todos os cantos da cidade. Era o que se comentava. As críticas começaram a aparecer e o “mais alçado das pedradas era o Cláudio, o presidente do Grêmio”, mas ele não se importava com os insultos e as reprovações. E proclamava: “– Deixá-los lá... Prossigamos com a nossa ideia, unamos os nossos esforços é que é. Assim é que devemos responder aos insultos que nos atiram. É a inveja que ascende as suas fogueiras. Tenhamos força para o sacrifício” (MORAES, 2000, p. 104). Cláudio reagia e enfrentava o preconceito e a discriminação que sofrera devido a sua origem, representando a resistência do povo negro em lutar por espaços sociais.

Seguindo o que Cláudio dissera, o Grêmio teve progressos e as sessões eram frequentadas por várias pessoas. E “o dia anunciado, para a circulação do

primeiro número do *Campeão*, chegou. Foi dia 28 de julho” (MORAES, 2000, p. 106). Esse relato aparenta-nos um testemunho real, pois foi o mesmo dia em que Nascimento Moraes funda o grupo literário *Oficina dos Novos*, em São Luís, no qual era presidente, publicado pelo periódico *Pacotilha*, em 1900, fato este, já mencionado em capítulo anterior. Isso reflete a maneira que Nascimento Moraes utilizou para produzir seu texto literário a partir de suas próprias experiências.

Da mesma forma que Nascimento Moraes lutou contra as atrocidades de uma sociedade branca, elitista e hegemônica, o resultado dessa luta ele obteve com o reconhecimento de um homem de poderosa inteligência, que com a sua pena conseguiu fixar seu nome na história. Cláudio Olivier, de características semelhantes, também foi uma pessoa que buscava o seu lugar naquela sociedade, através da participação em agremiações literárias e escritos em jornais. “Assim, a obra e vida se articulam e nos dão belos exemplos não só de resistência, mas, sobretudo, de resiliência” (DUARTE, 2016, p. 56).

A falta de reconhecimento pelo que os jovens do Grêmio “Gonçalves Dias” fizeram, a triste cena literária que existia em São Luís, fez com que esse reconhecimento viesse de fora, de outros estados, menos do Maranhão:

Os gremistas fecharam os ouvidos ao falar mal e continuaram a secundar esforços. Saiu o segundo número, o terceiro, o quarto. Os jornais da terra que não souberam estimular os náveis intelectuais que, com tanto ardor, se entregavam às pugnas das letras, tiveram de envergonhar-se com os elogios que chegavam da imprensa de outros Estados, os quais eram propositadamente transcritos pelo *Campeão*. Em algumas dessas animadas notícias, vinham destacadas produções deste ou daquele rapaz, o que dava lugar a uma festa indescritível no seio do *Grêmio* (MORAES, 2000, p. 107, grifo do autor).

Essa fama dos moços do Grêmio, que pertenciam à classe média e baixa, estava causando muita inveja nas famílias antigas da fidalguia de São Luís e dos difamadores, pois não aceitavam que aqueles moços tivessem notório progresso, como relata o desembargador Tomás Brito: “- Vejam o futuro que há de vir por aí! Amanhã os filhos do desembargador Brito serão criados de um Cláudio Olivier, de um Plácido Monteiro, que naturalmente virão ocupar nesta sociedade as mais elevadas e honrosas posições!...” Disse que era preciso reagir, quando se virou para os filhos, percebeu que eles “sentiram o sangue lhes subir às faces” (MORAES, 2000, p. 108).

O Grêmio “Gonçalves Dias” ganhando popularidade e admiração pelos leitores da época, os rapazes da elite estavam incomodados com a grande repercussão das publicações dos “contos e sonetos, quadras, pensamentos e charadas” (MORAES, 2000, p. 106) do grupo, sendo o velho Bento responsável pela correção das produções. Com esse reconhecimento, os filhos de políticos e sobrinho de desembargador cuidaram logo em fundar o *Clube Odorico Mendes*, fundando o jornal *O Triunfo*, declarando “guerra aos gremistas e ao Campeão” (MORAES, 2000, p. 107). Não espantado com o que poderia acontecer, o velho Bento fala para Cláudio:

- Estava demorando que este grupo surgisse. Isto aqui é sempre assim: pouco mais ou menos isto que te está acontecendo. Se teu pai fora vivo contar-te-ia coisas de espanto. É preciso não afrouxarem. A luta principia agora. Procura rapazes hábeis e que possam pagar a contribuição do periódico. Gente de sobra! Os que saírem por intriga (que hão de aparecer muitos) não farão falta. Não te incomodes que eu estou aqui (MORAES, 2000, p. 109).

Enquanto na agremiação literária “Gonçalves Dias” frequentavam os estudantes, as vizinhas, “as visitas das vizinhas, os namorados das vizinhas e das amigas das vizinhas” (MORAES, 2000, p. 105), no *Clube Odorico Mendes*, faziam-se presentes “muitas senhoras e cavalheiros, membros e amigos das famílias a que eles pertenciam” (MORAES, 2000, p. 108). Daí via-se a divisão de classes que constituía aquela sociedade medíocre, pois havia espaços em que os homens e mulheres negras não eram aceitos.

Nascimento, como um descendente de escravo, apresenta sua narrativa e reconhece na voz dos personagens o seu próprio discurso, com o intuito de problematizar a relação entre negro e branco na sociedade maranhense. Nos trechos acima do romance, torna-se evidente a escritura do “afro-identificado” (DUARTE, 2013), quando a narrativa dos episódios romanescos é construída sob o ponto de vista do escritor negro que, posiciona-se como sujeito que recusa a eugenia, a falsa superioridade do branco, ou seja, nega a supremacia racial do branco em relação ao negro e outros. Nesse sentido, João Olivier e Cláudio são intelectuais negros, que com a educação formal conseguem reconhecimento e ascensão social, que se orgulham de lutar em favor de sua raça, de enfrentar a elite da época e de ultrapassar barreiras.

Enquanto na sociedade havia espaços em que os homens e mulheres negras não eram tão bem acolhidos, é na casa de João da Moda, lugar onde se encontravam e eram reconhecidos como intelectuais maranhenses. O poeta Neiva, “o príncipe dos vencidos da vida”, (MORAES, 2000. p. 116) apresentou o neófito Cláudio para participar das reuniões. Cláudio fora bem recebido por todos os que se faziam presentes. O poeta lírico, Onésimo Trancoso o recebeu com júbilo: “- Ao Cláudio Olivier, o festejado escritor, descendente em linha reta da sagrada linhagem dos Oliviers, eu, em nome dos vencidos, o cumprimento” (MORAES, 2000. p. 118). Com gritos de alegria, vibrou toda a mesa, numa saudação carregada de entusiasmos.

O dono da casa voltou-se para Cláudio e lhe disse: “nesta casa mora seu humilde criado que lhe fala neste momento desde o tempo do falecido Império. Aqui morei cativo e aqui moro livre, cidadão livre e independente” (MORAES, 2000. p. 118). Novamente os que ali estavam, gritavam triunfantemente. E continuava João da Moda a falar das pessoas que passavam pela sua casa:

- Isto aqui foi sempre um refúgio dos desgraçados, dos perseguidos, dos vencidos da vida! No tempo do defunto Império, os comendadores, os grandes militares, que caíam da graça do homem da governança, vinham chorar suas mágoas aqui, e era com estas ceias, com o meu parati, com o meu vinho que se consolavam dos desgostos sofridos e curavam e lavavam as feridas que se lhes abriam na alma, nos embates das paixões partidárias (MORAES, 2000, p. 119).

Aquele espaço era frequentado pelos “vencidos da vida”, que “também eram os intelectuais que viviam naquela sociedade cheia de degenerados. E esse ambiente de aparente desordem era o único lugar em que os vencidos se tornavam livres em frente à sociedade que os reprimia e rejeitava” (CARDOSO, 2013, p. 126). Era um lugar em que vivenciavam as tradições de um passado vivido pelos frequentadores daquela casa e João da Moda era considerado “a musa inspiradora de todos os degenerados e vencidos da vida que tomam parte neste bródio que há de ficar célebre, distinto e inconfundível na história desta terra, berço de heróis, de literatos, de cientistas, de...” (MORAES, 2000. p. 125) ilustres maranhenses. Um lugar onde não eram rechaçados, onde todos se sentiam à vontade para a produção literária. O Neiva reforça a admiração e o respeito que o povo da redondeza tinha pelos que frequentavam a casa de João da Moda:

Tudo quanto escrevemos, ali se lê e se estima. Arranjam música para os nossos versos e cantam-nos com amor e comoção, dando-lhes acentos profundamente sentimentais, tons dulcíssimos, tocantes expressões que nós nem tivemos quando o produzimos. Tu não imaginas como esses rapazes a que vulgarmente chamam trovadores de esquina, nos interpretam, nos traduzem e nos compreendem (MORAES, 2000, p. 192).

João Olivier sonha com o fim do regime monárquico e acredita que, uma vez ocorrendo o advento da República, brancos e negros teriam os mesmos direitos. Logo se enganou e a desilusão não se escondia em sua face, admite que “os fatos nos têm demonstrado que, se as novas forças não se agirem no organismo da nossa sociedade, nada teremos feito. Continuaremos indefinidamente neste estado de coisas, à espera de um cataclismo social” (MORAES, 2000, p. 76). Essa ausência de reconhecimento em decorrência da falta de uma sociedade mais justa causa decepção a quem lutara em prol da igualdade de direitos entre os povos. Olivier estava descrente de que houvesse uma transformação social e aqueles ex-escravos iriam permanecer na mesma condição de subordinados:

- Não duvido que esteja enganado; e prouvera que meu espírito se houvera empanado, quando me convenci de que tudo estava perdido. Acho, porém, que infelicidade minha e sua, eu vi claramente os horizontes da nossa terra. Eu esperava que depois do 13 de Maio, por que trabalhei tanto; depois do 15 de Novembro, com que me alegrei bastante; esperava que houvesse uma renovação social. Errônea ou acertadamente eu cuidava que a pública administração com luzes mais fortes e puras, tomasse outro caminho que não esse que hoje nos infelicita (MORAES, 2000, p. 77).

Aparentava que os libertos e os negros não tinham espaço social, continuavam à margem, pois “só se poderia dar semelhante transformação se os ex-escravos e seus filhos depressa aprendessem a ler e muito cedo percebessem que coisa é essa que se chama direito político” (MORAES, 2000, p. 77), Olivier supunha que a educação mudaria aquele “estado de coisas”, mas os republicanos não se preocupavam para que essa transformação ocorresse e a situação daquelas pessoas permanecia a mesma. “O preconceito, o estúpido preconceito afastou os negros das escolas. Maltratados, ridicularizados, insultados, foram a pouco e pouco se retraindo, até se ausentarem quase de todo” (MORAES, 2000, p. 210).

Os abolicionistas esperavam que o fim da escravidão traria vida mais digna aos escravos, que teriam educação e trabalho assalariado. Mas não houvera oportunidades para progredirem. Du Bois (1999) afirma que os escravos saíram da escravidão para entraram em uma falsa liberdade. Os escravos continuavam nas mesmas profissões de carroceiros, sapateiros, caixeiros, etc. “Os necessitados são, na maior parte, oriundos do povo, pertencem às famílias pobres e desprotegidas que não se misturam com as que representam a fina flor da sociedade” (MORAES, 2000, p. 57). Eram poucos os que conseguiam ter uma pequena ascensão, trabalhando nos periódicos da cidade ou em casa comercial. Isso acontecia devido aos laços de amizades existentes. O mesmo aconteceu com Nascimento Moraes, que teve amparo do professor Manoel de Bithencourt no seu ingresso nos jornais da época.

Olivier declara que no Maranhão parecia ter espaço para duas classes, apenas: “portugueses comerciantes e descendentes das antigas famílias” (MORAES, 2000, p. 90). E com isso, os intelectuais, não tinham lugar em sua terra, porque “a administração dos diversos departamentos públicos está entregue a descendentes de antigas famílias da província. Só a esses descendentes ou a quem a eles se subordina é dado administrar, por completo logro que passam do povo” (MORAES, 2000, p. 203). Os negros não tinham espaço, a sociedade elitista lhes fechava as portas. O preconceito era bem nítido com a população negra.

Mesmo sabendo que existem “inúmeros homens de merecimento, de incontestável valor. Estes, porém, vivem afastados, vergastados por um desprezo ridículo e mesquinho. Ninguém mais ignora a perseguição política daqui até onde vai. Ou capitula ou morre!...” (MORAES, 2000, p. 65). Olivier sente isso na pele, pois é obrigado a sair do seu estado em busca de trabalho e respeito, e conseqüentemente, reconhecimento, o que até então não obtinha em seu lugar.

Os pobres, os desprotegidos que confiam no futuro, experimentando as suas forças, batidas, vergastadas, pelos patrícios, que os cobrem de chufas e impropérios, por não terem eles uma recomendação que venha dos ominosos tempos, à força de inúmeros sacrifícios, conseguem fugir para outro Estado, onde o futuro se lhes apresenta mais fácil e encontram a satisfação de seus ideais realizado. Quase todos os nossos homens de letras daqui saíram fustigados pela má vontade dos cruéis e dinheirudos mandões, que não perdoam a um indivíduo obscuro o crime de querer focalizar-se. O sul está repleto de maranhenses ilustres, a Amazônia é um viveiro deles (MORAES, 2000, p. 206).

Foi o caso, também, de Cláudio, que precisou sair de São Luís para ser reconhecido e valorizado. O que existia na capital do Maranhão era um descrédito e o um desprezo às pessoas que não pertenciam às classes citadas acima, como confessa o professor Bento:

A terrível e esmagadora opressão moral-social, que a mais e mais se estreita nesta terra destruindo energias, aniquilando vontades, esfacelando músculos, ainda não pôde vencer no ânimo dos seus bons filhos a nobre altivez de princípios que professam, hauridos nos livros dos mestres, feitos do saber que razão e experiências alicerçaram.

A crise, ou melhor, esta tenebrosa fase que o Estado atravessa, fase de decadência moral, intelectual e material, ainda não subjugou o pensar daqueles nem a influência perversa e perniciososa de seu espaço desanimador e enervante, foi até os dias presentes, de tal sorte, que os arrastasse a concluir, como muitos: - que não há mais salvação para esta infeliz terra que é nosso berço, maior padrão de glória inatingível e imorredoura, nosso mesquinho presente, e que será, se o quisermos, se trabalharmos, se soubermos querer, nosso futuro feliz e olímpico (MORAES, 2000, p. 79).

A arbitrariedade dos que detinham o poder não permitia o progresso das pessoas que vinham das camadas populares, principalmente os negros, mestiços e ex-escravos, pois o “torrão natalício, protegido, em grande parte, por uma natureza ubérrima sem parar, num desfiladeiro rápido, retrógrada, ultrapassa em decadência as raias do seu antigo estágio de desenvolvimento” (MORAES, 2000, p. 80). O velho Bento critica as antigas práticas e afirma que hábitos como esses não eram para ser aplicados na República, e diz ser evidente a indiferença dos homens do governo pelas pessoas negras, pois “o governo está peiado e a peia do preconceito é a pior de todas” (MORAES, 2000, p. 89).

Maranhenses ilustres, conhecedores de sua terra, do seu passado e do seu presente, sentem o estado mórbido dela, de vêem claramente o erro nunca visto por muita gente e, se a indignação se manifesta em suas palavras e em seus escritos, é porque sentem também o indiferentismo esmagador dos homens da governança, pelos óbices que entravam as forças ativas de toda a coletividade, e o desprezo que lhe votam, igual ao cuidado que egoisticamente se dispensam e aos amigos da grei, beneficiando-os! (MORAES, 2000, p. 80).

O que existia era o “apadrinhamento” político entre a governança e os que dependiam de alguma forma de favores de parentes e conhecidos que estavam ligados ao poder. Havia um beneficiamento por parte dos que ficavam do lado da

situação, dando-lhes cargos e empregos. Podemos observar que no início do século XX, quando Nascimento Moraes escreve este romance, ele, um homem que estava além do seu tempo, já previa o que estava por vir, através dessa prática de “apadrinhamento”, ainda peculiar à nossa sociedade atual. Em conversa com Cláudio, Olivier descreve: “O governo não pode agir contra a companhia A, porque o seu gerente, o Senhor B, é compadre do primo do Doutor C, que é um dos chefes militantes no partido situacionista”. E continua: “Não pode contra a companhia D, porque é um dos seus diretores, o Senhor E, que é sobrinho do coronel F, que é compadre do Doutor G, que é presidente do Congresso, ou o administrador do mercado” (MORAES, 2000, p. 89). Os que tinham vez eram esses sujeitos, que conseguiam seus empregos através de conchavos políticos, enquanto pobres, negros e intelectuais, como é o caso de Olivier, continuavam excluídos:

Olivier era um desses abnegados. A perseguição de que era vítima, em parte ocasionada por essa imprensa a quem ele servia por amor à arte, apresentou-se furiosa e insolente na casa comercial onde ele era empregado; impôs-se, por fim, ao patrão, e o desditoso guardalivros começou a sentir o fel da indiferença que, contra a vontade, lhe dava a provar o seu velho e leal amigo de tantos anos (MORAES, 2000, p. 98).

Olivier passava por dificuldades financeiras devido às perseguições sofridas por ele naquela sociedade. Ele contava que seu pai, Francisco Olivier, também fora muito perseguido pela família de sua mãe, devido à cor de sua pele. Ele “era mulato de Alcântara”, casa-se com Dona Rita, “uma moça de pura linhagem” (MORAES, 2000, p. 93), que “descendia de uma das mais orgulhosas e ricas famílias de Alcântara” (MORAES, 2000, p. 92), mas os pais da senhora não queriam o casamento. “Gritavam, possessos, os brancos: - Petulante! Atrevido moleque que tanto te ambicionas!” e “bradavam os mulatos: - Jactância nunca sonhada! Pensar ela em tamanha distinção!” (MORAES, 2000, p. 93).

Olivier fala dos preconceitos enfrentados por Cláudio e a justificativa de perseguição é “a prevenção que há nesta terra contra todo rapaz que não descende das antigas famílias dos ominosos tempos”. E continua Olivier “a minha sombra é quem faz que os perseguidores guardem do pequeno respeitável distância. Outros há que são aberta e francamente fustigados...” (MORAES, 2000, p. 88). As perseguições a Cláudio só cresciam, por ser negro, pobre e também, por envolver-

se com Armênia, “descendente de uma rica família, a do coronel Magalhães, [...] era um velho de índole caprichosa, que ia até à malvadez e à perversidade” (MORAES, 2000, p. 132). A família de Armênia, mesmo falida, não queria que ela se envolvesse com um “pobre, paupérrimo”, assim classificaram Cláudio, pois “o orgulho ofendido dos respeitáveis pais de família não podia suportar tão grande desaforo, tamanha desfeita” (MORAES, 2000, p. 142).

Esse relacionamento mancharia o nome da família Magalhães para sempre na sociedade maranhense, pois Armênia juntando-se com um filho de ex-escravos, “um carafuz desrespeitador e audaz” (MORAES, 2000, p. 142), assim Cláudio era rotulado pela sociedade, iria desonrar a imagem de sua “raça”. Tentaram matar o carafuz, assim como o alcunhavam, “por causa da obscuridade de seu nome, da pequenez de sua posição” (MORAES, 2000, p. 145), mas a tentativa foi infeliz, foi salvo pelo pai, Domingos Aranha.

O preconceito racial é descrito em vários momentos no romance que, pela cor de pele e situação econômica são designados às mais vexatórias situações. Zé Catraia, um homem que ninguém dá importância à sua figura, é um homem que sabe de tudo que acontece. Conhece todos os problemas que se passam naquele ambiente intolerante e discriminador. Em conversa com Cláudio, Zé Catraia conta a humilhação e o desrespeito que sofreu por causa do português Machado:

- Ontem à tarde o Machado mandou prender-me.

- O Machado?

- O Machado. Ele tinha razão e não tinha... Eu lhe conto a coisa porque sei que ele é seu protetor... Ele subia a Rua de São Pantaleão de braço com uma senhora. Eu descia, arrimado numa camoeira furibunda. As janelas estavam repletas de moças... Eu, por um ímpeto involuntário, acostumado naquele bom tempo da Travessa do Precipício (o senhor não conhece essa época, mas pergunte a sua mãe) eu gritei: Oh Paletó Queimado? Como vais tu, português? Repare bem, Sr. Cláudio: como vais tu, português?

- Prenda este homem! - gritou ele. – Prenda este homem! – repetiu para um soldado que passava.

O marinheiro ficou roxo de raiva. A senhora dele estava pálida no meio da rua. Eu não articulei palavra... Um caboclinho de São Bento, o tal capitão Cruz, que tem quitanda no canto com a Rua de Santana, possesso, furioso, passeando na calçada, arregaçando as mangas de camisa:

- É um absurdo! Isto é uma coisa horrível! Este homem é um perigo, não respeita a família de ninguém.

As moças batiam a cabeça em sinal de assentimento, os vagabundos que passavam, concordavam que eu era um safado! O soldado pegou-me pelo cós, deu-me dois sacalões como faz o

menino ao papagaio, e lá me levou para o *São João*. O Machado me fez essa! Meu amigo de anos sem conta! Ofendi-o, porventura? Todo mundo não sabe que ele é o *Paletó Queimado*? (MORAES, 2000, p. 149-150, grifo do autor).

A arrogância de quem enriqueceu por meio ilícitos toma conta do *Paletó Queimado*, de quitandeiro passou a ser um dos diretores do Banco Comercial. Após exercer tal cargo pensava ter poder suficiente para rebaixar os negros e pobres que encontrava na rua. O preconceito social do Machado chegara, também, à família Olivier, família esta por quem Machado tivera grande afeição. A amizade entre o português e João Olivier se iniciara depois do brilhante discurso que o cronista fizera no dia da Abolição da escravatura. Assim, ele sempre ajudou os Oliviers, mesmo depois da morte de João. Cláudio frequentava sua casa e sempre foi muito bem acolhido, mas essa amizade foi cessada devido à conduta de Cláudio na sociedade e Machado não estava de acordo, vendo que tais atitudes iriam colocar em risco a sua reputação social. Machado não aceitava que Cláudio, “um moço pobre” afrontasse “uma sociedade inteira, com uma amante! Dupla afronta, até porque a tal Armênia era uma moça de família”. Pensava Machado que “ele a mais e mais se desmoralizava, e nessa desmoralização arrastava o seu próprio nome, dele Machado” (MORAES, 2000, p. 238).

Continuou Machado a minimizar a imagem de Cláudio, desvalorizando o seu trabalho com a escrita: “- E essa história de sociedades literárias? E esse jornaleco que sai de vez em quando? É outra coisa com que o senhor deve acabar. Pessoas que muito merecem têm-me dito horrores do senhor” (MORAES, 2000, p. 238). Foi a partir das opiniões que escutava de outrem, que Machado pensava que, continuando uma amizade com Cláudio, desonraria seu status social. “Machado não presta, é uma vasilha ordinária [...] Ele é capaz de ir ordenar aos quitandeiros que não te dêem mais escrita” (MORAES, 2000, p. 242), diz o Pereira Coelho a Cláudio.

Todos já conheciam a índole de Machado, sabiam que ele era capaz de tudo para manter uma “boa” imagem perante a sociedade. Observa-se na figura do personagem Machado, “um misto de velhacaria e esperteza” (MORAES, 2000, p. 242). Ele tinha a alma de um português, sendo que “os portugueses não trouxeram luzes; ao contrário, nutriram as populações com as suas crendices grosseiras e superstições deprimentes, como se não bastassem as que seus antepassados aqui deixaram e os dos infelizes e desgraçados negros escravos” (MORAES, 2000, p.

203). Os portugueses impunham sua cultura aos colonizados, pretendendo que os mesmos incorporassem a linguagem e a cultura do colonizador. (FANON, 2008).

Destaca-se o ponto de vista de Nascimento Moraes, que fala sob a perspectiva de escritor negro, que assume na sua escritura anticolonialista um discurso de negritude para desconstruir e desmistificar o pensamento escravagista e hegemônico do colonizador ao revelar o caráter e as práticas desprezíveis da elite maranhense, que eram representados por brancos e portugueses, que enriqueceram graças ao trabalho da mão de obra escrava.

Outro de semelhante caráter ao de João Machado é o major Rodrigues, que era alfaiate e com uns cobres que arranhou tirou a patente de major. Comprou uma casa e logo fechou a oficina. “Aclamou-se capitalista, criou pança e encouraçou-se numa soberba insuportável” (MORAES, 2000, p. 187). Foi eleito a um cargo qualquer do município e “deixou de cumprimentar a gente e, para limpar-se, passou a usar de uma frase que lhe é muito peculiar, espalha aos quatro ventos que só casará as filhas com portugueses ricos, ou homens formados!” (MORAES, 2000, p. 187). Esses são apenas os atributos gerais, os específicos são muitos que se torna impertinente enfatizar. É como afirmava Olivier, em uma de suas crônicas, que “três defeitos há nesta terra, que dão origem a todos os seus males 1º preto querer ser branco – 2º burro querer ser sábio – 3º pobre querer ser rico” (MORAES, 2000, p. 188). Essa afirmação de Olivier lembra Fanon quando declarava que o negro não queria ser reconhecido como negro, e sim como branco, um “desejo repentino de ser branco” (FANON, 2008, p. 69), pois “quanto mais assimila os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (FANON, 2008, p. 34).

E assim se perpetuara os mais vis preconceitos da sociedade, porque “em nossa terra, como nas outras, infelizmente os Rodrigues são muitos. [...] Rodrigues de toda espécie, pertencendo a todas as classes” (MORAES, 2000, p. 188).

E no entanto, se não fosse o preconceito asfixiante que infelizmente domina em toda a sociedade, se não fosse o ressentimento inapagável que lhe pegou na alma a memória dos tempos passados; o renovo do sangue pelo cruzamento, fortificando a geração, daria em resultado uma auspiciosa colheita de homens fortes, de uma organização incontestavelmente superior (MORAES, 2000, p. 206).

Os personagens afrodescendentes carregam os preconceitos vindos da época da escravidão e da pós-escravidão. Eles eram abnegados e perseguidos por uma sociedade branca, hipócrita, discriminatória e que ainda o marginaliza. No romance, os personagens são vistos com a ausência de estereótipos, favorecendo a construção de identidades em *Vencidos e degenerados*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Os que passavam, cumprimentando-os e rindo às suas chalaças, ouvindo-o rir como o resfolegar de um mar tranquilo, longe estava de saber que dentro de seu ser se encapelava naquele momento a vaga do desespero, que não tem mais remédios nem consolo, que sua fronte escaldava ao levantar-se de tão pesados pensamentos, que seus olhos se injetavam de sangue, a respiração ofegava, e seu corpo da cabeça aos pés vibrava, sacudido por comoções fortes que se sucediam constantes com rígidas rajadas invernais que repetidas vezes varrem cruelmente o solo, vergando na sua fúria e arrasando na sua impiedade a vegetação viçosa e robusta que formosa e altaneira ali se ostentava (MORAES, 2000, p. 53).*

A identidade na pós-modernidade se configura de maneira móvel, e de modo que o sujeito possa adquirir várias identidades em decorrência das constantes transformações ocorridas na sociedade. Hall (2011) classifica o sujeito pós-moderno pela mudança, cuja a identidade seja caracterizada pela diferença. O estudo da identidade cultural nos possibilitou o entendimento das identidades afrodescendentes apresentadas no romance *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes. O romance é construído sob o ponto de vista do escritor afrodescendente, cuja narrativa de dentro possibilita analisar as experiências dos sujeitos negros no período abolição e pós-abolição.

É evidente ressaltar que no romance existem marcas da escrita afrodescendente que, através das falas dos personagens afrodescendentes, observamos que existe um sentimento de pertencimento, de aceitação da identidade, da negritude, de histórias dos abolicionistas que faziam parte de Clube Artístico Abolicionista Maranhense e estavam envolvidos com a causa dos escravos, lutando pela libertação dos mesmos e reivindicando os direitos dos negros. Esse engajamento se manifesta no movimento dos abolicionistas e na sua luta pela sua causa dos homens e mulheres negras escravizados. Tal registro é constatado pela reivindicação dos direitos dos negros e na recusa do preconceito racial. É um texto em que os mestiços, mulatos, filhos de ex-escravos não escondem sua identidade, pelo contrário, deixam claro a sua origem e se orgulham dela, mesmo sendo, por muitas vezes, discriminados e rechaçados pela sociedade elitista da época.

No romance, os afrodescendentes abolicionistas são representados por homens das letras e pessoas comuns, que faziam uso da pena para denunciar os preconceitos vindos da sociedade, através das crônicas do jornalista João Olivier,

dos panfletos escritos pelo professor Bento, das publicações da agremiação literária Gonçalves Dias, através do jornal *Campeão* para falar sobre a situação social e política que atingia os menos favorecidos, como os ex-escravos e, também, a escrita servia como uma arma em defesa dos oprimidos.

Na prosa de Nascimento encontramos elementos que reafirmam os aspectos da negritude através dos relatos das condições dos afrodescendentes: o mestiço que lutava em prol da sua raça, como é o caso de Cláudio Olivier; a Preta Benedita que desistiu de viver sua liberdade para continuar ajudando a família Leitão, por ser muito querida pelos entes da família, que valorizavam a sua origem e reconheciam todo o sofrimento de sua ascendência. “Preto velho” na crônica “São Luís pitoresca” simboliza todo o processo de escravização a que negros eram submetidos, toda a tortura das violências cometidas pelos brancos. Acrescenta ao final da crônica a liberdade dos escravos, como podemos ver, uma característica dos textos de Nascimento, falar sobre a Abolição e apresentar um ponto positivo acerca desse acontecimento histórico, bem como a importância da herança cultural que os negros nos deixou.

A narrativa deixa marcas da memória individual e da memória coletiva, uma vez que remonta à história da libertação dos escravos, a comemoração dos cativos quando receberam a notícia, a descrição de como eram tratados pelos seus donos, até os impactos causados pela frustração de não ter mudanças significativas em relação a melhoria da condição social dos ex-escravizados, pois não emanciparam o negro da condição de pobreza e do preconceito racial.

Com isso, podemos perceber que a obra é carregada da memória da escravidão, de narrativas de testemunho pessoal e coletiva. O autor reconhece a história, a importância do negro no desenvolvimento social, econômico e cultural do Brasil. Os episódios narrados registram os fatos da história da escravidão, o discurso reivindicatório assumido pelo narrador ao tratar da crônica, da vida cotidiana de São Luís entre 1888 às primeiras décadas do século XX, denunciando mazelas, preconceitos, racismos da sociedade de então. Os personagens abolicionistas eram engajados com a abolição da escravatura e preocupados com o destino dos libertos, que estavam sempre reivindicando os direitos dos negros a favor de uma sociedade justa e igualitária, logo, a memória coletiva é partilhada pelo grupo em que os sujeitos estão inseridos.

A efervescência das pessoas que estavam envolvidas com a nobre causa da Abolição da escravidão permitiu um lugar de trânsito, onde o entrar e sair, a agitação e a movimentação dos transeuntes giram em torno da espera da grande notícia que libertaria os escravos.

Com o grande preconceito de que os afrodescendentes eram vítimas pela elite maranhense, em alguns espaços não eram aceitos, ou se aceitos, eram rejeitados, discriminados, principalmente, devido à cor de sua pele e sua posição social. Mas havia lugares em que eram valorizados e respeitados, como na casa de João da Moda, um espaço em que os intelectuais maranhenses se reuniam para falar de literatura e dos problemas que afligiam a sociedade.

Posto isso, a identidade e a memória coletiva nos remetem à vivência de Nascimento Moraes no meio social, cuja narrativa romanesca é arquitetada a partir de tramas que remetem às experiências de vida do próprio autor e quando são reafirmados posicionamentos que traduzem sua recusa ao preconceito racial e à condição de abandono econômico e social da população negra e pobre do Maranhão. Essa interpretação da obra, a literatura afro-brasileira nos possibilitou realizar.

Esperamos que este trabalho possa apresentar caminhos para outras pesquisas que envolvam o aspecto tão inerente à obra de Nascimento Moraes: a afrodescendência. Partindo da perspectiva de apresentar o olhar de um escritor negro, é que o estudo da obra em questão irá contribuir para ampliar o universo de leitura dos interessados na obra do autor, pois será útil como de fonte de pesquisa, suscitando novos estudos, com o intuito de ampliação da temática sobre a literatura afro-brasileira, a representação do negro na vida social brasileira, os aspectos da memória individual e coletiva e os lugares e entre-lugares, analisados na obra *Vencidos e degenerados*.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Adriana Gama de. **Em nome da cidade vencida**: a São Luís republicana obra de José do Nascimento Moraes (1889-1920). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- ASSIS, Machado. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BAHIA, [José Aílton Ferreira]. In **Cadernos Negros 11**. São Paulo. Quilombohoje, 1988.
- BARBOSA, Domingos Caldas. In: BASTIDE, Roger. **A poesia afro-brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1943.
- BASTIDE, Roger. **A poesia afro-brasileira**. São Paulo: Martins, 1943.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 15. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- BRAS, Cubas. Pedras à opinião. In: **A Imprensa**. São Luís, 03 mai. 1907.
- BRAS, Helayne Xavier. **Os marginalizados pela República**: o discurso sobre modernidade e cidadania na obra de José Nascimento Moraes (2014). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.
- BROKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Trad. Marta Kirst. Mercado Aberto-Séri. Porto Alegre: Novas Perspectivas, 1983.
- CAMARGO, Oswaldo de. **15 Poemas Negros**. São Paulo: Associação Cultural do Negro, 1961.
- \_\_\_\_\_. **O negro escrito**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1987.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDOSO, Patrícia Raquel Lobato. **Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”**: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República (2013). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.
- CÉSAIRE, Aimé. **Diário de um retorno ao país natal**. Tradução, posfácio e notas de Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CRUZ, Mariléia dos Santos. A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2016. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73\\_011](http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73_011)> Acesso em: 20 fev. 2017.

CUTI, [Luiz Silva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

\_\_\_\_\_. **Poemas da carapinha**. São Paulo: Ed. do Autor, 1978.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações**. Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40. jan./jun. 2005

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afro-descendência. In: **Literatura, política e identidade**: ensaios. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis afro-descendente**: escritos de caramujo. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2009.

\_\_\_\_\_. Maria Firmina dos Reis: na contracorrente do escravismo, o negro como referência moral. In: MAGALHÃES, Ana Flávia; CHALHOUB, Sidney. **Pensadores negros - Pensadoras negras**: Brasil séculos XIX e XX. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

\_\_\_\_\_. O negro na literatura brasileira. In: **Navegações**, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: FERREIRA, Elio; FILHO, Feliciano José Bezerra (Orgs). **Literatura, história e cultura afro-brasileira e africana**. Teresina: Editora da UFPI, 2013.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Trad. Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

EVARISTO, Conceição. Escrivências da afro-brasilidade: história e memória. In: **Revista releitura**. Belo Horizonte: Fundação Cultura – Prefeitura, 2008.

\_\_\_\_\_. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: **Scripta**. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

\_\_\_\_\_. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. Vozes-Mulheres. In: **Cadernos Negros 13**. São Paulo: Quilombhoje, 1990.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Elio. **Identidade e solidariedade na literatura do negro brasileiro**: de Padre Antônio Vieira a Luiz Gama. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 2005.

FIGUEIREDO, Eurídice. Caribe francófono e África: Interseções. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís - MA, Brasil, v. XVI, n. 30. p. 175-193. Jan./jun. 2015.

FIGUEIREDO, Eurídice; GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; PESSANHA, Márcia Maria de Jesus; CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Negritude, negrismo, literaturas de afro-descendentes. In. FIGUEREDO, Eurídice (Org) **Conceitos de literatura e cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.

GALLIZA, G. Intervenção pacífica. In: **Pacotilha**, São Luís, 02 ago. 1910. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_02&pasta=ano%20191&pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_02&pasta=ano%20191&pesq=>) Acesso em 28 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Os puxos do Valerio. In: **Pacotilha**, São Luís, 30 jul. 1910. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_02&pasta=ano%20191&pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_02&pasta=ano%20191&pesq=>) Acesso em 28 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Intervenção pacífica. In: **Pacotilha**, São Luís, 30 jul. 1910. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_02&pasta=ano%20191&pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_02&pasta=ano%20191&pesq=>) Acesso em 28 mar. 2016.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas**. 3 ed. São Paulo: Typ. Bentley Junior, 1904.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFRJ, 2005.

GOMES, Heloísa Toller. Introdução. In. DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Trad. Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

GUIMARÃES, Geni. Integridade. In: CAMARGO (Org.). **A Razão da Chama**: Antologia de poetas negros brasileiros. São Paulo: GRD, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HANCIAU, Nubia Jacques. O Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2010.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica: história, teoria, polêmica**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In DUARTE, Eduardo de Assis (Org). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 1. Precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. O negro de objeto a sujeito. In: **Crítica sem juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MACHADO, Nauro. **Esferas Lineares: 4 Estudos Maranhenses**. São Luís: SECMA, 1996.

MARTINS, Manoel. **Operários da saúde: os novos atenienses e a invenção do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2006.

MÉRIAN, Jean-Yves. Vencidos e degenerados: um documento sociológico. In: MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

MONTELO, Josué. In: MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

MORAES FILHO, José do Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

\_\_\_\_\_. In: MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e Degenerados e Contos de Valério Santiago**. São Luís: SECMA. 1982

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. 2. ed. São Luís: SIOGE, 1976.

MORAES, José do Nascimento. **Neurose do medo e 100 artigos**. São Luís: SECMA/Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. O africanismo de Bruno Menezes. In: **Athenas**, Revista do Maranhão para o Brasil. a II. n.19. jul.1940.

\_\_\_\_\_. **Puxos e repuxos**. São Luís, Typographia dos Artistas, 1910.

\_\_\_\_\_. **Vencidos e Degenerados e Contos de Valério Santiago**. São Luís: SECMA; SIOGE, 1982.

\_\_\_\_\_. **Vencidos e Degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

\_\_\_\_\_. Rimas, sophismas e philosophias. In: **A Campanha**, São Luís, 06 jun. 1903. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=241083&pasta=ano%2010pesq=>> Acesso em 13 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Rimas, sophismas e philosophias. In: **A Campanha**, São Luís, 11 jun. 1903. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=241083&pasta=ano%20190&pesq=>> Acesso em 21 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Diário Oficial**, São Luís, 29 jan. 1941.

MOREIRA, Neiva. Nascimento Moraes. In: MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos Anti-racistas no Brasil. In: QUINTAS, Fátima (Org). **O Negro: Identidade e Cidadania**. IV Congresso Afro Brasileiro. Recife: FUNDAJ, editora Massagana, 1995.

\_\_\_\_\_. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NASCIMENTO, Abdias do. **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: GRD, 1968.

OFFICINA DOS NOVOS. In: **Pacotilha**. São Luís, 28 jul. 1990. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319\\_01&pasta=ano%20190&pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20190&pesq=>) Acesso em 25 fev. 2016.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. **A fronteira do cárcere e do paraíso**: um estudo sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão oitocentista. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2001.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados** 18 (50), 2004.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Trad. Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis. Ed. Mulheres. Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

SANTIGO, Valério. Puxos e repuxos. In: **Correio da Tarde**, São Luís, 01 ago. 1910. Disponível em <  
[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&p  
esq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&pesq=>) Acesso em 29 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Puxos e repuxos. In: **Correio da Tarde**, São Luís, 05 ago. 1910. Disponível em <  
[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&p  
esq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&pesq=>) Acesso em 29 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Puxos e repuxos. In: **Correio da Tarde**, São Luís, 06 ago. 1910. Disponível em <  
[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&p  
esq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&pesq=>) Acesso em 29 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Puxos e repuxos. In: **Correio da Tarde**, São Luís, 27 jul. 1910. Disponível em  
<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&  
pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&pesq=>) Acesso em 22 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Puxos e repuxos. In: **Correio da Tarde**, São Luís, 28 jul. 1910. Disponível em<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%2019  
11&pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388459&pasta=ano%201911&pesq=>) Acesso em 22 abr. 2016.

SANTOS NETO, Manoel. **O negro no Maranhão**: a escravidão, a liberdade e a construção da cidadania. São Luís: Clara editora, 2004.

SANTOS, Maria Rita. Nascimento Moraes. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica- Precursores. v. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SARNEY, José. Vencidos e degenerados. In: MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

SILVEIRA, Oliveira. **Roteiro de tantãs**. Porto Alegre: Edição do autor, 1981.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia negra das Américas**: Solano Trindade e Langston Hughes. 2006. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais. Brasília: Fundação cultural palmares, 2006.

TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Fulgor, 1961.

WOORWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA. Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. São Paulo: Vozes, 2014.